

Relatório técnico



CONGRESSO /
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

19 e 20 de Novembro de 2010
Centro de Convenções da UNICAMP
Campinas/SP

Relatório técnico

Congresso Paraolímpico Brasileiro



CONGRESSO Unicamp
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Campinas – SP
2010

Congresso Paraolímpico Brasileiro

19 e 20 de Novembro de 2010

Promovido por:

Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB

Academia Paraolímpica Brasileira - APB

Faculdade de Educação Física – FEF/UNICAMP

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

CONGRESSO
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

REALIZAÇÃO:



UNICAMP



COMITÊ PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



FEF

25



UNIFESP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA

APOIO:

SESCSP
CAMPINAS

Conteúdo

Conteúdo

INFRA-ESTRUTURA	7
PROGRAMAÇÃO DO CONGRESSO	8
PALESTRANTES	13
CONGRESSISTAS	19
AVALIAÇÃO	36
DIVULGAÇÃO	42
BRINDES	43
ANAIS DO I CONGRESSO PARAOLÍMPICO BRASILEIRO	44
MENSAGEM DO PRESIDENTE DO CONGRESSO	48
ACADEMIA PARAOLÍMPICA – APB	55
RESUMOS DAS PALESTRAS	56
ESPORTE PARAOLÍMPICO NO BRASIL: ATUALIDADES E PERSPECTIVAS	56
TREINAMENTO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	57
FORMAÇÃO DE NOVOS ATLETAS	57
RESUMOS DAS MESAS REDONDAS	58
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	58
FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O ESPORTE PARAOLÍMPICO	59
AVALIAÇÃO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	60
RESUMOS DOS MINI-CURSOS	61
ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS	61
VÔLEI SENTADO	62
RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	63
REMO PARAOLÍMPICO	64
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA:	65
AVALIAÇÃO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	65
ANÁLISE DA INCIDÊNCIA DEMOGRÁFICA DE PATOLOGIAS NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA	66
ANÁLISE DAS PARTICIPAÇÕES DA NATAÇÃO BRASILEIRA EM JOGOS PARAOLÍMPICOS	67
ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DE LESÕES EM ATLETAS DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	68
ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR ENTRE VELOCIDADE MÉDIA DE DESLOCAMENTO DO JOGADOR DURANTE UMA PARTIDA E CAPACIDADE VITAL FORÇADA DE JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	69

ANÁLISE DO PERFIL EDUCACIONAL E ESPORTIVO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA VISUAL, PARTICIPANTE DA MODALIDADE GOALBALL NAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES BRASILEIRAS.....	70
ANÁLISE DOS EFEITOS DAS DIFERENTES CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE AGILIDADE FÍSICA	71
APLICABILIDADE DAS EQUAÇÕES DE PREDIÇÃO DE GORDURA CORPORAL PARA ATLETAS COM LESÃO MEDULAR.	72
AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ANTROPOMETRIA E PERCENTUAL DE GORDURA EM LESADOS MEDULARES.	73
AVALIAÇÃO INDIRETA DA CAPACIDADE CARDIORRESPIRATÓRIA EM ATLETAS COM LESÃO MEDULAR.	74
AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DE JOELHO EM ATLETAS PARAOLÍMPICOS: MODALIDADE ATLETISMO.	75
AVALIAÇÃO SENSÓRIOMOTORA DE JOGADORES DO FUTEBOL COM PARALISIA CÉREBRAL	76
AVALIAÇÃO DAS VARIÁVEIS ANTROPOMÉTRICAS E MOTORAS DE ATLETAS DE ELITE DE FUTEBOL PARA CEGOS.....	77
CARACTERIZACIÓN DE LA FRECUENCIA CARDÍACA Y LACTATEMIA EN ESGRIMA EN SILLA DE RUEDAS	78
COMPARAÇÃO ENTRE TESTE DIRETO E INDIRETO PARA DETERMINAÇÃO DO LIMAR ANAERÓBIO EM NADADOR PARADESPORTIVO	79
CORRELAÇÃO DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E DESEMPENHO MOTOR EM ATLETAS TETRAPLÉGICOS PRATICANTES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	80
DESEMPENHO EM TAREFA VIRTUAL DE ATLETAS DEFICIENTES PRATICANTES DE TÊNIS DE MESA.....	81
DESEMPENHO MOTOR DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA PARAOLÍMPICA DE 2010	82
DISPOSITIVO PARA DETECÇÃO DE INFRAÇÕES NA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS VIA REDE MICROPROCESSADA DE SENSORES.....	83
EFEITOS DE DIFERENTES CARACTERÍSTICAS DE CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE RESISTÊNCIA FÍSICA	84
ESTADO EMOCIONAL PRÉ-COMPETITIVO: COMPARAÇÃO ENTRE ATLETAS E GUIAS.....	85
LESÕES ESPORTIVAS EM ATLETAS PRATICANTES DE FUTEBOL DE 5 (FUTEBOL DE CEGOS)	86
METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE EMOÇÕES VIVENCIADAS DURANTE COMPETIÇÕES ESPORTIVAS PARAOLÍMPICAS	87
PERFIL ANTROPOMÉTRICO DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO TERCEIRO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS.....	88
RELAÇÃO ENTRE MARCADORES FISIOLÓGICO, BIOQUÍMICO E PSICOLÓGICO DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS E GUIAS 24HS ANTES DA COMPETIÇÃO: UM ESTUDO PILOTO	89
RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DA COLUNA EM ATLETAS DE BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS: UM ESTUDO PILOTO	90
TEMPO DE REAÇÃO NA SAÍDA DO BLOCO: UM ESTUDO DE CASO COM NADADORES PARAOLÍMPICOS	91
VALORACIÓN DIRECTA DEL CONSUMO DE OXÍGENO EN ESGRIMA EN SILLA DE RUEDAS.....	92
VARIAÇÃO DA PERFORMANCE DE NADADORES PARAOLÍMPICOS BRASILEIROS NO PERÍODO 2000 A 2008	93
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA:	94
TREINAMENTO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	94
ASSOCIAÇÕES FUNCIONAIS AO DESEMPENHO EM DOIS NADADORES PARAOLÍMPICOS SUBMETIDOS A UM PROGRAMA DE TREINAMENTO PERIODIZADO: UM ESTUDO DE CASO.....	95
BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS NO SUL DO BRASIL: BARREIRAS E FACILITADORES	96
CARACTERÍSTICAS MORFOFUNCIONAIS DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS DE LEVANTAMENTO SUPINO COM DIFERENTES NÍVEIS DE QUALIFICAÇÃO	97
CARACTERIZAÇÃO DO ATLETA MASCULINO DE VOLEIBOL PARAOLÍMPICO.....	98
CARACTERIZAÇÃO DO BASQUETE SOBRE RODAS.....	99
DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DA PROVA DE 100 METROS RASOS DOS VELOCISTAS OLÍMPICOS E OS PARAOLÍMPICOS CEGOS NAS OLÍMPIADAS E PARAOLÍMPIADAS DE SYDNEY (2000), ATENAS (2004) E BEIJING (2008)	100
DESENVOLVIMENTO DO TALENTO PARAOLÍMPICO NO TÊNIS DE MESA.....	101
ESPORTES PARAOLÍMPICOS: DA REABILITAÇÃO À SUPERAÇÃO	102
O DESPORTO ADAPTADO NA CIDADE DE MACEIÓ/AL.....	103
O ESPORTE PARAOLÍMPICO PARA ALÉM DO "OURO": UMA ABORDAGEM BIOÉTICA SOBRE A PRÁTICA DAS MODALIDADES BOCHA E RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	104
O EXERCÍCIO FÍSICO REDUZ A MASSA ADIPOSA E A CONCENTRAÇÃO DE LEPTINA EM LESIONADOS MEDULARES.....	105
ORIENTAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E MOTORA.....	106

QUALIDADE DE VIDA DOS ATLETAS QUE PARTICIPARAM DOS JOGOS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS (JIMI) NA MODALIDADE PARAOLÍMPICA DE ATLETISMO	107
TENDÊNCIAS COMPETITIVAS DE ATLETAS PRATICANTES DE MODALIDADES PARADESPORTIVAS.....	108
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA:	109
FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O ESPORTE PARAOLÍMPICO	109
DO PÁTIO AO PÓDIUM: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA DEFICIENTES VISUAIS NO ÂMBITO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT	110
ESTRATÉGIAS DE ENSINO E INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O TÊNIS DE MESA ADAPTADO.....	111
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA PARA A ATUAÇÃO NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA	112
O CENTRO DE REABILITAÇÃO COMO IMPORTANTE CELEIRO DE POTENCIAIS ATLETAS PARAOLÍMPICOS: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA DE 2005 ATÉ 2009	113
PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: OPORTUNIDADE PARA A PRÁTICA DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS.....	114
PROPOSTA DE INSERÇÃO DOS RECURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E DOS ESPORTES PARAOLÍMPICOS EM CONTEÚDOS CURRICULARES DAS DIFERENTES DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA... ..	115
RESULTADOS DA INTERVENÇÃO DE EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS.....	116
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA:	117
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	117
ANÁLISE DOS CÓDIGOS COM MAIOR COMPROMETIMENTO NAS CATEGORIAS DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF) DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS.....	118
ANÁLISE QUANTITATIVA DE ATLETAS INELEGÍVEIS E INCLASSIFICÁVEIS DAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES CLASSIFICADOS EM 2009 E 2010.....	119
AVALIAÇÃO DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS UTILIZANDO A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF).....	120
CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE NO DOMÍNIO DE ATIVIDADES E PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS DO "TORNEIO REGIONAL DE SÃO PAULO BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS".....	121
IDENTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES DOS JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS DURANTE O JOGO E SUA RELAÇÃO COM A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	122
LEVANTAMENTO DOS TIPOS DE DEFICIÊNCIA E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO ATLETISMO NO BRASIL.....	123
MAPEAMENTO DA CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE GOALBALL: UM ESTUDO DO MUNDIAL DE SHEFFIELD 2010	124
PARTICIPAÇÃO DE NADADORES DE CLASSIFICAÇÃO BAIXA NOS JOGOS ESCOLARES PARAOLÍMPICOS 2009/2010 E NOS JOGOS AQUÁTICOS DO CEARÁ 2010	125
RELAÇÃO ENTRE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E SPRINT DE 20M DE JOGADORES DE BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS	126
ÍNDICE DE AUTORES	127
CADERNO DO CONGRESSO	131
CARACTERIZAÇÃO DO BASQUETE SOBRE RODAS. PAULO ROBERTO BRANCATTI, BRUNO CÉSAR ROTOLY, DANIEL RIBEIRO DA SILVA, GUILHERME LUIS SANTANA LUCHESI, MAYLA FERRARI, CAMILA MATTOS, JOÃO PAULO CASTELETI.	151
<i>MAPEAMENTO DA CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE GOALBALL: UM ESTUDO DO MUNDIAL DE SHEFFIELD 2010. Alessandro TOSIM, José Julio Gavião DE ALMEIDA</i>	<i>156</i>



CONGRESSO,
Infra-estrutura
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO
Programação do congresso
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Programação

.: 19/Nov – Centro de Convenções da UNICAMP

08h00 – **Inscrições e entrega de material** – Hall

08h30 – **Cerimônia de Abertura** – Auditórios 1 e 3

Fernando Ferreira Costa - Reitor da UNICAMP

Orlando Silva - Ministro de Esportes

Andrew Parsons - Presidente do CPB

Paulo Ferreira de Araújo - Diretor da FEF/UNICAMP

Edison Duarte – Presidente do Congresso – FEF/UNICAMP

Pedro Paulo Abreu Funari – Centro de Estudos Avançados/UNICAMP

09h00 – **Esporte Paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas** –
Palestra – Auditórios 1 e 3

Andrew Parsons – Presidente do CPB

Coordenação: Paulo César Montagner – FEF/UNICAMP

09h30 – **Classificação Funcional** - *Mesa Redonda* - Auditórios 1 e 3

Patrícia Freitas – UFU – CPB

Peter Van de Vliet - DM – IPC

Helder Costa Filho DV – CPB

Coordenação: Ciro Winckler/UNIFESP/Santos

11h30 – **Sessão de Pôster** - *Ginásio FEF*

Coordenação: Comissão Científica

12h30 – **Intervalo para almoço**

14h00 – **Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico** -
Mesa Redonda - Auditórios 1 e 3

Michael Cary – IPC Academy/Inglaterra

José Júlio Gavião – FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

Coordenação: Edison Duarte – FEF/UNICAMP

16h15 - **Coffee Break** - Hall

16h30 - **Palestras:**

1 - Treinamento em Esporte Paraolímpico - Auditório 1

Marco Cardinale - Itália

Coordenação: Patrícia Silvestre de Freitas

2 - Palestra: Formação de Novos Atletas - Auditório 3

Colin Higgs – Canadá

Coordenação: Roberto Vital

.: 20/Nov – FEF/UNICAMP

9h00 às 12h00 – **Minicursos:**

1 - Esgrima – Salão de Dança FEF

Válber Nazareth – Academia da Força Aérea – AFA/CPB

2 - Vôlei sentado – Quadra de tênis FEF

Ronaldo Gonçalves de Oliveira – ABVP

Amauri Ribeiro – ABVP

3 - Rúgbi - Ginásio FEF

Mateus Betanho Campana – FEF/UNICAMP

Luís Felipe C. C. de Campos – FEF/UNICAMP

Eduardo Mayr – ABRC

Carlos Sigmaringa - ABRC

4 - Remo – Sala 5 FEF

José Paulo Sabadini de Lima - Confederação Brasileira de Remo

12h00 – **Almoço**

14h00 – **Avaliação em Esporte Paraolímpico** - Mesa Redonda (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Benedito Sergio Denadai – UNESP/Rio Claro

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Marco Túlio Mello - CEPE/UNIFESP

Coordenação: Alberto Martins da Costa – UFU/MG

17h00 - **Coffee Break** - Hall

17h30 – **Encerramento** - (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Andrew Parsons - Presidente CPB

José Júlio Gavião de Almeida – FEF/UNICAMP

Cursos Pré-Congresso

	17/Nov (FEF) Curso 1 (Sala 5)	18/Nov (Centro de convenções)	
		Curso 2 (Auditório 1)	Curso 3 (Auditório 3)
09h00 - 12h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha
14h00 - 18h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha



CONGRESSO, **Palestrantes**
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Cerimônia de Abertura – Auditórios 1 e 3

Fernando Ferreira Costa - Reitor da UNICAMP

Orlando Silva - Ministro de Esportes

Andrew Parsons - Presidente do CPB

Paulo Ferreira de Araújo - Diretor da FEF/UNICAMP

Edison Duarte – Presidente do Congresso – FEF/UNICAMP

Pedro Paulo Abreu Funari – Centro de Estudos Avançados/UNICAMP

Esporte Paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas – Palestra –
Auditórios 1 e 3

Andrew Parsons – Presidente do CPB

Coordenação: Paulo César Montagner – FEF/UNICAMP

Classificação Funcional - Mesa Redonda - Auditórios 1 e 3

Patrícia Freitas – UFU – CPB

Peter Van de Vliet - DM – IPC

Helder Costa Filho DV – CPB

Coordenação: Ciro Winckler/UNIFESP/Santos

Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico - Mesa Redonda - Auditórios 1 e 3

Michael Cary – IPC Academy/Inglaterra

José Júlio Gavião – FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

Coordenação: Edison Duarte – FEF/UNICAMP

1 - Treinamento em Esporte Paraolímpico - Auditório 1

Marco Cardinale - Itália

Coordenação: Patrícia Silvestre de Freitas

2 - Palestra: Formação de Novos Atletas - Auditório 3

Colin Higgs – Canadá

Coordenação: Roberto Vital

Minicursos:

1 - Esgrima – Salão de Dança FEF

Válber Nazareth – Academia da Força Aérea – AFA/CPB

2 - Vôlei sentado – Quadra de tênis FEF

Ronaldo Gonçalves de Oliveira – ABVP

Amauri Ribeiro – ABVP

3 - Rúgbi - Ginásio FEF

Mateus Betanho Campana – FEF/UNICAMP

Luís Felipe C. C. de Campos – FEF/UNICAMP

Eduardo Mayr – ABRC

Carlos Sigmaringa - ABRC

4 - Remo – Sala 5 FEF

José Paulo Sabadini de Lima - Confederação Brasileira de Remo

Avaliação em Esporte Paraolímpico - Mesa Redonda (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Benedito Sergio Denadai – UNESP/Rio Claro

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Marco Túlio Mello - CEPE/UNIFESP

Coordenação: Alberto Martins da Costa – UFU/MG

Encerramento - (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Andrew Parsons - Presidente CPB

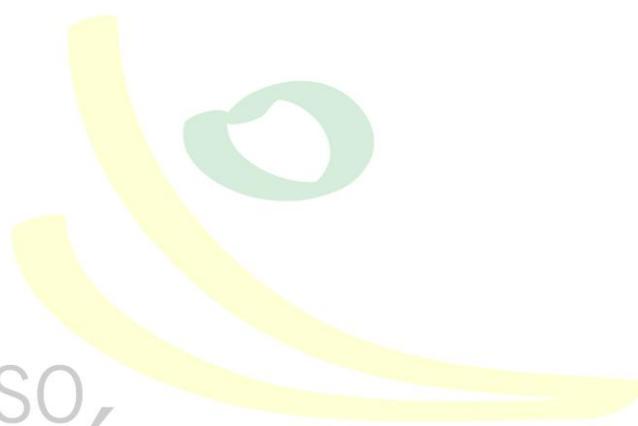
José Júlio Gavião de Almeida – FEF/UNICAMP

Cursos Pré-Congresso

17/Nov (FEF)		18/Nov (Centro de convenções)	
Curso 1 (Sala 5)		Curso 2 (Auditório 1)	Curso 3 (Auditório 3)
09h00 - 12h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha
14h00 - 18h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO, **Congressistas**
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Incritos Presentes Faltantes

Bolsa	301	219	82
Negada	180	141	39

CPF	Presença	Nome	Pag	Cidade	Estado	Curso
54965373634	S	Adauto José Noronha	S	Campinas	SP	Vôlei Sentado
32475714859	S	Adeilton de Souza Sene		Itaquaquecetuba	SP	Esgrima
84980419968	S	Adriana Couto Diedrichs		Bal.Camboriú	SC	Remo
77732120744	S	ADRIANA VIDAL SILVA		RIO DE JANEIRO	RJ	Remo
88268519649	S	Alexanddre Evangelista do Carmo		Pelotas	RS	Remo
30150515049	S	Alexandre Carriconde Marques		Sao Paulo	SP	Nenhum
28919988803	S	Alexandre Garrafa		Campinas	SP	Esgrima
29457329805	S	Alexandro Quirino da Silva Pereira		Uberlandia	MG	Vôlei Sentado
218617577	S	Aline Araujo do Carmo		ARARAQUARA	SP	Rúgbi
35050812801	S	Aline Basso	S	Curitiba	PR	Vôlei Sentado
31086430883	S	Aline Cristina Ducatti		JOINVILLE	SC	Nenhum
2048254900	S	ALINE MIRANDA STRAPASSON	S	São Caetano do Sul	SP	Nenhum
28412239814	S	ALINE NATALIA VILHENA DA SILVA	S	Jundiaí	SP	Remo
36935354854	S	Aline Silva e Sá	S	Joinville	SC	Nenhum
36991006858	S	Aline Stefanelli Marin		São J. do Rio Preto	SP	Remo
6191203985	S	Altemir Trapp		Saõ Joao del Rei	MG	Vôlei Sentado
9388190629	S	AMANDA DAMASCENO BRASILEIRO		Sao Paulo	SP	Nenhum
32720233803	S	Amanda Nunes Rabello		JOÃO PESSOA	PB	Nenhum
79278035815	S	AMAURY WAGNER VERISSIMO		Taguatinga	DF	Vôlei Sentado
4470637904	S	Ana Carolina Maia		Rio Branco	AC	Nenhum
40702336874	S	Ana Deise Rocha de Souza		Maceió	AL	Nenhum
39302130959	S	Ana Lúcia Motta Dias D Amico	S	São paulo	SP	Esgrima
6869242828	S	Ana Lúcia Pavão Pimentel		Campinas	SP	Remo
35151668153	S	Ana Lúcia Vieira de Souza		Ribeirão Pires	SP	Remo

15476796894	S	Ana Maria Fonseca Teixeira		presidente prudente	SP	Rúgbi
22143558805	S	Ana Tércia Venâncio Soares		Santos	SP	Vôlei Sentado
36845624836	S	André Bilhó Gatamorta		Santos	SP	Remo
18203980805	S	André Paulo da Silva Mendes	S	Uberlândia	MG	Esgrima
11186691778	S	André Pereira Carvalho Corrêa	S	Belo Horizonte	MG	Vôlei Sentado
4248875683	S	Andrea Carmen Guimarães		Jundiai	SP	Remo
87887983134	S	andrea jacusiel miranda		Jundiaí	SP	Remo
37014249851	S	Andréia C. Beltrão Cavalcanti	S	São Gonçalo	RJ	Rúgbi
28606740802	S	Andréia Maria Micaí Gatti		Porto Alegre	RS	Vôlei Sentado
20493096	S	Andressa da Silva de Mello		Rio de Janeiro	RJ	Nenhum
14619849200	S	Ângela Maria Pereira Amaral		Itu	SP	Vôlei Sentado
1602086028	S	Angélica Xavier kalinoski	S	São PAulo	SP	Vôlei Sentado
8435672603	S	ANNE PEIXOTO RODRIGUES	S	JOINVILLE	SC	Vôlei Sentado
70927855704	S	Antonio Nascimento	S	Valinhos	SP	Rúgbi
91209994534	S	Antonio Fernando Partelli de Mello		Curitiba	PR	Rúgbi
25899418893	S	Artur Jose Squarisi de Carvalho	S	Presidente Prudente	SP	Vôlei Sentado
34567803892	S	Betsaida dos Santos		Campinas	SP	Rúgbi
37932234859	S	Bruna Barboza Seron	S	Serra Negra	SP	Esgrima
40156470845	S	Bruna Freitas Romero	S	Campinas	SP	Vôlei Sentado
7120948903	S	Bruno a vicente	S	Itapira	SP	Nenhum
32722170884	S	Bruno Belchior Basei		Rio de Janeiro	RJ	Rúgbi
34383326803	S	Bruno Henrique Pignata		São Miguel do Iguaçu	PR	Rúgbi
12998208754	S	Bruno Rodrigues Dias	S	RIO DE JANEIRO	RJ	Rúgbi
90708334687	S	Caio Ferraz Cruz		Uberaba	MG	Rúgbi
3353179364	S	camila amaral martins nunes	S	Itu	SP	Vôlei Sentado
36899068818	S	Camila Lopes de Carvalho		joao pessoa	PB	Vôlei Sentado
35585969862	S	Camila Pinheiro de Mattos		SAO APULO	SP	Remo
33002853801	S	Camilla Bilha		Uberlândia	MG	Nenhum
31249031885	S	Carlos Alonso Farrenberg		Santos	SP	Nenhum
9307034800	S	Carlos Monteiro		São Luís	MA	Vôlei Sentado
95768203915	S	Carlos Garletti		Niterói	RJ	Vôlei Sentado
12810743819	S	CARLOS HENRIQUE SALGADO	S	Viçosa	MG	Vôlei Sentado
51139634615	S	Carmem Regina Calegari		Valinhos	SP	Nenhum

59606240959	S	Celia Regina Lopes		São paulo	SP	Esgrima
22147169803	S	Chimênia Crós		mirassol	SP	Rúgbi
9906389796	S	Clarisse Gomes Pereira	S	Brasilia	DF	Esgrima
68859830630	S	Cláudia Barsand de Leucas	S	Campinas	SP	Rúgbi
1019050764	S	Claudia Gomes Rombaldi		SANTOS	SP	Vôlei Sentado
2987272774	S	Claudio Alves Fernandes		Campinas	SP	Rúgbi
51666073172	S	Claudio Diehl Nogueira		Toledo	PR	Rúgbi
33500757898	S	Claudio Luis Roveri Vieira		Uberlândia	MG	Nenhum
11858556880	S	Claudio Portilho MAGalhães		Itajaí	SC	Esgrima
9711318725	S	Cristiana de Oliveira Machado Soares		Joinville	SC	Nenhum
8091910754	S	Cristiano da Silva Cerqueira		Bauru	SP	Esgrima
18214538831	S	Cristiano Douglas Lopes		Santos	SP	Remo
1991600909	S	Daisy Luciane Ferrari		rio de janeiro	RJ	Remo
7895508733	S	Daniel Joppert		SANTOS	SP	Rúgbi
31382500840	S	Daniel Ribeiro da Silva		Fortaleza	CE	Nenhum
29343608810	S	Daniel Torrisi		Uberlândia	MG	Remo
38090569870	S	Daniela Bento Soares		Uberlândia	MG	Vôlei Sentado
4971149929	S	DANIELA PARIZOTTO	S	Valinhos	SP	Vôlei Sentado
26719409808	S	Daniele Cristina Pereira		Fortaleza	CE	Vôlei Sentado
36861542857	S	Danyelle Fernanda de Souza Benatti	S	São Paulo	SP	Remo
5568119767	S	Davi Chaves Ribeiro		fortaleza	CE	Nenhum
32265870803	S	Débora Bedran Amaral	S	Uberlândia	MG	Remo
40584668805	S	Debora Caroline Correa da Silva	S	Uberlandia	MG	Nenhum
6040154969	S	DEBORA MACIEL	S	são paulo	SP	Rúgbi
11495005739	S	Deborah Letícia Ciarla	S	Pres. Prudente	SP	Rúgbi
30895602830	S	Diego Leandro Lovatto		Curitiba	PR	Nenhum
10356043703	S	Diogo Cardoso da Silva		Rio de Janeiro	RJ	Rúgbi
33570639720	S	DOROTHY G. C. FIGUEIREDO		Uberlândia	MG	Nenhum
6722600696	S	Edilia Aparecida Mendes		Pres. Prudente	SP	Esgrima
29106160883	S	Eduardo de Paula Azzini	S	Florianópolis	SC	Remo
5231445800	S	Edvaldo Bueno de Oliveira		Goiânia	GO	Rúgbi
1729880983	S	elaine cappellazzo souto		Uberlândia	MG	Esgrima
11617648876	S	ELIANA MUTCHNIK		Taguatinga	DF	Rúgbi
47533846915	S	Eliana Patricia Pereira		Nova Iguaçu	RJ	Rúgbi

6203924873	S	ELIANE FERRARI CHAGAS		Aracaju	SE	Esgrima
10477558828	S	Eliane Maria de Carvalho		SUMaré	SP	Esgrima
30918483883	S	Elissa Hanayama		Ilhéus	BA	Vôlei Sentado
22357713860	S	Elizabeth de Cássia Bianconi	S	Campinas	SP	Rúgbi
26929180378	S	Elizabeth Santana Alves de Albuquerque		São Paulo	SP	Rúgbi
3525845642	S	EMILENE ROSA ALVES DOS SANTOS		Araraquara	SP	Vôlei Sentado
21571296859	S	ENIA DE CÁSSIA SILVA PEREIRA	S	Campinas	SP	Rúgbi
8320095719	S	Erick Francisco Quintas Conde		Limeira	SP	Nenhum
45391920604	S	Eveline Torres Pereira		Rio de Janeiro	RJ	Remo
4008457925	S	EVERALDO BRAZ LUCIO		Uberlândia	MG	Esgrima
29402923888	S	Everton Roberto de Arruda	S	Campinas	SP	REMO
36868162880	S	Fabiana Lopes Purchatti		Uberlândia	MG	Esgrima
29463850864	S	Fabiano quirino da Silva Pereira		Vitória	ES	Rúgbi
28222023896	S	Fábio Parpineli de Araújo		RIO DE JANEIRO	RJ	Nenhum
21473626897	S	FAYOLA DAIANE BUENO DA SILVA	S	Santos	SP	Rúgbi
11766991726	S	Felipe Alves Jacovazzo		campinas	SP	Nenhum
33377946888	S	felipe machado		campinas	SP	Vôlei Sentado
96856564104	S	Felipe Machado Costa Ernest Dias		Uberlândia	MG	Esgrima
36854243866	S	Fernanda Contri Messali	S	Uberlândia	MG	Vôlei Sentado
38039248809	S	Fernanda Duarte Pereira		NITEROI	RJ	Nenhum
33915837890	S	Fernanda Santos Rocha		Uberlândia	MG	Esgrima
719426960	S	FERNANDO CHAVES	S	São Paulo	SP	Nenhum
46535055604	S	Fernando Dias		Catanduva	SP	Vôlei Sentado
34752593890	S	Fernando Luiz Bustamante Bueno Oliveira		GOIANIA	GO	Nenhum
6626286919	S	FERNANDO ROSCH DE FARIA		São Paulo	SP	Rúgbi
8643544604	S	Fernando Teixeira dos Santos		Belo Horizonte	MG	Nenhum
2340656729	S	Flavia Albuquerque Figueiredo	S	Sã José dos Campos	SP	Esgrima
6474883456	S	Flávio Anderson Pedrosa de Melo	S	Cerquillo	SP	Rúgbi
32350932818	S	Francine Pereira de Carvalho		Campinas	SP	Vôlei Sentado
3189379807	S	FRANCISCO GENTIL FERREIRA	S	Uberlândia	MG	Vôlei Sentado
1732591890	S	Frederico Tadeu Deloroso		campinas	SP	Nenhum
16205516837	S	Gabriela Gallucce Tolo		Sao Paulo	SP	Nenhum
31290614873	S	gabriela vieira lima	S	RJ	RJ	Rúgbi
37105905824	S	George Oliveira de Andrade Filho		Curitiba	PR	Rúgbi

7454164706	S	GEORGE SOUZA DE ALMEIDA		Rio do Ouro	RJ	Rúgbi
22115087828	S	Gerson dos Santos Leite	S	RJ	RJ	Nenhum
	S	Getúlio de Souza Filho		São Paulo	SP	Nenhum
36249908889	S	Giovanna Carla Interdonato	S	poa	SP	Rúgbi
14035843890	S	Gláucia Magalhães Pereira de Araújo		Taboão da Serra	SP	Rúgbi
32823425861	S	Glauco Ungari Anelli	S	Itajaí	SC	Remo
22459035870	S	GLECEMARA SILVA SOUSA	S	Rio de Janeiro	RJ	Vôlei Sentado
8228250827	S	GRACIELE MASSOLI RODRIGUES	S	Jacareí	SP	Vôlei Sentado
4722508682	S	Graziela Fátima Pereira	S	Bragança Paulista	SP	Vôlei Sentado
50902202049	S	GUILLERMO SANCHIS GRITSCH		Vitória	ES	Remo
98683390659	S	Gustavo Maciel Abrantes		Mogi das Cruzes	SP	Vôlei Sentado
40703203851	S	Gustavo Trevisan Costa		Belem	PA	Vôlei Sentado
2281923150	S	Haiany Borges Silveira e Oliveira		Rio Branco	AC	Vôlei Sentado
22786801885	S	Hélio Mamoru Yoshida		Toledo	PR	Vôlei Sentado
6457049893	S	Heloísa Stangier Pires Barbosa		Uberlândia	MG	Esgrima
5792901740	S	Helton de Sá Souza		uberlandia	MG	Nenhum
7105020601	S	Henrique Santos Duarte Lemos		Rio de Janeiro	RJ	Rúgbi
26295534856	S	Hudson Paim Pamplona		UBERLÂNDIA	MG	Nenhum
32925427820	S	Ingrid Bruna de Sales	S	Presidente Prudente	SP	Rúgbi
49389157315	S	Ítalo Maciel V. L. Gomes		São Carlos	SP	Vôlei Sentado
29724856704	S	Ivaldo Brandao Vieira		Rio de Janeiro	RJ	Nenhum
36616974804	S	ivan mello garcia	S	Campinas	SP	Vôlei Sentado
30449266885	S	Ivan Trombino Taiar		ARTUR NOGUEIRA	SP	Nenhum
2150714841	S	Ivana Marta da Silva		guarulhos	SP	Remo
89032152734	S	Jacqueline Dourado Penafort		Campinas	SP	Vôlei Sentado
0	S	Jaime Pacheco		Santos	SP	Rúgbi
63964660906	S	James Walter Lowry Neto		São Paulo	SP	Esgrima
34053788854	S	Jamison de Melo Valiéro		Uberlândia	MG	Rúgbi
2605769720	S	Janaina de S. Marinho T. Codea		maceio	AL	Remo
33699000842	S	JANAINA SANZOVO PEREIRA	S	UBERLANDIA	MG	Esgrima
8637712622	S	Jeniffer Lubiana Campos	S	São Paulo	SP	Nenhum
31597868892	S	JESSICA CHOI		rio de janeiro	RJ	Rúgbi
35232276824	S	João Antonio Fonseca Borges	S	ITU	SP	Rúgbi

5618752603	S	João Elias Dias Nunes		RIO DE JANEIRO	RJ	Rúgbi
31843252880	S	João Paulo Casteleti de Souza		Campinas	SP	Nenhum
3063872474	S	JONAS MORAIS SOBRINHO		São Paulo	SP	Rúgbi
31613616015	S	Jorge Ricardo Jardim Flor		São José dos Campos	SP	Nenhum
81948409	S	Jose Agtonio Guedes Dantas		HORTOLÂNDIA	SP	Nenhum
26595880822	S	José Cristiano Nogueira	S	Rio de Janeiro	RJ	Vôlei Sentado
8899291659	S	Jose Domingos Prado Silva		brasilgia	DF	Esgrima
12780245816	S	José Osvaldo Teixeira Junior		santa barbara doest	SP	Rúgbi
33093300282	S	JOSÉ RENATO OLIVEIRA DE OLIVEIRA		Santos	SP	Vôlei Sentado
72501553187	S	Jose Ricardo Rafael Miranda		Mojimirim	SP	Vôlei Sentado
77153960791	S	José Salomão Dantas		Campinas	SP	Vôlei Sentado
863999930	S	JOSIANE FUJISAWA FILUS		São Paulo	SP	Nenhum
6061759975	S	JOSIMAR MACULAN	S	Cianorte	PR	Rúgbi
59781319968	S	Joslei Viana de Souza		Rio de Janeiro	RJ	Remo
36551936881	S	JULIA ZOCCOLARO DURIGAN	S	São Paulo	SP	Nenhum
5423579929	S	Juliana Landolfi Maia		Campinas	SP	Esgrima
6343446923	S	Juliana Martins de Azevedo	S	São Paulo	SP	Vôlei Sentado
61759597600	S	Juliana Martuscelli da Silva Prado		FERRAZ DE VASCONCELO	SP	Nenhum
32695263856	S	juliana pereira soares		São Bernardo do Camp	SP	Vôlei Sentado
21431544884	S	Juliana Rondon Bernar Aiello		santos	SP	Remo
9602233630	S	JULIANA TERESA OLIVEIRA		Niterói	RJ	Rúgbi
29406911850	S	Juliana Viana Paris		uberlandia	MG	Rúgbi
3992189805	S	JULIO CESAR MONTEIRO DA SILVA	S	São Jose do Rio Pret	SP	Vôlei Sentado
36925654880	S	JÚLIO CÉSAR PEREIRA	S	MACAPA	AP	Rúgbi
63340623791	S	Júlio Noronha		Aracaju	SE	Vôlei Sentado
8134482635	S	Jullyne Carvalho Ferre		recife	PE	Nenhum
5873989656	S	Junara Paiva Pereira Marcacini		S.B.Campo	SP	Rúgbi
35162475840	S	Kaio César Gratão Fonseca		santos	SP	Remo
27235621826	S	Karine Jacon Sarro		Aracaju	SE	Vôlei Sentado
13714481249	S	KATIA HELENYR T. LIMA DE LIMA		Curitiba	PR	Esgrima
62717634720	S	KATIA MARIA GUEDES CALLERI		São Paulo	SP	Nenhum
34877849807	S	Kell Grandjean da Costa		São Paulo	SP	Rúgbi
32652447840	S	Kelly Cristina Rocha Gradwool		Curitiba	PR	Nenhum

25804056824	S	keyla ferrari lopes		São Paulo	SP	Remo
2267612151	S	keylla holanda fontenele	S	Santos	SP	Rúgbi
22451780843	S	Kizzy Fernandes Antualpa		SÃO PAULO	SP	Nenhum
8847735661	S	Lara Nery Peixoto	S	Porto Velho	RO	Nenhum
9185499650	S	Larissa Peres Vieira		abaetetuba	PA	Nenhum
2103847008	S	LAURA GARCIA JUNG	S	belem	PA	Vôlei Sentado
7869855693	S	LEANDRO LEONI FRANCO		Uberlândia	MG	Nenhum
8246763784	S	LEANDRO MENDES DA SILVEIRA		RIO DE JANEIRO	RJ	Vôlei Sentado
10196597692	S	Lorena Borges Ávila		São Paulo	SP	Remo
36349148827	S	Lucas Coelho Cavalheiro		Valinhos	SP	Nenhum
22182680861	S	Lucas Guimarães Pagani	S	Toledo	PR	Nenhum
59675578904	S	Lucia Leonor Toaldo	S	Belém	PA	Vôlei Sentado
90169913104	S	LUCIANA SANTO ANDRÉA ORTEGA		Jundiaí	SP	Vôlei Sentado
8078596804	S	Luciano Rodrigues Afonso		Jundiaí	SP	Nenhum
	S	Luis Cláudio		Guarulhos	SP	Vôlei Sentado
28695855864	S	LUIS GUSTAVO AMORIM		Ribeirão Preto	SP	Nenhum
29011079825	S	Luis Gustavo Corrêa Leite		Itu	SP	Nenhum
4378808692	S	Luis Gustavo Santana Portugal		Valinhos	SP	Remo
1648281842	S	LUIZ APARECIDO DOS SANTOS		Campinas	SP	Esgrima
25360723807	S	Luiz Fernando Soares Leite		João Pessoa	PB	Nenhum
37033146809	S	Luiz Henrique Piccin Scudeler		brasilia	DF	Nenhum
10135384800	S	Luiz Marcelo Ribeiro da Luz		São Paulo	SP	Vôlei Sentado
25073474813	S	Maico Cleber Cabestre				
7684900650	S	Maicon Reis Fernandes de Menezes		brasilia	DF	Rúgbi
7799927682	S	Maitê Spirandelli Carvalho Matheus		UBERLANDIA	MG	Remo
26064905840	S	MANUELA BAILÃO		Curitiba	PR	Remo
72285842791	S	Marcelo Borner de Araújo		PRESIDENTE PRUDENTE	SP	Nenhum
81636813	S	Walter Russo				
9490085839	S	Mara Patrícia Traina Chacon Mikahil		Rio de Janeiro	RJ	Remo
13554957844	S	Marcela Rossana Solis Prado		Campinas	SP	Remo
1030083819	S	Marcia Perides Moisés		Campinas	SP	Esgrima
6007494870	S	marcia regina cezario		Bragança Paulista	SP	Remo
1827573821	S	Marco Antonio Ferreira Alves		Londrina	PA	Remo
26343859861	S	Marco Aurelio Lima Borges		Campinas	SP	Esgrima

76407276934	S	Marcos José Tomaz		Uberlândia	MG	Remo
3221796889	S	Marcos Rojo Prado		Campinas	SP	Esgrima
80150772572	S	Marcos Silva Marques		Campinas	SP	Nenhum
44256868968	S	MARIA APARECIDA DA CONCEIÇÃO		MOGI DAS CRUZES	SP	Nenhum
	S	Maria da Graça Baldo Loroço		Poços de Caldas	MG	Remo
14523996890	S	Maria de Lourdes da Rocha		Santarém Portugal	PA	Esgrima
15161765291	S	MARIA AQUINO		São Luis	MA	Esgrima
59542837615	S	Maria Helena Candelori Vidal		Uberlandia	MG	Remo
8276808646	S	maloa de fatima francisco	S	araguari	MG	Remo
55978550182	S	Mara Rúbia Marques Lourenço	S	sao paulo	SP	Nenhum
3561480764	S	Marcelo de Castro Haiachi	S	Sao Paulo	SP	Nenhum
80742025934	S	Marcelo Martins Kamarowski		Sp	SP	Nenhum
82154872700	S	MARCELO MOREIRA ANTUNES	S	Uberlândia	MG	Remo
1851538798	S	Marcia Cristina Moura Fernandes		ITAPEVA	SP	Nenhum
672565706	S	Márcia da Silva Campeão	S	Guarujá	SP	Esgrima
24642245880	S	Márcia Greguol	S	ITAQUAQUECETUBA	SP	Nenhum
75227142904	S	Maria de Fátima Fernandes Vara Sípoli	S	Campinas	SP	Esgrima
40661535851	S	mariana cruz lazzarin		Dracena	SP	Esgrima
1908997001	S	Mariane Borges		Uberlândia	MG	Rúgbi
8940469690	S	Mariele Silva Almeida		Araraquara	SP	Nenhum
8113095683	S	Marília de Melo Dias		TOLEDO	PR	Vôlei Sentado
8509467609	S	Marília Naves Rodrigues	S	campinas	SP	Rúgbi
38107221893	S	marina tebaldi	S	Campinas	SP	Rúgbi
42885078987	S	Mario Sérgio Fontes	S	Campinas	SP	Nenhum
91755948700	S	Marise do Nascimento Figueiredo	S	Campinas	SP	Rúgbi
37965411865	S	Mateus Pedroso da Cruz de Andrade	S	São João de Meriti	RJ	Rúgbi
83620052620	S	MAURICIO DE OLIVEIRA SOARES		Campinas	SP	Vôlei Sentado
9387788709	S	Mauro A Guerra Jr		Campinas	SP	Rúgbi
33757483880	S	Mayla Fernanda Zaku do Nascimento	S	Piracicaba	SP	Esgrima
36364937870	S	Mayla Sartóri Ferrari		Nova Iguaçu	RJ	Rúgbi
36698716839	S	Melina Radaelli Gatti	S	Mairiporã	SP	Remo
10209926899	S	Mey de Abreu van Munster		Belém	PA	Nenhum
8767217737	S	michelle de medeiros domiciano	S	MOGI DAS CRUZES	SP	Vôlei Sentado
27306414836	S	Monica Rocha de Jesus		São Paulo	SP	Nenhum

74322451772	S	Moyses Messias Souza de Sant'Anna		Pelotas	RS	Esgrima
14388496804	S	MURILO ARSENIO SPINA		Belo Horizonte	MG	Vôlei Sentado
33255942802	S	Natália de Almeida Rodrigues		Campinas	SP	Esgrima
33765098833	S	NATÁLIA DELGADO		Itupeva	SP	Remo
35175588850	S	Natalia Incerti Pereira		Londrina	PR	Esgrima
31017747806	S	Natalia Xavier		Campinas	SP	Vôlei Sentado
3322222179	S	NATHALIA CAVALCANTI DE ARAUJO	S	campinas	SP	Vôlei Sentado
31469628880	S	Nathália Hupsel Silva de Castro		Campinas	SP	Rúgbi
37263491893	S	Nathasha Reimberg		Suzano	SP	Vôlei Sentado
7202346893	S	neiza de lourdes frederico fumes		Joinville	SC	Nenhum
27384359805	S	Otávio Luis Piva da Cunha Furtado	S	curitiba	PR	Vôlei Sentado
25483350898	S	Pablo Carvalho Pires de Almeida		Suzano	SP	Vôlei Sentado
4463474698	S	PABLO SILVA PIRES		BH	MG	Esgrima
36819813880	S	Patrícia Rossi	S	SP	SP	Rúgbi
4511471622	S	Patrícia Santolia		valinhos	SP	Esgrima
32318645850	S	Patricia Santos de Oliveira	S	Rio de Janeiro	RJ	Remo
32159942839	S	Paula da Silva Belei	S	Bragança Paulista	SP	Rúgbi
35367166873	S	PAULA PIZZOLLI TERRON	S	CAÇADOR	SC	Esgrima
	S	Paula Teixeira Fernandes Boaventura		poços de caldas	MG	Nenhum
12974049800	S	PAULO CÉSAR BONIFÁCIO BISPO	S	Lages	SC	Nenhum
7173010870	S	Paulo Henrique Veradi		Piracicaba	SP	Esgrima
15499256870	S	paulo roberto dias pinheiro junior		Curitiba	PR	Esgrima
8810333837	S	PAULO SERGIO IEVENS DE SOUZA	S	São Carlos	SP	Rúgbi
5736896877	S	PAULO SERGIO SALES		São Paulo	SP	Nenhum
36409825846	S	pedro henrique santos de oliveira		CAMPINAS	SP	Nenhum
9849843721	S	Pedro Paulo Silva de Oliveira	S	CURITIBA	PR	Rúgbi
35117728858	S	Priscila Casanova		Ouro Verde do Oeste	PR	Remo
5852185604	S	Rachel Ramos de Souza		Balneário Camboriú/S	SC	Rúgbi
35939381898	S	Rafael José Almeida de Oliveira		NATAL	RN	Rúgbi
3759437303	S	Raíssa Forte Pires Cunha	S	navegantes	SC	Remo
67076556715	S	Ramon Pereira de Souza		Caçador	SC	Rúgbi
433299851	S	Regina Celia da Silva		Maceió	AL	Rúgbi
51675234191	S	reginaldo salles miranda		joão pessoa	PB	Nenhum
33762730814	S	Renan Luis de Oliveira		Rio Claro	SP	Esgrima

29581661808	S	RENATA BARTIOTTI PINTO DE OLIVEIRA	S	Suzano	SP	Vôlei Sentado
39426428836	S	Renata Botelho		Londrina	RR	Esgrima
34343523845	S	RENATA DE OLIVEIRA E SILVA	S	SERRA	ES	Vôlei Sentado
6104936806	S	Renata Prado Cheidde		LOUVEIRA	SP	Vôlei Sentado
9978888659	S	Renata Santos Vilas Boas		Conselheiro Lafaiete	MG	Rúgbi
31340355884	S	RENATO MONTEIRO DA SILVA		Sumaré	SP	Vôlei Sentado
22066213802	S	Renato Rocha Bissolotti		Curitiba	PR	Remo
43275036904	S	Ricardo José de Souza		São Luís	MA	Remo
7598056870	S	Ricardo Shimosakai		Guarulhos	SP	Remo
25583245867	S	Ricardo Silva Melo		são josé dos campos	SP	Nenhum
	S	Rita de Cássia		SÃO LUIS	MA	Remo
22011787807	S	Roberta Pitta Costa Luz		sao jose dos campos	SP	Vôlei Sentado
53647815934	S	ROBERTO HUGO FERRAZ	S	Vila Velha	ES	Rúgbi
19440984880	S	RODRIGO AMBONATE LOPES		Sumaré	SP	Rúgbi
38342003876	S	rodrigo artese barros		CAMPINAS	SP	Nenhum
9356104727	S	Rodrigo Saraiva Moreno		Caçador	SC	Remo
26632535100	S	Rogério José Maria Borges		Joinville	SC	Nenhum
9569268867	S	Rogério Meireles Franco		Campo Mourão	PR	Rúgbi
26588951515	S	Rosa M ^a Moura de Azevedo Souza		Presidente Prudente	SP	Esgrima
94933987734	S	Rosane Beltrão da Cunha Carvalho	S	Pelotas	RS	Esgrima
11967294844	S	Rosemeire Ribeiro Castilho		Itajaí	SC	Esgrima
30931199875	S	Rosiane Farias Da Silva		capinzal	SC	Remo
58502300920	S	Rosicler Ravache		CONSELHEIRO LAFAIETE	MG	Vôlei Sentado
45091625020	S	ROSILENE MORAES DIEHL	S	Lages	SC	Vôlei Sentado
19906331534	S	Rozilma Andrade Valverde Lima		BRAGANÇA PAULISTA	SP	Nenhum
89343794134	S	RUDSON JESUS PEREIRA	S	Campinas	SP	Vôlei Sentado
43630871968	S	Ruth Eugenia Cidade		muzambinho	MG	Rúgbi
18083844829	S	Samira Ghassan Saleh		Taguatinga	DF	Esgrima
65208978687	S	Sandra Souza de Queiroz		Aracaju	SE	Rúgbi
5984773651	S	Sarah Veloso Rocha		Rio de Janeiro	RJ	Esgrima
5291680903	S	SARITA CARDOSO	S	Niterói	RJ	Vôlei Sentado
56205155915	S	Sergio Adriano Vida	S	Curitiba	PR	Esgrima
13888510830	S	SERGIO JOSE DE CASTRO		João Pessoa	PB	Nenhum
11754617840	S	SERGIO RICARDO GATTO DOS		São Paulo	SP	Vôlei

		SANTOS				Sentado
39861293833	S	Shaeny Gomes da Costa		campinas	SP	Rúgbi
24842058803	S	Sheila Molchansky Rodrigues	S	Mogi Mirim	SP	Rúgbi
84776447649	S	Sídnei Carlos de Parolis	S	Ribeirão Preto	SP	Rúgbi
11510800808	S	SILENO DA SILVA SANTOS		Itaquaquecetuba	SP	Rúgbi
4349791981	S	Silmara Lourenço Fernandes		rio de janeiro	RJ	Rúgbi
25508466304	S	Silvana Maria Moura da Silva	S	Vitória de Santo Antão	PE	Rúgbi
22488977829	S	Silvia Schich Rodrigues		BRASILIA	DF	Esgrima
16295712886	S	SILVIA SORAIA DA SILVA	S	FErnandopolis	SP	Vôlei Sentado
31362032832	S	Silvia trindade Marien	S	São Gonçalo	RJ	Vôlei Sentado
26975602204	S	simone farias houat carvalho		Campinas	SP	Vôlei Sentado
36830864836	S	SIMONE GONÇALVES DE PAIVA	S	Campinas	SP	Vôlei Sentado
48163856653	S	Sônia Bertoni		Campinas	SP	Esgrima
85312851787	S	SORAIA IZABEL CORRÊA CABRAL		rio de janeiro	RJ	Rúgbi
31145473890	S	SUELEN DAIANA POLANCZYK		Campinas	SP	Esgrima
8601136630	S	Suelen Gonçalves Cortes		fortaleza	CE	Esgrima
83837086100	S	Tatiane Jacusiel Miranda		Goiânia	GO	Rúgbi
4372746911	S	Tatiane Pereira		SOROCABA	SP	Vôlei Sentado
36089267805	S	Tatiane Ramos Monteiro		São Paulo	SP	Vôlei Sentado
17350727291	S	Telma Suely Bezerra do Nascimento		Rio Branco	AC	Vôlei Sentado
30068710810	S	Thaís Aoki Saito		Aracaju	SE	Rúgbi
21860956882	S	Thais Qualio Ferreira Camargo		Caçador	SC	Esgrima
34502245810	S	Thaísa Godoy Macedo Machado		São Vicente	SP	Rúgbi
36937154836	S	Thales Moises Camilo		Jundiaí	SP	Remo
36912742858	S	Thiago P. Magalhães		ITAJAÍ	SC	Rúgbi
9248914756	S	THIAGO SANTOS DA SILVA NUNES	S	Rio de Janeiro	RJ	Rúgbi
8551562878	S	Valdeci Carlos Dionisio		SÃO PAULO	SP	Vôlei Sentado
16727735808	S	Valdecir Lopes da Silva	S	americana	SP	Vôlei Sentado
26666725816	S	Vanderlei Antonio Carlos	S	Mogi guaçu	SP	Vôlei Sentado
8790188799	S	VANESSA ROCHA ZARDINI NAKAJIMA	S	Viçosa	MG	Vôlei Sentado
20390769800	S	VANILTON SENATORE		Uberlândia	MG	Esgrima
82298670897	S	Vera Aparecida Madruga		Campinas	SP	Esgrima
6356236841	S	vera de godoy ribeiro	S	NITEROI	RJ	Nenhum

418081859	S	Verena Junghahnel Pedrinelli		Praia Grande	SP	Vôlei Sentado
36895687491	S	Verônica Aaraújo Cavalcanti de Melo		Joinville	SC	Nenhum
29829964809	S	Victor Wang Fernandez	S	Rio de Janeiro	RJ	Remo
34658407809	S	Vinícius Kirstus	S	louveira	SP	Nenhum
3698579170	S	Vinícius Luis Cyrillo de Lima	S	Brasília	DF	Remo
11915442737	S	VINICIUS MENEGARDO NUNES	S	CARIACICA	ES	Rúgbi
33413290134	S	VIRGINIA SARA SAAD		Valinhos	SP	Rúgbi
33548893813	S	VIVIAN MARIA DOS SANTOS PARANHOS	S	Catanduva	SP	Vôlei Sentado
30334278805	S	Vivian Modolo		Matão	SP	Vôlei Sentado
10395599806	S	Wagner Augusto Ferreira		campinas	SP	Rúgbi
31119749875	S	WAGNER RODRIGUEZ OLIVEIRA				remo
39079071838	S	Walkiria Gomes de Moraes				
89861884149	S	wanderson araujo cavalcante				
4234114626	S	WÉVERTON LIMA DOS SANTOS				
	S	Marília Passos Magno e Silva				
	S	Rafael Botelho				
83073892753		adinea trubat		rio de janeiro	RJ	Remo
388574992		Aldo Pavesi		Jundiaí	SP	Vôlei Sentado
25652500883		Alessandro Tosim		Araraquara	SP	Vôlei Sentado
22218056828		Alex José Sabino		Serra	ES	Vôlei Sentado
30736490850		Alexandre da silva fernandes	S	Novo Horizonte	SP	Nenhum
84716541649		Alexsandro Damas Francisco		Limeira	SP	Nenhum
38990531845		Aline Milke Martins		curitiba	PR	Rúgbi
41892158809		Aline Santos Souza		Brasilia	DF	Esgrima
28639761841		ALISSON ALVES DA SILVA		Santos	SP	Remo
41015209840		Alvim Stahl Neto		santos	SP	Esgrima
7560064736		Amanda de Oliveira Pereira		Belem	PA	Vôlei Sentado
25043115831		Ana Carolina de Mello Alves Rodrigues		Aracaju	SE	Vôlei Sentado
35146748845		Ana Carolina Santana de Oliveira		sao paulo	SP	Nenhum
10451487761		Ana Maria Alves Moura Sá		Americana	SP	Vôlei Sentado
15168436811		ANDRE DOS SANTOS PRATES		são paulo	SP	Nenhum
26730723220		ANDRE LUIS DOS SANTOS BAIA	S	Ponta Grossa	PR	Nenhum
30057362882		ANDRE SORES TRINDADE		Uberlandia	MG	Nenhum
6802225611		Anna Camila de Carvalho Rocha		Petrópolis	RJ	Vôlei

						Sentado
52636763449		ANTONIO DE PÁDUA ALVES DA COSTA		Niterói	RJ	Remo
72263296549		Antônio Ferreira de Melo Júnior		Niterói	RJ	Esgrima
31104219840		ÁUREA SAYURI SHIHONMATSU		Vinhedo	SP	Rúgbi
23350032249		AURENILCE CAMELO CAMPOS		Campinas	SP	Esgrima
5443593480		Bianca Santos da Costa		Jundiaí	SP	Remo
25847766858		Caio Vinícius Borrozini		cacoal	RO	Nenhum
5546732903		Carlos Eduardo Ferraz		UBERLANDIA	MG	Vôlei Sentado
60486651991		carlos kamarowski jr		JOINVILLE	SC	Vôlei Sentado
91517567653		Cássio Henrique Damião		Novo Horizonte	SP	Nenhum
7807525894		Célio Cesar Mediato		Santos	SP	Remo
17826407893		César Munir de Almeida		Rio de Janeiro	RJ	Nenhum
50615220010		Cláudia Regina Alfama		Uberlândia	MG	Nenhum
26520970832		CRISTIANE BONILHA BOREGGIO ANTONELLI		Santos	SP	Vôlei Sentado
89184734949		CRISTIANI SIRLEI DE OLIVEIRA MULLER		Uberlândia	MG	Esgrima
5913844858		Denise Silva Neves		Rio de Janeiro	RJ	Nenhum
6939649875		DEOCLECIO ROCCO GRUPPI		São paulo	SP	Remo
48884090644		deusdedit rezende de assis		Diadema	SP	Nenhum
34981561873		Diego Henrique Gamero		Niterói	RJ	Remo
92432468953		Doouglas Roberto Borella		SAO PAULO	SP	Esgrima
83726128115		edislaine da silva		Natal	RN	Vôlei Sentado
225505002		Edna Maria de Oliveira Mendes		Natal	DF	Rúgbi
32841537803		Eletícia Aparecida Mereti Florentino De Oliveira		ananindeua	PA	Vôlei Sentado
3829969848		Elza Pereira Cunha		sao paulo	SP	Rúgbi
6605395603		Emmanuelle Cristine Salles Soares		UBERLÂNDIA	MG	Esgrima
49438921087		EVELYN BETTINELLI ROMUALDO SABADIN		Uberlandia	MG	Esgrima
7274198971		Fabio Bento dos Santos		Belem	PA	Vôlei Sentado
33690827809		Fabiola Cristina Lopes		Campinas	SP	Rúgbi
6977615419		FELIPE VELOSO DA SILVA		Belem	PA	Vôlei Sentado
4132479960		Fernanda Pereira		Rio De Janeiro	RJ	Vôlei Sentado
5045971913		flavio reitz		campinas	SP	Rúgbi
5728913938		Francielli de Rezende		Uberlândia	MG	Vôlei Sentado
92003265791		francineide guimaraes maciel barrocas		Ubêrlandia	MG	Vôlei Sentado

11537332856		Francisco Pereira de Brito Junior		BRASÍLIA	DF	Nenhum
5739344794		GISELE DE SIQUEIRA GONÇALVES		Guarujá	SP	Rúgbi
82813736600		Guilherme Gularte De Agostini		Aracaju	SE	Vôlei Sentado
31464801827		Gustavo César Rodrigues		TACURU	MS	Vôlei Sentado
31010476840		Haline Guerbes		uberlandia	MG	Esgrima
64298701972		Hélia Eunice Soares		osasco	SP	Nenhum
65899725320		henrique samuel oliveira gurgel		Nova Odessa	SP	Rúgbi
2269055861		humberto luiz ferreira		Serra	ES	Rúgbi
13165453420		Isaque Alves Alencar		São Carlos	SP	Rúgbi
34950131800		ISAQUE AUGUSTO		Mogi Mirim	SP	Nenhum
16086267847		Ivan de Oliveira Freitas		São Paulo	SP	Nenhum
31913461807		Ivan Esteves Marçal Destro	S	Uberlandia	MG	Nenhum
12544736372		JANNY EIDI SILVA DE OLIVEIRA		São Paulo	SP	Nenhum
8946911808		jeane auxiliadora moreira		São Paulo	SP	Nenhum
2187800792		Jeise Lima de Figueiredo		Limeira	SP	Nenhum
18537634115		Jônatas de França Barros		Campinas	SP	Esgrima
59045361868		JOSE ROCHA		Uberlândia	MG	Esgrima
19933649515		Josefa Virginia de Andrade		SÃO VICENTE	SP	Vôlei Sentado
4492345922		Juliana de Carvalho		NITEROI	RJ	Rúgbi
37869395862		Julio Cesar Pistarini		PIRACICABA	SP	Vôlei Sentado
9770991643		Kamylla Soares de Freitas Leal		Joinville	SC	Nenhum
11081113782		Keila Assis Gonçalves	S	São Paulo	SP	Nenhum
30286472813		Lanusia Vasconcelos Soares		São Vicente	SP	Vôlei Sentado
17216826272		laura maria do socorro maia barros		Uberlândia	MG	Rúgbi
8428577706		Livia Prates		São Paulo	SP	Esgrima
1016050992		Luci Rita de Barros		São Paulo	SP	Rúgbi
6473990674		Lucilia Figueiredo Miranda Sampietri		Uberlândia	MG	Remo
3108291602		LUCYANA DE MIRANDA MOREIRA		Rio Claro	SP	Nenhum
93491298920		Luis Augusto Almeida dos Anjos		Campinas	SP	Nenhum
		Luiz C. Boaventura		São Paulo	SP	Nenhum
37044491804		Luiz Pedro Hinojosa Simoni		CUBATÃO	SP	Esgrima
50209140615		Luzimar de Souza		São Vicente	SP	Rúgbi
92019595915		Marcos Roberto dos Santos		Paranaguá	PR	Remo
21891764845		Marcos Roberto Ribeiro		Bauru	SP	Remo

27885224600		Marcus Vinícius de Oliveira		SÃO PAULO	SP	Nenhum
23328452249		MARIA DO SOCORRO MALVEIRA DAVILA		Campinas	SP	Esgrima
14127423404		Maria José de Mélo Barbosa		Louveira	SP	Remo
26161549867		Maria Salete Conde		Santo ANDre	SP	Esgrima
8765434765		Marcelo Pereira Aguiar		campinas	SP	Esgrima
36868185820		Mariana Barbosa Contieri		Joinville	SC	Nenhum
28595897832		Marinete Cristina Belmonte de Bastos		Vinhedo	SP	Rúgbi
26880187870		Michele dos Santos Silva		Hortolandia	SP	Vôlei Sentado
37558769817		Michele Edite Cecília da Silva		Serra	ES	Vôlei Sentado
7815927475		Monique Assis de Vasconcelos Barros		Itú	SP	Rúgbi
1185822674		Nadia Carla Cheik		uberlandia	MG	Remo
8001643697		Nayara Christine de Souza		fortaleza	CE	Rúgbi
5462303777		Patrícia Guimarães Correa da Silva		São Gonçalo	RJ	Nenhum
22432932854		Patricia Rzezak		Caçador	SC	Rúgbi
24693793850		Paula Fernandes		americana	SP	Rúgbi
36189182836		Paula Secomandi Donadelli		São Gonçalo	RJ	Rúgbi
88516857700		Paulo Moreira Silva Dantas	S	são osé do rio preto	SP	Nenhum
36543175885		Paulo Vítor Bognoli Mattosinho		Belo Horizonte	MG	Nenhum
22686611804		Poliana Chiemi Yamagute		Várzea Paulista	SP	Vôlei Sentado
22277488852		RAFAEL LALLA ROSA		Presidente Prudente	SP	Esgrima
10591067790		Raphael Luiz Dias de Oliveira		Rio de Janeiro	RJ	Nenhum
31524915149		Reid Duarte Setubal Junior		SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	SP	Vôlei Sentado
32623370800		Renata Passos Silva		São Carlos	SP	Rúgbi
30984009604		Renato Cagnani Alves		Barra de São muguel	AL	Vôlei Sentado
22398258807		Renato Francisco Rodrigues Marques		Campinas	SP	Vôlei Sentado
57029369220		RENI CAMURÇA TOLEDO DE ARAUJO PERES		Campinas	SP	Vôlei Sentado
1752876946		Ricardo Alexandre Carminato	S	Cabedelo	PB	Nenhum
391223798		RICARDO SILVA DE AMORIM		Campinas	SP	Rúgbi
5279958786		Roberta Santos Kumakura		Rio de Janeiro	RJ	Vôlei Sentado
26639507854		ROBERTO RODRIGUES FERREIRA		Novo Horizonte	SP	Vôlei Sentado
34792124840		Rodrigo Souza Carneiro		Londrina	PR	Esgrima
18917486886		ROMILDA MARIA DE MORAES RONCOLETTA		DRACENA	SP	Nenhum
15144034802		Ronaldo Cardoso		Itaguaí	RJ	Nenhum

43293808204	RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS	Ceilândia	DF	Rúgbi
22307408819	Ronaldode Goes Baggi	sao paulo	SP	Remo
66536413415	rosangela mendes do nascimento	Sao paulo	SP	Remo
11348232234	Silvio Roberto Corsino do Carmo	Araraquara	SP	Rúgbi
44085184253	SIMONE CELESTE DOS SANTOS	São Carlos	SP	Rúgbi
39511103687	SOLANGE RODOVALHO LIMA	natal	RN	Nenhum
38386767855	Tamiris Lima Patricio	Rio de Janeiro	RJ	Rúgbi
32945008823	Tatiana Rivas Regis	São Paulo	SP	Nenhum
34130660802	Thalyta do Nascimento Augusto	São Paulo	SP	Rúgbi
8679447650	Thaynara Rodrigues da Silva	PORTO ALEGRE	RS	Rúgbi
27161628830	Thiago Montes Fidale	Itumbiara	GO	Remo
33017229890	Thiago Telles	Campinas	SP	Nenhum
2554150443	Ubiratan Curupaná	Poços De Caldas	MG	Vôlei Sentado
72063653968	Vanderlei Pedro Quintino	São Paulo	SP	Vôlei Sentado
32998857825	Viviane Evangelista dos Santos	PRAIA GRANDE	SP	Remo
8064054818	WALDOMIRO CORREA JUNIOR			
10109630661	william gabriel andrade menezes			

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Avaliação

Da comissão organizadora

Dos congressistas

Comentários e sugestões Congresso Paraolímpico 2010:

- "Acessibilidade, turismo adaptado para atletas em competições. Parabéns pela organização, cordialidade e principalmente pela eficiência da secretaria!"
- "O comitê está de parabéns pela iniciativa, divulga seu trabalho e funciona como uma prestação de contas de que está fazendo, isto incentiva outros segmentos, a fazerem o mesmo dentro de sua área."
- "Que a abertura oficial aconteça ao final do 1º. dia, para não interferir no programa."
- Sobre as palestras: "Excelentes palestras IPC." Sobre as mesas-redondas: "Excelente trabalho com a Patrícia." Sobre o mini-curso de remo: "Deixou muito o lado pessoal interferir na palestra. Palestrante não preparou a palestra para o público, deixou muitas dúvidas."
- "As palestras poderiam ser mais abrangentes, com mais tempo para discussões. No geral o Congresso foi de grande excelência, porém pecou nos cursos escolhidos." Em referência ao mini-curso de remo: "Falta de conhecimento na área."
-
- "Mini-cursos de tappers e guias de atletismo. Palestra ou mesa sobre a detecção de novos talentos"
-
- "O tradutor masculino, (nota) 10, a feminina deixou a desejar. Conteúdos e palestrantes muito competentes e interessantes. Para o próximo ano, biomecânica e os esportes que foram escolhidos para estarem nas Olimpíadas de Verão e Inverno / 2016, sua classificação e sua prática. 'As secretarias estaduais e municipais: envolvimento nas olimpíadas escolares'. Sugestão para o próximo Congresso: maior duração das palestras."
-
- "Para quem não é de Campinas, é bastante difícil chegar a Unicamp. Mas fora vocês estão de parabéns. Foi ótimo."

- "Clínica específica para a modalidade de atletismo com princípios do treinamento desportivo e mini-curso de atletismo. Parabéns pelo evento."
-
- "Tênis em cadeira de rodas."
-
- "Fiquei descontente em relação ao pré-congresso porque queria fazer e me foi vetada a participação, alegando dificuldade de acomodação, sendo que este problema não aconteceu já que o pré-congresso foi realizado no auditório com uma capacidade superior, podendo atender confortavelmente os interessados."
-
- "Deve se pensar em entregar o material das palestras e mesas para os participantes."
-
- "A tradução feita pelos tradutores não foi boa, não consegui compreender o que estavam falando. As pessoas contratadas devem entender sobre o que será dito, devem estar dentro do meio esportivo."
-
- "Poderia haver eventos mais dinâmicos no congresso."
-
- "Mais trabalhos."
-
- "Acho que para o próximo congresso, a comissão organizadora poderia divulgar no site uma lista de hotéis próximos ao local do evento, já que nem todos os congressistas são da cidade do evento e nem sempre conhece a cidade para escolher um hotel de forma aleatória na internet. Faltou colocar a carga horária no certificado do congresso."
-
- "Ser mais dias. Ter frutas no lanche."
-
- "Melhores tradutores para o próximo congresso."
-
- "Melhores tradutores para os próximos congressos."
-
- "Mini-cursos das modalidades, com profissionais palestrantes de diversas profissões (equipe multidisciplinar)."
-
- Sobre o site: "Falta o local específico na Unicamp, links e informações de resposta rápida." Sobre o atendimento: "Educado e acessível." Sobre o credenciamento: "Rápido e organizado." Sobre a entrega de material: "Organizado". Sobre o coffee break: "Espaço pequeno e apenas 1 mesa." Sobre o Centro de Convenções: "Acessível e fácil localização." Sobre a Faculdade de Educação Física: "Bem estruturada." Sobre a mesa-redonda de Classificação Funcional: "Tempo insuficiente para o tema." Sobre o mini-curso de vôlei: "Simples e prático." Sugestões de temas: "Palestras: Motivação da pessoa com deficiência para o Paradesporto" "Mini-cursos: o trabalho do Atleta-guia."

- "Aumentar as informações de forma prática. Disponibilizar materiais (braille, ampliação, áudio) para deficientes visuais. Sugestão de tema: Fisioterapia no Paradesporto."
-
- "Por conta do atraso no primeiro dia eu fiquei com muita fome até a hora do almoço. Acho que deveriam ter feito um coffee break, nem que fosse só com bolachinhas. Assim passaria a fome e o sono. Foi muito tempo sentado. Para chegar aqui às 8hs o café-da-manhã de todos foi bem cedo. Tivemos que ficar até mais de uma da tarde sem 'levantar' nem comer. Como almoçamos tarde, no coffee break da tarde nem estava com fome! Foi ótimo esse coffee break da tarde, mas era mais imprescindível na manhã. Acho que isso deve ser revisto!"
-
- "Deixar participar: exemplo fazer parte da aula prática para sentir a dificuldade de como um atleta tem, sendo ele portador ou não. E o atletismo também."
-
- Sobre a pontualidade: "Foi um dos grandes problemas do evento no 1º. dia. Isso por conta de 1 único palestrante." "Parabéns pela iniciativa, competência e excelência no Congresso."
-
- "Mais vagas nos cursos pré-congresso."
-
- "Com relação ao serviço de tradução em alguns aspectos não foi 100% fidedigna com relação as 'falas' dos palestrantes."
-
- "Gostaria de agradecer, pois foi maravilhoso, contribuiu muito para o meu aprendizado. Apenas gostaria de pedir para que abrissem mais vagas para os cursos pré-congressos."
-
- "Gostaria de sugerir para o próximo congresso, palestrantes da área médica para organizar discussões sobre incidência, prevenção e tratamentos de patologias nas modalidades (médicos e fisioterapeutas)."
-
- "Todas as sessões foram bem interessantes, porém senti a necessidade de palestras, pôsters ou mesas redondas envolvendo assuntos além do treinamento ou auxiliares desta prática como a parte médica, psicológica, nutricional e fisioterápica."
-
- "Acredito que deve ser proporcionado espaço para que seja discutido mais sobre a atuação dos profissionais em Educação Física Adaptada, seja no esporte ou não, porque antes de ser um atleta, teve uma base escolar."
-
- Sobre o Centro de Convenções: "A conferência de abertura e as mesas redondas foram realizadas em um ambiente que não comportou todos os congressistas." "A empresa de tradução deixou a desejar na qualidade da tradução e na pontualidade."

- Sobre o mini-curso de remo: "Palestrante do remo fez propaganda para seu clube Pinheiros. Não passou nada do conteúdo."
-
- "Que haja seção de apresentação oral de pesquisas."
-
- Sobre o mini-curso de remo: "Propaganda pessoal e nada de conhecimento histórico e nada de conhecimento em pessoas com deficiência. Nada específico de Paraolímpico."
-
- "Podia ter aprofundado melhor temas em debate social atual. O congresso pareceu abafar vários problemas, quando eu esperava o conflito para resolver algo."
-
- "Citar natação e falar mais sobre avaliações físicas."
-
- "Colocar no certificado do congresso as horas também pois conta para nós acadêmicos no Lattes. Melhorar o coffee break. E que o congresso é de caráter internacional? (para certificados acadêmicos)."
-
- "Mini-curso sobre Atletismo Adaptado."

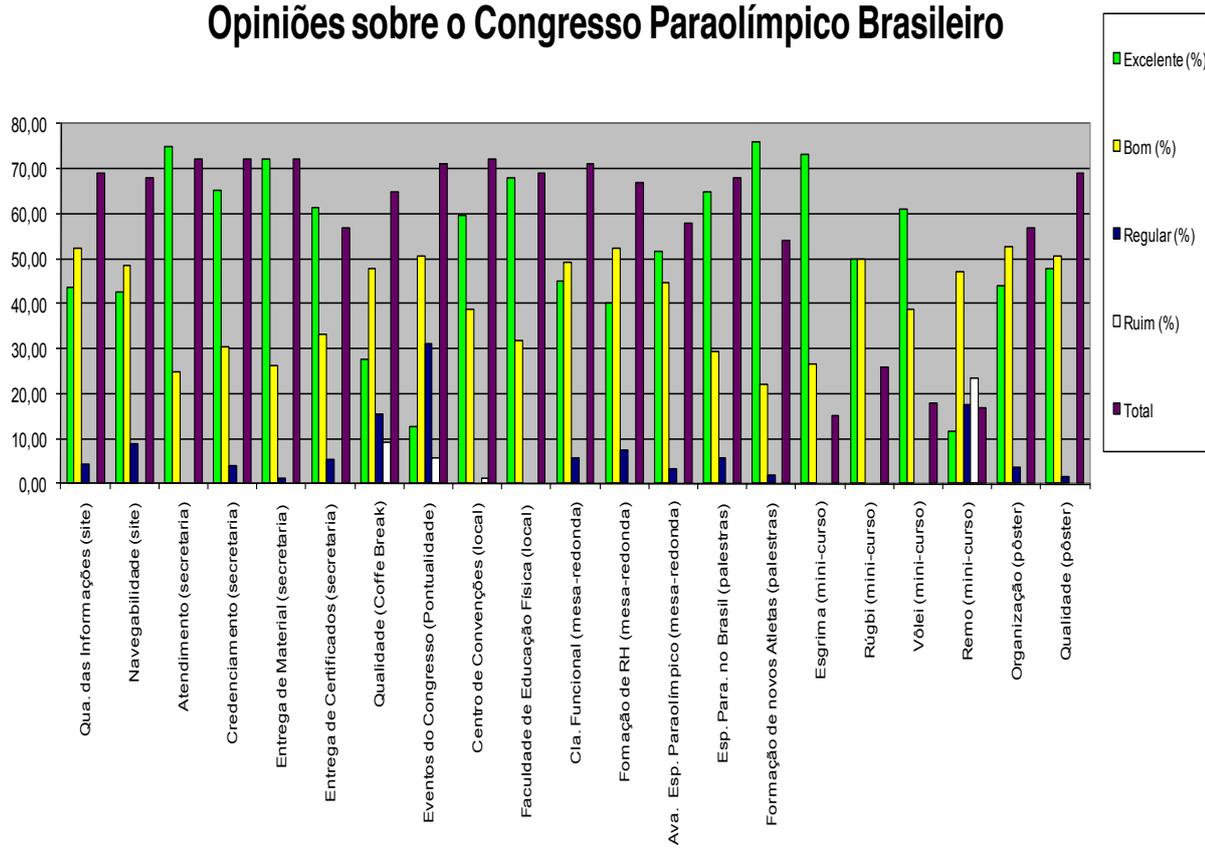
Itens	Exce- lente	Excelent e (%)	Bo m	Bom (%)	Regu lar	Regular (%)	Rui m	Ruim (%)	Tot al
Qua. das Informações (site)	30	43,48	36	52,17	3	4,35	0	0,00	69
Navegabilidade (site)	29	42,65	33	48,53	6	8,82	0	0,00	68
Atendimento (secretaria)	54	75,00	18	25,00	0	0,00	0	0,00	72
Credenciamento (secretaria)	47	65,28	22	30,56	3	4,17	0	0,00	72
Entrega de Material (secretaria)	52	72,22	19	26,39	1	1,39	0	0,00	72
Entrega de Certificados (secretaria)	35	61,40	19	33,33	3	5,26	0	0,00	57
Qualidade (Coffe Break)	18	27,69	31	47,69	10	15,38	6	9,23	65
Eventos do Congresso (Pontualidade)	9	12,68	36	50,70	22	30,99	4	5,63	71
Centro de Convenções (local)	43	59,72	28	38,89	0	0,00	1	1,39	72
Faculdade de Educação Física (local)	47	68,12	22	31,88	0	0,00	0	0,00	69
Cla. Funcional (mesa-redonda)	32	45,07	35	49,30	4	5,63	0	0,00	71
Fomação de RH (mesa-redonda)	27	40,30	35	52,24	5	7,46	0	0,00	67
Ava. Esp. Paraolímpico (mesa-redonda)	30	51,72	26	44,83	2	3,45	0	0,00	58
Esp. Para. no Brasil (palestras)	44	64,71	20	29,41	4	5,88	0	0,00	68
Formação de novos Atletas (palestras)	41	75,93	12	22,22	1	1,85	0	0,00	54
Esgrima (mini-curso)	11	73,33	4	26,67	0	0,00	0	0,00	15

Rúgbi (mini-curso)	13	50,00	13	50,00	0	0,00	0	0,00	26
Vôlei (mini-curso)	11	61,11	7	38,89	0	0,00	0	0,00	18
Remo (mini-curso)	2	11,76	8	47,06	3	17,65	4	23,53	17
Organização (pôster)	25	43,86	30	52,63	2	3,51	0	0,00	57
Qualidade (pôster)	33	47,83	35	50,72	1	1,45	0	0,00	69



CONGRESSO,
**PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO**

Opiniões sobre o Congresso Paraolímpico Brasileiro





Divulgação
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



Brindes

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Anais do I Congresso Paraolimpico Brasileiro



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Anais do



CONGRESSO /
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

19 e 20 de Novembro de 2010
Centro de Convenções da UNICAMP
Campinas/SP

ANAIIS DO I CONGRESSO PARAOLÍMPICO BRASILEIRO

ORGANIZADORES

José Irineu Gorla
Ciro Winckler de Oliveira Filho
Patrícia Silvestre de Freitas

PRODUÇÃO E SUPERVISÃO

Anselmo de Athayde Costa e Silva

REVISÃO

Edison Duarte
José Júlio Gavião de Almeida

CAPA

Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB

O CONTEÚDO DOS RESUMOS PUBLICADOS É DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ISBN – 978-85-99688-14-4

FICHA CATALOGRÁFICA

C76a Congresso Paraolímpico Brasileiro; (1.: Campinas, SP).
Anais do I Congresso Paraolímpico Brasileiro / organizadores José Irineu Gorla, Ciro Winckler de Oliveira Filho, Patrícia Silvestre de Freitas. -- Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2010.
86 p.

Promoção: Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, Academia Paraolímpica Brasileira - APB, Faculdade de Educação Física – FEF/UNICAMP, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

ISBN: 978-85-99688-14-4

1. Esporte paraolímpico. 2. Avaliação. 3. Treinamento. 4. Classificação funcional. 5. Esporte Paraolímpico-Congressos. I. Gorla, José Irineu. II. Oliveira Filho, Ciro Winckler de. III. Freitas, Patrícia Silvestre de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Anais do I Congresso Paraolímpico Brasileiro

19 e 20 de Novembro de 2010

Promovido por:

Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB

Academia Paraolímpica Brasileira - APB

Faculdade de Educação Física – FEF/UNICAMP

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ISBN – 978-85-99688-14-4

REALIZAÇÃO:



APOIO:

SESCSP
CAMPINAS

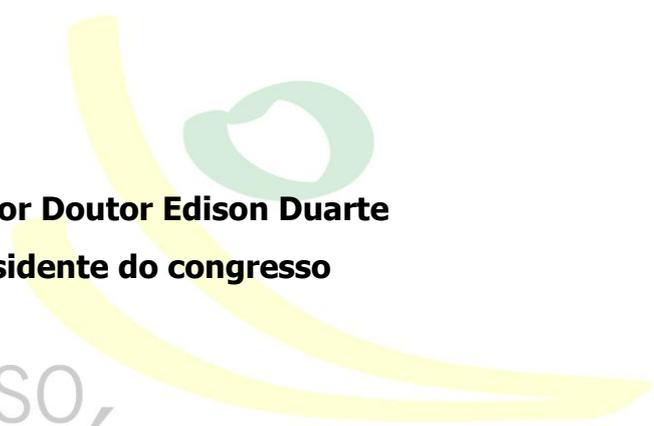
Mensagem do Presidente do Congresso

Sejam bem vindos ao Congresso Paraolímpico Brasileiro!

Primeiramente agradecemos a todos os congressistas, profissionais, pesquisadores e estudantes com atuação no esporte, pela presença nesse evento científico que marca o início de uma fase acadêmica relacionada ao Esporte Paraolímpico no Brasil. O Congresso é promovido pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro por meio da Academia Paraolímpica Brasileira. A criação dessa Academia pelo atual presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, Sr. Andrew Parsons, é, sem dúvida, um marco significativo para o desenvolvimento do esporte paraolímpico em todas as suas vertentes e esse evento é uma das ações para que isso ocorra. Esse Congresso tem como objetivos: propiciar oportunidade para a reflexão sobre o desporto paraolímpico como um fenômeno da atualidade; valorizar a pesquisa e assegurar espaço de divulgação da produção científica na área do desporto paraolímpico; contemplar a inovação metodológica no desporto paraolímpico valorizando sua aplicação na sociedade; mediar a aproximação entre instituições de ensino superior comprometidas com a produção científica e órgãos dirigentes do desporto paraolímpico. Cabe lembrar que o objetivo maior é o de atualizar e abrir novas perspectivas de ação para os profissionais que atuam com os nossos atletas. Os temas escolhidos pela Comissão Científica: treinamento, classificação, avaliação e formação profissional serão expostos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de renome na área, e certamente trarão informações atualizadas e pertinentes. Os assuntos dizem respeito diretamente às ações necessárias para o desenvolvimento do esporte. Três universidades são parceiras nesse evento científico: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP- SP, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e Universidade Federal de Uberlândia – UFU- MG, e essas parcerias foram fundamentais para a realização do evento. Expressamos nossos agradecimentos a todos que diretamente contribuíram para a realização desse evento, à direção da Faculdade de Educação Física da Unicamp, na figura do Sr. Diretor prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo por disponibilizar as instalações da Faculdade e os funcionários

que deram suporte administrativo ao evento, e particularmente aos profs. Drs. José Irineu Gorla, Ciro Winckler de Oliveira Filho e Patrícia Silvestre de Freitas da comissão organizadora do Congresso. Para nós é uma honra presidir esse primeiro Congresso, não só pela sua magnitude, pelo marco que representa para o Esporte Paraolímpico e para a Educação Física no Brasil, mas, sobretudo pela seriedade com que o Comitê Paraolímpico Brasileiro atua e tem atuado desde sua criação.

Bom Congresso a todos!



Professor Doutor Edison Duarte
Presidente do congresso

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

ORGANIZAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL

José Irineu Gorla
FEF/UNICAMP
Ciro Winckler de Oliveira Filho
UNIFESP/Santos
Patrícia Silvestre de Freitas
UFU/MG
Andrew Parsons
Presidente de Honra do Congresso
Presidente CPB
Edison Duarte
Presidente do Congresso -
FEF/UNICAMP

COMISSÃO CIENTÍFICA

José Júlio Gavião de Almeida -
FEF/UNICAMP - Presidente
Edison Duarte - FEF/UNICAMP
José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP
Alberto Martins da Costa – UFU/MG
Ciro Winckler de Oliveira Filho –
UNIFESP/Santos
Marco Túlio de Mello – UNIFESP/
Patrícia Silvestre de Freitas –
UFU/MG

COMISSÃO ORGANIZADORA

Academia Paraolímpica – CPB
Faculdade de Educação Física –
FEF/UNICAMP/SP
Universidade Federal de
Uberlândia/ UFU/MG
UNIFESP/SP

COMISSÃO EXECUTIVA

Ademir De Marco
Anselmo de A. Costa e Silva
Beeroth de Souza
Blandine de Oliveira Cassins
Dulce Inês L. Santos Augusto
Décio Roberto Calegari
Emerson Teodorico Lopes
Fabio Bertapelli
Jacqueline Martins Patatas
Leonardo Trevisan Costa
Lucinar J. F. Flores
Luís Filipe Mendonça Figueira
Luis Gustavo de Souza Pena
Luiz Gustavo F. dos Santos
Maria Elisabeth Malagodi
Marília Magno
Natacha Manchado Pereira
Newton Homem de Mello Prado
Rafael Botelho Gouveia
Rafael Garcia Xavier da Silva
Ricardo Seixas Barbosa Maia
Selvino Frigo
Sinval dos Santos Carmo

SUMÁRIO

MENSAGEM DO PRESIDENTE DO CONGRESSO	48
ACADEMIA PARAOLÍMPICA – APB	55
RESUMOS DAS PALESTRAS	56
ESPORTE PARAOLÍMPICO NO BRASIL: ATUALIDADES E PERSPECTIVAS	56
TREINAMENTO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	57
FORMAÇÃO DE NOVOS ATLETAS	57
RESUMOS DAS MESAS REDONDAS	58
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	58
FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O ESPORTE PARAOLÍMPICO	59
AVALIAÇÃO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	60
RESUMOS DOS MINI-CURSOS	61
ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS	61
VÔLEI SENTADO	62
RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	63
REMO PARAOLÍMPICO.....	64
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA: AVALIAÇÃO EM ESPORTE PARAOLÍMPICO	65
ANÁLISE DA INCIDÊNCIA DEMOGRÁFICA DE PATOLOGIAS NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA	66
ANÁLISE DAS PARTICIPAÇÕES DA NATAÇÃO BRASILEIRA EM JOGOS PARAOLÍMPICOS	67
ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DE LESÕES EM ATLETAS DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS.....	68
ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR ENTRE VELOCIDADE MÉDIA DE DESLOCAMENTO DO JOGADOR DURANTE UMA PARTIDA E CAPACIDADE VITAL FORÇADA DE JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS.....	69
ANÁLISE DO PERFIL EDUCACIONAL E ESPORTIVO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA VISUAL, PARTICIPANTE DA MODALIDADE GOALBALL NAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES BRASILEIRAS.....	70
ANÁLISE DOS EFEITOS DAS DIFERENTES CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE AGILIDADE FÍSICA	71
APLICABILIDADE DAS EQUAÇÕES DE PREDIÇÃO DE GORDURA CORPORAL PARA ATLETAS COM LESÃO MEDULAR.	72
AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ANTROPOMETRIA E PERCENTUAL DE GORDURA EM LESADOS MEDULARES.	73

AVALIAÇÃO INDIRETA DA CAPACIDADE CARDIORRESPIRATÓRIA EM ATLETAS COM LESÃO MEDULAR	74
AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DE JOELHO EM ATLETAS PARAOLÍMPICOS: MODALIDADE ATLETISMO. ..	75
AVALIAÇÃO SENSORIOMOTORA DE JOGADORES DO FUTEBOL COM PARALISIA CEREBRAL	76
AVALIAÇÃO DAS VARIÁVEIS ANTROPOMÉTRICAS E MOTORAS DE ATLETAS DE ELITE DE FUTEBOL PARA CEGOS	77
CARACTERIZACIÓN DE LA FRECUENCIA CARDÍACA Y LACTATEMIA EN ESGRIMA EN SILLA DE RUEDAS	78
COMPARAÇÃO ENTRE TESTE DIRETO E INDIRETO PARA DETERMINAÇÃO DO LIMAR ANAERÓBIO EM NADADOR PARADESPORTIVO	79
CORRELAÇÃO DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E DESEMPENHO MOTOR EM ATLETAS TETRAPLÉGICOS PRATICANTES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS	80
DESEMPENHO EM TAREFA VIRTUAL DE ATLETAS DEFICIENTES PRATICANTES DE TÊNIS DE MESA..	81
DESEMPENHO MOTOR DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA PARAOLÍMPICA DE 2010.....	82
DISPOSITIVO PARA DETECÇÃO DE INFRAÇÕES NA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS VIA REDE MICROPROCESSADA DE SENSORES	83
EFEITOS DE DIFERENTES CARACTERÍSTICAS DE CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE RESISTÊNCIA FÍSICA.....	84
ESTADO EMOCIONAL PRÉ-COMPETITIVO: COMPARAÇÃO ENTRE ATLETAS E GUIAS	85
LESÕES ESPORTIVAS EM ATLETAS PRATICANTES DE FUTEBOL DE 5 (FUTEBOL DE CEGOS)	86
METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE EMOÇÕES VIVENCIADAS DURANTE COMPETIÇÕES ESPORTIVAS PARAOLÍMPICAS	87
PERFIL ANTROPOMÉTRICO DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO TERCEIRO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS.....	88
RELAÇÃO ENTRE MARCADORES FISIOLÓGICO, BIOQUÍMICO E PSICOLÓGICO DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS E GUIAS 24HS ANTES DA COMPETIÇÃO: UM ESTUDO PILOTO	89
RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DA COLUNA EM ATLETAS DE BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS: UM ESTUDO PILOTO	90
TEMPO DE REAÇÃO NA SAÍDA DO BLOCO: UM ESTUDO DE CASO COM NADADORES PARAOLÍMPICOS	91
VALORACIÓN DIRECTA DEL CONSUMO DE OXÍGENO EN ESGRIMA EN SILLA DE RUEDAS	92
VARIAÇÃO DA PERFORMANCE DE NADADORES PARAOLÍMPICOS BRASILEIROS NO PERÍODO 2000 A 2008	93

RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA: TREINAMENTO EM ESPORTE

PARAOLÍMPICO..... 94

ASSOCIAÇÕES FUNCIONAIS AO DESEMPENHO EM DOIS NADADORES PARAOLÍMPICOS SUBMETIDOS A UM PROGRAMA DE TREINAMENTO PERIODIZADO: UM ESTUDO DE CASO	95
BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS NO SUL DO BRASIL: BARREIRAS E FACILITADORES	96

CARACTERÍSTICAS MORFOFUNCIONAIS DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS DE LEVANTAMENTO SUPINO COM DIFERENTES NÍVEIS DE QUALIFICAÇÃO	97
CARACTERIZAÇÃO DO ATLETA MASCULINO DE VOLEIBOL PARAOLÍMPICO	98
CARACTERIZAÇÃO DO BASQUETE SOBRE RODAS	99
DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DA PROVA DE 100 METROS RASOS DOS VELOCISTAS OLÍMPICOS E OS PARAOLÍMPICOS CEGOS NAS OLIMPÍADAS E PARAOLIMPÍADAS DE SYDNEY (2000), ATENAS (2004) E BEIJING (2008).....	100
DESENVOLVIMENTO DO TALENTO PARAOLÍMPICO NO TÊNIS DE MESA.....	101
ESPORTES PARAOLÍMPICOS: DA REABILITAÇÃO À SUPERAÇÃO	102
O DESPORTO ADAPTADO NA CIDADE DE MACEIÓ/AL	103
O ESPORTE PARAOLÍMPICO PARA ALÉM DO "OURO": UMA ABORDAGEM BIOÉTICA SOBRE A PRÁTICA DAS MODALIDADES BOCHA E RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS.....	104
O EXERCÍCIO FÍSICO REDUZ A MASSA ADIPOSITIVA E A CONCENTRAÇÃO DE LEPTINA EM LESIONADOS MEDULARES	105
ORIENTAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E MOTORA	106
QUALIDADE DE VIDA DOS ATLETAS QUE PARTICIPARAM DOS JOGOS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS (JIMI) NA MODALIDADE PARAOLÍMPICA DE ATLETISMO.....	107
TENDÊNCIAS COMPETITIVAS DE ATLETAS PRATICANTES DE MODALIDADES PARADESPORTIVAS ..	108
RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA: FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O ESPORTE PARAOLÍMPICO	109
DO PÁTIO AO PÓDIUM: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA DEFICIENTES VISUAIS NO ÂMBITO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT	110
ESTRATÉGIAS DE ENSINO E INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O TÊNIS DE MESA ADAPTADO ...	111
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA PARA A ATUAÇÃO NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA.....	112
O CENTRO DE REABILITAÇÃO COMO IMPORTANTE CELEIRO DE POTENCIAIS ATLETAS PARAOLÍMPICOS: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA DE 2005 ATÉ 2009.....	113
PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: OPORTUNIDADE PARA A PRÁTICA DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS	114
PROPOSTA DE INSERÇÃO DOS RECURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E DOS ESPORTES PARAOLÍMPICOS EM CONTEÚDOS CURRICULARES DAS DIFERENTES DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	115
RESULTADOS DA INTERVENÇÃO DE EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS	116

**RESUMOS DA ÁREA TEMÁTICA: CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL EM ESPORTE
PARAOLÍMPICO..... 117**

ANÁLISE DOS CÓDIGOS COM MAIOR COMPROMETIMENTO NAS CATEGORIAS DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF) DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS.....	118
ANÁLISE QUANTITATIVA DE ATLETAS INELEGÍVEIS E INCLASSIFICÁVEIS DAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES CLASSIFICADOS EM 2009 E 2010.....	119
AVALIAÇÃO DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS UTILIZANDO A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF).....	120
CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE NO DOMÍNIO DE ATIVIDADES E PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS DO "TORNEIO REGIONAL DE SÃO PAULO BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS"	121
IDENTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES DOS JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS DURANTE O JOGO E SUA RELAÇÃO COM A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	122
LEVANTAMENTO DOS TIPOS DE DEFICIÊNCIA E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO ATLETISMO NO BRASIL.....	123
MAPEAMENTO DA CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE GOALBALL: UM ESTUDO DO MUNDIAL DE SHEFFIELD 2010	124
PARTICIPAÇÃO DE NADADORES DE CLASSIFICAÇÃO BAIXA NOS JOGOS ESCOLARES PARAOLÍMPICOS 2009/2010 E NOS JOGOS AQUÁTICOS DO CEARÁ 2010.....	125
RELAÇÃO ENTRE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E SPRINT DE 20M DE JOGADORES DE BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS.....	126
ÍNDICE DE AUTORES.....	127

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Academia Paraolímpica – APB



O Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) criou no início deste ano um importante programa: a Academia Paraolímpica Brasileira. Coordenada por professores universitários de diferentes partes do país, a Academia é o Esporte Paraolímpico.

“O envolvimento da ciência, da universidade com o esporte não é uma novidade. Os países desenvolvidos já fazem isso” explica o professor José Júlio Gavião de Almeida, coordenador da comissão científica do CPB e professor da Unicamp. “Uma coisa que deixou a nós, professores, muito felizes, é que essa iniciativa nasceu da própria presidência do CPB.”

A Academia é baseada em três pilares: a relação com o meio acadêmico, a capacitação de profissionais para o Esporte Paraolímpico e a publicação. Parcerias com as universidades já vêm acontecendo há algum tempo (veja box abaixo). Mas a capacitação de novos profissionais é uma inovação.

“Um dos principais objetivos é trabalhar na formação de recursos humanos: técnicos, árbitros, classificadores funcionais e professores de Educação Física. Tanto capacitar quanto atualizar os nossos profissionais”, explica Gavião.

O presidente do CPB, Andrew Parsons, é um dos maiores entusiastas do novo projeto. “Esse é um programa que, certamente, trará grandes benefícios ao Esporte Paraolímpico a longo prazo”, ressalta Parsons.

COMISSÃO CIENTÍFICA DO CPB

Andrew Parsons	CPB	Presidente
Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida	CPB /UNICAMP	Coordenador
Prof. Edilson Alves da Rocha	CPB	Membro
Prof. Dr. José Irineu Gorla	UNICAMP	Membro
Prof. Dr. Edison Duarte	UNICAMP	Membro
Prof. Dr. Ciro Winckler de Oliveira Filho	UNIFESP	Membro
Prof. Dr. Marco Túlio de Mello	UNIFESP	Membro
Prof. Dr. Alberto Martins da Costa	UFU	Membro
Prof. Dra. Patrícia Silvestre de Freitas	CPB/UFU	Membro
Dr. Roberto Vital	CPB/UFRN	Membro
Prof. Ms. Mariana Simões Pimentel Gomes	CPB	Secretária

(Adaptado de Brasil Paraolímpico – www.cpb.org.br, n. 34, p.26, Maio/Junho, 2010)

Resumos das Palestras

Esporte Paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas

Andrew Parsons – Presidente do CPB

O desenvolvimento do esporte Paraolímpico no Brasil, frente aos seus desafios e ações, atuais e a serem enfrentados, resumir-se-á nesta fala, em quatro pontos essenciais: 1) O desenvolvimento do esporte paraolímpico desde seu surgimento após a II Guerra Mundial até os Jogos Paraolímpicos Pequim 2008 e as novas perspectivas para o Brasil com a realização dos Jogos Paraolímpicos Rio 2016. 2) Como um movimento que surgiu da reabilitação de soldados lesionados de guerra e que começaram a utilizar o esporte após adquirirem seqüelas permanentes em combate, se transformou num fenômeno global, em que seu momento máximo, os Jogos Paraolímpicos, são atualmente um dos maiores eventos multi-desportivos do planeta, com cerca de 4000 atletas de mais de 140 países e com mais de 3 bilhões de telespectadores em audiência acumulada. 3) Como o alto-rendimento dos atletas paraolímpicos influencia e muda a percepção da sociedade em relação às pessoas com deficiência promovendo transformações significativas na sociedade. 4) O potencial esportivo, social e de negócios dos Jogos Paraolímpicos Rio 2016 e o desafio do Comitê Paraolímpico Brasileiro de posicionar-se diante deste cenário de oportunidades.

Treinamento em Esporte Paraolímpico

Marco Cardinale - British Olympic Association - Reino Unido

O Treinamento Paradesportivo é a prática de exercícios físicos de forma sistematizada capaz de gerar adaptações em níveis metabólicos, fisiológicos e psicológicos cuja finalidade principal é de obter o triunfo competitivo, além de contribuir para a formação, integração e reconhecimento do papel social da pessoa com deficiência. No entanto, torna-se necessário, cada vez mais, o fundamento teórico a ser adquirido por treinadores, provenientes das investigações científicas em diversas temáticas relacionadas com a ciência do esporte (GOMES, 2009).

Formação de Novos Atletas

Colin Higgs

International Council for Sport Science and Physical Education – Canadá

A busca por excelência nos diversos aspectos relacionados ao rendimento esportivo corresponde a preocupação das delegações e clubes em obter resultados expressivos em eventos esportivos. No entanto, torna-se necessário, cada vez mais, a formação de novos atletas, visto que esses resultados expressivos são superados a todo instante. Contudo, a formação de novos atletas compreende o trabalho psicológico, assim como, o adiantamento e maximização das capacidades e habilidades motoras e coordenativas previamente adquiridas na infância e na adolescência através de processos de seleção e treinamentos intensivos.

Resumos das Mesas Redondas

Classificação Funcional

Patrícia Silvestre de Freitas – UFU/MG

Peter Van de Viliet – DM – IPC

Helder Costa Filho DV – CPB

A Classificação Funcional no Brasil tem sido realizada desde 1990, sempre ligada às entidades divididas por deficiência no Brasil. Em função das mudanças na organização geral do esporte paraolímpico no mundo e da crescente melhora, seja em níveis técnicos ou de participação, os países filiados ao IPC sentiram a necessidade de se adequarem com novas idéias e profissionalismo do paradesporto. Nesse sentido o Brasil vem paulatinamente procurando se adequar a nova filosofia da classificação funcional possibilitando uma melhora do paradesporto no país. Uma dessas ações foi a implantação do Circuito Caixa de Atletismo e natação desde 2005, que por meio das etapas regionais e nacionais possibilitou, além da disseminação do esporte e participação de novos atletas, informações e adequações da classificação funcional nas modalidades. Com a sistematização do circuito nos anos subseqüentes, houve a necessidade crescente de preparar profissionais qualificados de classificação funcional, nacional e internacionalmente em todas as modalidades, repercutindo positivamente nas campanhas realizadas pelo CPB com as equipes regionais, nacionais em mundiais, *PARAPANAMERICANOS* e jogos *PARAOLÍMPICOS*.

Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico

Michael Cary - IPC Academy/Inglaterra

José Júlio Gavião de Almeida - FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

O desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro nas últimas décadas sem sombra de dúvidas é inquestionável. Nos últimos quatro ciclos paraolímpicos o Brasil saiu de uma 37ª posição no ranking mundial para ocupar a 9ª posição nas últimas paraolimpíadas de Pequim, isso coloca o esporte paraolímpico brasileiro, decisivamente como uma das maiores potências do mundo, consolidando de forma concreta o movimento no nosso país e ao mesmo tempo deflagrando um momento de profundas transformações na busca de um projeto maior e mais auspicioso, onde conceitos, estratégias técnicas e políticas terão que ser adotadas para consolidar sua posição de potência esportiva paraolímpica no cenário internacional. A preparação de recursos humanos para atuar no esporte paraolímpico com competência e conhecimento científico se torna, atualmente, um dos nossos principais desafios, pois mesmo com toda a crescente evolução demonstrada pelo esporte paraolímpico brasileiro ainda carecemos de uma maior e melhor democratização das experiências adquiridas pelos poucos técnicos, dirigentes e profissionais dessa área, expandindo para todo o território nacional as experiências e conhecimentos acumulados ao longo dessa trajetória. Assim, se torna imperioso e urgente a realização de projetos de formação de novos técnicos, dirigentes, profissionais de saúde e pessoal de apoio para suportar e dar continuidade ao desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro.

Avaliação em Esporte Paraolímpico

Benedito Sergio Denadai – UNESP/RC

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Marco Túlio de Mello - CEPE/UNIFESP

O Esporte Paraolímpico é um fenômeno que com o passar dos anos tem atraído o interesse da comunidade em geral, tanto da mídia quanto de pesquisadores e com intuito de promover avanços nos sistemas de treinamento. A avaliação cumpre o papel de promover base para o planejamento dos treinamentos, bem como para monitorar a efetividade deste. Com isso, o objetivo desta mesa redonda é apresentar os conceitos atuais de avaliação aplicada ao esporte paraolímpico, bem como apresentar os resultados das avaliações realizadas com os atletas paraolímpicos brasileiros. Serão apresentados fundamentos de avaliação fisiológica como, por exemplo, avaliação cardiorrespiratória com analisador de gases e análise de lactato. Também serão apresentados os conceitos de avaliações antropométricas e motoras aplicadas ao esporte paraolímpico. Por fim, será possível uma análise dos resultados das avaliações nos últimos ciclos-paraolímpicos e sua relação com os resultados obtidos.

Resumos dos Mini-Cursos

Esgrema em Cadeira de Rodas

Válber Nazareth – Academia da Força Aérea/CPB

A esgrima em cadeira de rodas foi adaptada por Ludwig Guttmann, em 1953, para a prática de pessoas com deficiência física usuárias de cadeira de rodas (CPB, 2010). A diferença com a esgrima olímpica é que na paraolímpica os atletas têm suas cadeiras fixadas no solo. Caso um dos esgrimistas se desloque com a cadeira, o combate é interrompido. Os equipamentos obrigatórios da modalidade resumem-se em: máscara, jaqueta, luvas protetoras e armas. Nos duelos de florete, a “arma mais” leve, há uma proteção para as rodas da cadeira. Nas disputas de espada, uma cobertura metálica é utilizada para proteger as pernas e as rodas da cadeira. As competições se dividem em categorias de acordo com a arma: florete, espada e sabre. Em nível paraolímpico, a modalidade é uma das mais tradicionais. Homens e mulheres duelam desde a primeira Paraolimpíada em Roma (1960). Desde então, as regras têm se desenvolvido de acordo com os avanços em técnicas de fixação das cadeiras no chão. O objetivo do mini-curso é divulgar a modalidade de forma a estimular a sua prática no Brasil. O conteúdo será ministrado com uma estrutura teórico-prática contendo os aspectos históricos, as regras básicas e os fundamentos técnico-táticos da modalidade.

Vôlei Sentado

Ronaldo Gonçalves de Oliveira – ABVP¹
Amauri Ribeiro – ABVP

O Voleibol Sentado surgiu em 1956, na Holanda, a partir da combinação do Atletismo e do Sitzball (esporte alemão que não tem a rede, praticado por pessoas com limitação e que jogavam sentadas). Logo se percebeu que o Sitzball era muito passivo; estavam sendo procuradas então, outras formas de jogo que dessem maior mobilidade. Em 1956, o Comitê de Esportes da Holanda introduziu um novo jogo chamado de Vôlei Sentado. No Brasil o voleibol sentado foi introduzido no final de 2002, em um torneio realizado com 3 equipes, na cidade de Mogi das Cruzes-SP. As regras do voleibol sentado são praticamente iguais as do voleibol convencional, sendo que uma das diferenças é o fato do jogador poder bloquear o saque. São elegíveis para a modalidade atletas com amputação (acima de articulações), os Les Autres (pólio, lesão medular, má formação etc) e os atletas com Deficiência Mínima (problemas nos joelhos, tornozelos e semelhantes), sendo que, neste último caso , somente um atleta pode estar em quadra. Para jogar o voleibol sentado, o deslocamento no chão é tão importante quanto os fundamentos técnicos, pois propicia agilidade e rapidez para execução das jogadas, visto que o jogo é extremamente veloz.

¹ Associação Brasileira de Vôlei Paraolímpico

Rúgbi em cadeira de rodas

Luís Felipe C. C. de Campos – FEF/UNICAMP

Mateus Betanho Campana – FEF/UNICAMP

Eduardo Mayr – ABRC²

Carlos Sigmaringa - ABRC

O esporte surgiu no Canadá, em 1977. Apesar de ser uma modalidade relativamente nova, sua expansão tem sido rápida internacionalmente. Em 1996, nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, o rúgbi em cadeira de rodas estreou na maior competição paraolímpica mundial. Nesta ocasião, apenas os homens entraram em quadra. Já em Sydney (2000), as equipes eram formadas por homens e mulheres (CPB, 2010). O rúgbi é bastante similar ao futebol americano e ao basquetebol. O jogo consiste em uma disputa entre dois times com 4 jogadores em quadra e mais quatro reservas numa quadra com as mesmas dimensões da quadra de basquetebol. Ao fundo da quadra dois cones demarcam a zona de pontuação (separados por oito metros). O objetivo do jogo é atravessar a zona de gol com a posse da bola e assim a equipe marca um ponto. Ao final de quatro quartos de oito minutos cronometrados, a equipe com a maior soma de pontos vence a partida. As cadeiras de rodas desse esporte são especialmente adaptadas para resistir ao constante contato, pois são permitidos choques entre as cadeiras tanto no ataque quanto na defesa. Neste minicurso serão abordadas as regras, os fundamentos técnicos e táticos de modo a apresentar o conhecimento básico para início da prática.

² Associação Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas

Remo Paraolímpico

José Paulo Sabadini de Lima – CBR³

O Remo entrou para o programa dos jogos paraolímpicos no ano de 2005 e sua primeira paraolimpíada foi em 2008 em Pequim – China (CPB, 2010). Praticado desde os anos de 1980, hoje o remo é dividido em quatro categorias de competição: *Single Skiff Masculino*, *Single Skiff Feminino*, *Doublé Skiff Misto* e *Quatro Com Misto*. Cada uma delas pode ser composta por atletas com diferentes tipos de deficiências que são classificados de acordo com a capacidade funcional empregada: A – Grupamento funcional utilizado: braço; TA – Grupamento funcional utilizado: tronco e braço; LTA - Grupamento funcional utilizado: perna, tronco e braço. O objetivo do mini-curso é apresentar os conceitos básicos de regulamentação e fundamentos da modalidade de modo a incentivar a sua prática no Brasil, com vistas aos jogos do Rio-2016. A estrutura do curso será teórica com apresentação de imagens ilustrativas da modalidade.

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

³ Confederação Brasileira de Remo

Resumos da Área Temática:



Avaliação em Esporte Paraolímpico
CONGRESSO
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Análise da incidência demográfica de patologias na Natação Paraolímpica

Thiago NUNES¹, Ana Carolina MAIA¹, Adriana C. DIEDRICHS¹, Alexandre GARRAFA¹, Emilene ROSA¹, Jacqueline D. PENAFORT¹, Guillermo S. GRITSCH¹, Heloísa S. P. BARBOSA¹, Natacha T. AZEVEDO¹. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ¹Classificador Funcional de Natação do Comitê Paraolímpico Brasileiro. thiagossnunes@gmail.com.

Introdução: A classificação funcional consiste em uma avaliação minuciosa na qual se define, a partir da patologia, da condição músculo-esquelética e a sua capacidade motora, a classe em que o atleta competirá. **Objetivo:** Analisar a incidência demográfica de patologias nos atletas paraolímpicos da modalidade de natação. **Metodologia:** A amostra foi constituída de 211 atletas praticantes da modalidade de natação, com deficiências físico-motoras (63 indivíduos do sexo feminino e 148 do sexo masculino), participantes do Circuito Loterias Caixa Paraolímpico, etapas regionais e nacionais dos anos de 2009 e 2010. Após realizadas as classificações funcionais dos atletas, foi feita uma análise das fichas de avaliação com intuito de observar o percentual de patologias encontradas na modalidade de natação, bem como a incidência demográfica das mesmas. **Resultados:** Foram constatadas 22 patologias distintas, entretanto a tabela 1 demonstra a percentagem das 5 mais incidentes entre a totalidade de avaliações. As mesmas foram divididas demograficamente de acordo com a região em que o atleta reside conforme apresenta a tabela 2. A paralisia cerebral foi a patologia encontrada em maior número de atletas, seguida de lesão medular e amputação. Embora 40% dos paralisados cerebrais residam na região sudeste, há uma prevalência de tal patologia, proporcionalmente ao número de atletas, na região norte.

Tabela 1 – Patologias detectadas na Classificação Funcional 2009 e 2010

PATOLOGIA	%
Paralisia Cerebral	25,11
Lesão Medular	22,27
Amputação	14,69
Poliomielite	7,1
Dismielia	6,63
Outras patologias	24,2

Tabela 2 – Resultado da incidência demográfica das patologias

INCIDÊNCIA DEMOGRÁFICA DAS PATOLOGIAS	NORTE	NORDESTE	SUL	SUDESTE	CENTRO- OESTE	TOTAL DE ATLETAS
	%	%	%	%	%	
Paralisia Cerebral	12,7	7,3	25,4	40	14,5	55
Lesão Medular	0	10,6	21,3	61,7	6,4	47
Amputação	3,1	21,9	34,4	31,2	9,4	32
Poliomielite	0	20	26,7	13	40	15
Dismielia	7,1	14,3	14,3	50	14,3	14
Outras	2,1	8,3	18,8	56,2	14,6	48
Total de atletas	10	25	52	96	28	211

Conclusão: Pode-se concluir que os dados obtidos servem como referência para estudos mais aprofundados em cada região podendo ser realizado um trabalho de investigação nos estados e cidades a fim de descobrir qual a causa de tamanha ocorrência de tais patologias bem como buscar a renovação de atletas paraolímpicos.

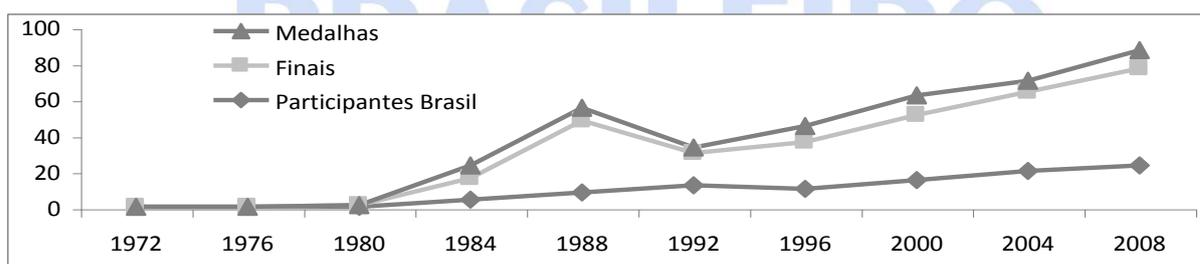
Análise das participações da natação brasileira em Jogos Paraolímpicos

Gustavo Maciel ABRANTES¹, Luiz Duarte de Uihôa ROCHA JÚNIOR². ¹Especialista em Atividade Motora Adaptada, ²Mestre em Ciências da Saúde, Grupo de estudos em Qualidade de Vida UFU. gusmaciel@gmail.com

Introdução: A natação faz parte do programa paraolímpico desde a primeira paraolimpíada em Roma, a modalidade é praticada por todos os tipos de deficiência, separadas em 14 classes. **Objetivo:** Descrever a atuação das seleções brasileiras de natação nas paraolimpíadas, desde o início de sua participação, em 1972. **Metodologia:** Os dados da participação brasileira foram coletados no *IPC Historical Results Database*, disponível no site do Comitê Paraolímpico Internacional, e foram organizados para cada evento de acordo com os seguintes itens; totais de atletas participantes, delegações na modalidade, representantes do Brasil, provas oferecidas pelo evento, finais disputadas sem eliminatórias, finais com disputa de eliminatórias, total geral de medalhas e quadro de medalhas (ouro, prata e bronze). A estatística descritiva foi utilizada para organizar e apresentar os resultados. **Resultados:** A caracterização dos eventos se encontra na tabela 1 e dos resultados do Brasil, no gráfico 1:

Ano da Paraolimpíada	Total de atletas na modalidade	Total de NPCs na modalidade	Total de provas da modalidade	Total de atletas brasileiros.
1972	276	33	56	1
1976	363	34	146	1
1980	441	36	189	1
1984	541	43	345	5
1988	504	44	257	9
1992	487	56	163	13
1996	457	50	168	11
2000	575	62	171	16
2004	559	61	166	21
2008	547	62	140	24

*NPC – National paralympic Committee



Conclusão: Podemos concluir, então, que apesar da redução histórica do número de provas e do aumento do número de países participantes na modalidade natação em jogos paraolímpicos, existe um aumento do número de representantes da natação brasileira em jogos paraolímpicos, assim como no número de finais e medalhas conquistadas pelos atletas, portanto demonstrando uma melhora qualitativa e quantitativa da delegação brasileira em Jogos Paraolímpicos.

Análise da frequência de lesões em atletas de Rúgbi em Cadeira de Rodas

Marcia Cristina Moura FERNANDES¹; Marcelo Borner de ARAÚJO¹; Marcos Fernandes TEIXEIRA¹; Gildson Guedes Moura JOSUÁ¹; Roberto VITAL²; Hesojoy Gley Pereira da SILVA³. ¹Departamento de Saúde da ABRC. ²Coordenador do Departamento Médico do Comitê Paraolímpico Brasileiro. ³Coordenador do Departamento Antidoping do Comitê Paraolímpico Brasileiro. marciafernandesfisio@hotmail.com

Introdução: O Rúgbi em Cadeira de Rodas é uma modalidade paraolímpica praticada por atletas de ambos os sexos com comprometimento nos quatro membros. **Objetivo:** Estudar a frequência das lesões em atletas praticantes dessa modalidade com a finalidade de identificá-las e adotar medidas preventivas. **Metodologia:** A amostra constituída de 220 casos foi obtida através das ocorrências registradas pelo Departamento de Saúde da ABRC/CPB, coletadas no período de 3 anos em semanas de treinamento, campeonatos nacionais e internacionais, em 20 atletas do sexo masculino com idade média de 20 a 46 anos, sendo estes divididos em 11 atletas com pontuação alta e 09 com pontuação baixa, pertencentes à Seleção Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas. Dentre esses, 2 atletas com seqüelas de poliomielite e 18 atletas vítimas de lesão raquimedular incompleta, níveis C5, C6 e C7, do tipo tetraplegia, com tempo de lesão entre 03 a 21 anos e prática da modalidade entre 1 a 5 anos. **Resultados:** Quanto ao segmento afetado, observou-se que as lesões osteotenomusculares ocorreram com a maior incidência nos membros superiores, correspondendo a 90% do total, seguindo das lesões corto-contusas envolvendo o membro inferior (10%). Quanto à fase de ocorrência, 55% das lesões ocorreram nos jogos oficiais, por traumas diretos e desgaste muscular. Quanto à gravidade das lesões, 95% foram de grau I, permitindo ao atleta retornar as suas atividades com menos de sete dias. Quanto às lesões mais frequentes observou-se que as escoriações na região do antebraço, palma das mãos e face lateral da coluna dorsal, representaram 50% das ocorrências, seguindo das lesões traumáticas envolvendo as articulações do punho, cotovelo e dedos das mãos (30%), das lesões osteotenomusculares envolvendo o ombro, braço e antebraço (10%) e das lesões corto-contusas na região das pernas (10%). Quanto à posição no jogo, observou-se que os jogadores com pontuação alta sofreram um índice maior de lesões osteotenomusculares (90%) se comparados aos com pontuação baixa (10%). Quanto às queixas durante os treinamentos e jogos oficiais, observou-se que a hipertermia corporal representou 60% das queixas, seguindo de cansaço muscular (30%), das cefaléias e tonturas (10%). Observou-se também que a temperatura corporal dos atletas com queixas de hipertermia oscilaram em torno de 37,50 a 38,50 durante os jogos. Após a terapia de resfriamento corporal as temperaturas aferidas retornaram a valores dentro da normalidade (36,0 a 36,50). Não foi registrado nenhum episódio de disreflexia autonômica. **Conclusão:** Os resultados respondem às questões de estudo, enfatizando que um minucioso estudo das condições clínicas do atleta, incluindo exame físico-funcional, análise laboratorial bioquímica, cardiológica e densitometria mineral óssea têm grande relevância na preparação do praticante deste esporte. É fundamental ter o conhecimento das possíveis disfunções decorrentes da lesão medular e do histórico de lesões anteriores para tratamento e prevenções adequadas. Para a prática segura da modalidade, a confecção individualizada da cadeira de jogo e da utilização do arsenal de proteção são fatores essenciais para a diminuição do número de lesões. Apesar da modalidade se apresentar de forma agressiva, o Rúgbi proporciona muitos benefícios na vida do atleta com lesão medular. Podemos destacar a melhoria das condições cardio-respiratórias, aumento do tônus, do trofismo, da força muscular e redução da incidência de osteoporose por desuso nos membros superiores. Tais fatores levam a melhoria da auto-estima, independência funcional e melhoria da sua qualidade de vida.

Análise de regressão linear entre velocidade média de deslocamento do jogador durante uma partida e capacidade vital forçada de jogadores de Rúgbi em Cadeira de Rodas

Juliana Viana PARIS¹, Juliana Landolfi MAIA¹, Marlene A. MORENO^{1,2}, Karine Jacon SARRO³, Ricardo Machado Leite de BARROS¹. ¹ - Faculdade de Educação Física - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. ² - Faculdade de Ciências da Saúde - UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, Brasil. ³ - Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Brasil. e-mail: julianav.paris@gmail.com

Introdução: Rúgbi em cadeira de rodas é uma modalidade esportiva paraolímpica mista, para atletas com deficiência nos quatro membros, em sua maior parte composta por sujeitos com lesão medular alta. O lesado medular, além das alterações sensoriais e motoras, apresenta função pulmonar anormal. Considerando que a capacidade respiratória pode ser um indicativo relevante para o desempenho físico, associar variáveis respiratórias com velocidade média durante uma partida, pode trazer importantes informações sobre o atleta, o que poderá contribuir para um melhor planejamento do treinamento relacionado à individualidade e especificidade. **Objetivo:** Verificar a relação de dependência entre os valores da velocidade média de deslocamento do jogador durante uma partida de rúgbi em cadeira de rodas e os valores da capacidade vital forçada (CVF). **Metodologia:** sete lesados medulares nível C4 à C7, jogadores de rúgbi em cadeira de rodas foram estudados. A medida da CVF foi realizada de acordo com as orientações da *American Thoracic Society*, usando um espirômetro (*Easy-One*). Para obtenção da velocidade média de deslocamento durante a partida foi utilizada a análise cinemática de rastreamento de jogadores descrita por Sarro et al., 2010. Para verificar a relação de dependência entre as variáveis, utilizou-se a análise de regressão linear simples. **Resultados:** os valores da velocidade média de deslocamento encontrados foram de 0,89 m/s com desvio-padrão 0,29 e os valores de CVF foram 2,38 litros com desvio-padrão 1,32. A análise de regressão linear simples mostrou relação de dependência entre as variáveis ($r^2=0,8$; $r=0,89$; $p=0,006$). **Conclusão:** Os resultados mostram que os jogadores de rúgbi em cadeira de rodas que apresentaram maior CVF foram os que atingiram maior velocidade média em quadra durante o jogo analisado.

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Análise do perfil educacional e esportivo do atleta com deficiência visual, participante da modalidade goalball nas paraolimpíadas escolares brasileiras.

Otávio Luis P.C. FURTADO¹, José Júlio G. ALMEIDA². ¹ Prof. Ms. da ESAMC, ²Prof. Dr. do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada – FEF/UNICAMP. Contato: otaviofurtado@hotmail.com

Introdução: O Goalball é uma modalidade esportiva criada para pessoas com deficiência visual (DV). Foi incluída no programa paraolímpico no ano de 1976 e em 2008 contou, pela primeira vez, com a participação das equipes brasileiras na categoria masculina e feminina. No Brasil, a modalidade está organizada em campeonatos nacionais, regionais e estaduais, além de estar incluída nas paraolimpíadas escolares. **Objetivos:** apresentar o perfil educacional e esportivo do atleta com deficiência visual, participante da modalidade goalball nas paraolimpíadas escolares brasileiras. **Métodos:** Foram incluídos na pesquisa atletas inscritos na modalidade goalball, com idade igual ou superior a 18 anos e classificados com deficiência visual, segundo critérios esportivos internacionais. O protocolo de coleta de dados incluiu um questionário semi-estruturado e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. **Resultados:** A caracterização da amostra, composta por 11 jovens, é apresentada na tabela 1.

Sexo	Idade	Estado	Escolaridade	Ensino	Classif. esportiva	Influência esportiva	Anos de prática	Horas prá/sem
F	18	SP	2º EM	IDV (10 anos)	B1	IDV	1	6
F	19	PA	1º EM	RR	B3	UNIV	1	9
M	18	MG	1º EM	IDV (13 anos)	B1	IDV	3	9
M	19	MG	1º EM	IDV (10 anos)	B1	IDV	4	3
M	18	MG	9º FUND	IDV (13 anos)	B1	ADV	2,5	12
M	18	SP	2º EM	RR	B1	ADV	3	1
M	19	SC	3º EM	RR	B2	RR	0,8	5
M	19	PB	9º FUND	IDV (6 anos)	B2	IDV	1	9
M	18	PA	1º EM	IDV (17 anos)	B2	IDV	3	30
M	18	RJ	3º FUND	IDV (10 anos)	B2	IDV	1	9
M	18	SC	1º EM	RR	B3	ADV	3	3

Legenda: F: Feminino; M: Masculino; EM: Ensino Médio; FUND: Fundamental; IDV: Instituto para DV; RR: Rede Regular; UNIV: Universidade; ADV: Associação para DV.

Além da prática de goalball, 3 atletas praticavam judô, 3 natação, 2 atletismo, 1 ginástica olímpica e ballet e 1 jiu-jitsu. Exceto para prática de judô, em uma situação, todos profissionais envolvidos possuíam formação em Educação Física e eram considerados capazes para orientação das práticas esportivas. **Conclusões:** Essa pesquisa permite concluir que o ensino de atletas cegos se deu principalmente em Institutos de ensino específicos para esse grupo, contrapondo a nova tendência à inclusão na rede regular de ensino. A influência desses locais e de Associações para pessoas com DV tem sido fundamental para a prática esportiva, merecendo atenção de gestores do paradesporto, quanto à formação de novos atletas. Para conhecimento mais aprofundamento sobre essa problemática sugerimos pesquisas com um número maior de participantes, inclusive, envolvendo outras modalidades para pessoas com DV.

Análise dos efeitos das diferentes cadeiras de rodas esportivas num teste de agilidade física

Rodrigo A. BARROS¹, Walkiria G. MORAES¹, Ciro W. de OLIVEIRA FILHO². ²UNIFESP-BS, Santos, SP, Brasil. ¹Graduando em Educação Física, Prof. Dr. do Curso de Educação Física, UNIFESP/SANTOS. rodrigoartese@gmail.com

Introdução: O basquete em cadeira de rodas é um dos esportes precursores não só da prática esportiva para pessoas com deficiência física, mas dos Jogos Paraolímpicos. O desempenho do atleta é dependente de sua forma de deslocamento e a literatura aponta poucos estudos quanto ao impacto da cadeira de rodas no desempenho atlético. **Objetivo:** Analisar os efeitos de diferentes cadeiras de rodas esportivas no desempenho de um teste de agilidade. **Metodologia:** a amostra foi constituída por dois grupos. Grupo experimental (GE) constituído por 5 atletas com deficiência física e grupo controle (GC) constituído por 9 indivíduos sem deficiência treinados por um mês para adaptação a cadeira de rodas. Todos os indivíduos eram do gênero masculino, a média de idade do GE era de 28,5 anos enquanto a do GC era de 19 anos. Os dois grupos foram submetidos ao teste de agilidade modificado em cadeira de rodas. O teste de agilidade foi modificado do teste de ziguezague que teve sua distância aumentada de 6,0 x 9,0 para 9,0 x 9,0 m, a fim de ser realizado por indivíduos em cadeiras de rodas. Durante os testes cada voluntário utilizou quatro cadeiras de rodas diferentes, para G1 uma das cadeiras era a cadeira própria e para G2 a cadeira que o indivíduo julgou ter melhor adaptação e as outras três cadeiras foram previamente determinadas, sendo iguais para todos os indivíduos (cad.2 = cambagem da roda (CR) 7°, altura do assento (AA) 58 cm e altura do encosto (AE) 20 cm; cad.3 = CR 9°, AA 59 cm e AE 24 cm; cad.4 = CR 10°, AA 57 cm e AE 21 cm). Para definição da ordem de utilização das cadeiras de rodas o critério adotado foi a cadeira de menor para a de maior cambagem. Para análise foi usada a estatística descritiva e teste não paramétrico de *Wilcoxon* utilizando o programa SPSS 15.0. **Resultados:**

Cadeira	Grupo Experimental		Grupo Controle		GE/GC	
	Média	DP	Média	DP	p	z
1	20,08	1,82	22,18	1,01	0,138	-1,48
2	24,93	6,29	21,81	1,14	0,345	-0,94
3	23,79	4,53	22,21	1,28	0,225	-1,21
4	22,62	3,90	22,48	1,08	0,686	-0,40

Cadeira	Grupo Experimental		Grupo Controle	
	p	Z	p	Z
1/2	0,080	-1,753	0,374	-0,889
1/3	0,080	-1,753	0,678	-0,415
1/4	0,080	-1,753	0,286	-1,067
2/3	0,500	-0,674	0,314	-1,007
2/4	0,080	-1,753	0,051	-1,955
3/4	0,138	-1,483	0,069	-1,820

Não foi encontrada diferença significativa ($p \leq 0,05$) tanto na comparação inter grupos quanto na comparação intra-grupos. **Conclusão:** Os resultados demonstram que as cambagens testadas não interferiram no desempenho durante o teste de agilidade para os dois grupos. As análises dos resultados apontam necessidade de ampliar o número de sujeitos estudados e a relação da classe funcional dos atletas e a cambagem da cadeira de rodas

Aplicabilidade das equações de predição de gordura corporal para atletas com lesão medular.

José Irineu GORLA¹, Natacha Manchado PEREIRA², Anselmo de Athayde COSTA e SILVA², Celso Dario RAMOS³, Allan Oliveira SANTOS³, Raquel Novas CABRERA³, Décio Roberto CALEGARI⁴, Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS². ¹UNICAMP/FEF, ²UNICAMP/FEF/BOLSISTA/CNPQ, ³UNICAMP/FCM/MEDICINA NUCLEAR, ⁴UNIPAR/TOLEDO/PR – gorla@fef.unicamp.br.

Introdução: A análise da composição corporal visa diferenciar e quantificar os diferentes compartimentos corporais. Em indivíduos com lesão medular a proporção e densidade dos constituintes da composição corporal são alteradas. A avaliação destas é realizada através de métodos de campo. Para que esses resultados sejam fidedignos, é preciso analisar a aplicabilidade das equações de predição de gordura corporal, as quais tendem a uma subestimação da gordura corporal em lesados medulares (MOJTAHEDI et al., 2009; SUTTON et al., 2009; KOCINA et al., 1997; BULBULIAN et al., 1987). **Objetivos:** O objetivo desse estudo foi analisar a aplicabilidade das equações de predição de gordura corporal em comparação com os resultados obtidos através do DXA. **Métodos:** Participaram da pesquisa 17 atletas com lesão medular (C4-T11), praticantes de Rúgbi e Handebol em Cadeira de Rodas. Os indivíduos foram avaliados através de DXA e Antropometria (massa, estatura, circunferências, diâmetros e pregas cutâneas). Foram analisadas 17 equações antropométricas generalizadas para comparação ao percentual de gordura do DXA, das quais 4 foram selecionadas. Os resultados analisados através de estatística descritiva e os valores de percentual de gordura obtidos através do DXA foram correlacionados com os resultados de equações de predição de gordura. Utilizou-se o teste de *Wilcoxon* para comparar os resultados encontrados entre as equações e o Coeficiente de Correlação linear de *Spearman* (*rho*) para avaliar a relação entre as equações. Para confirmar a aplicabilidade das equações utilizou-se análise de regressão linear com as equações que apresentaram correlações significativas com o PGDXA. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. Foi utilizado o pacote estatístico R-Plus 2.10.0[®]. **Resultados:** Foram apresentados apenas os resultados de equações que foram fortemente correlacionados com o PGDXA (Tabela 1).

Tabela 1 – Valores antropométricos e da composição corporal em atletas com lesão medular (n=17).

Variável	Massa (Kg)	Est. (cm)	IMC (Kg/m ²)	BMD (g/cm ²)	G (Kg)	MM (Kg)	PG (%)	EQ1 (%)	EQ2 (%)	EQ3 (%)	EQ4 (%)
Mediana	65.3	175.3	20.60	1.11	14.63	49.46	22.70	22.87	20.92	17.29*	17.69*
AIQ	9.4	8.5	4.11	0.12	6.65	4.83	7.70	5.19	5.83	5.04	10.83
<i>Rho</i>	-	-	-	-	-	-	-	0,76**	0,77**	0,76**	0,81**
R ²	-	-	-	-	-	-	-	0,29	0,13	0,54	0,32
EPE	-	-	-	-	-	-	-	6,18	6,89	4,98	6,09

Legenda: Est. – estatura; BMD – conteúdo mineral ósseo (DXA); G – massa gorda (DXA); MM – massa magra total (DXA); PG – Percentual de gordura (DXA); EQ1 – Equação de Guedes (1985); EQ2 – equação de Bulbulian (1987); EQ3 – Equação de Wilmore e Behnke (1969); EQ4 – Equação de Sloan (1967); AIQ – amplitude inter-quartil; *rho* – coeficiente de correlação de *Spearman*; nível de significância adotado ($p \leq 0,05$). R² R quadrado ajustado da análise de regressão; EPE – erro padrão de estimativa da equação; * diferença significativa das equações em relação ao PG (DXA) ao nível de p estabelecido; ** correlação significativa ao nível de p estabelecido.

Das quatro equações apenas duas não diferiram significativamente do percentual encontrado pelo DXA (GUEDES (1985) e BULBULIAN et al. (1987)). Contudo os resultados encontrados não permitem afirmação de que as equações de predição de gordura podem ser utilizadas na amostra estudada por que os resultados da análise de regressão não foram satisfatórios. **Conclusão:** Os resultados deste estudo confirmam os resultados encontrados na literatura (SUTTON et al., 2009; MOJTAHEDI et al., 2009) de que as equações generalizadas não são úteis para avaliação de atletas com deficiência. Novos estudos com amostras maiores podem ser úteis no estabelecimento de padrões de avaliação específicos para esta população.

Avaliação da relação entre antropometria e percentual de gordura em lesados medulares.

Anselmo de Athayde COSTA e SILVA¹, Natacha Manchado PEREIRA¹, Celso Dario RAMOS², Allan Oiveira SANTOS², Raquel Novas CABRERA², Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS¹, Décio Roberto CALEGARI³, José Irineu GORLA⁵. ¹UNICAMP/FEF/BOSISTA/CNPQ, ²UNICAMP/FCM/MEDICINA NUCLEAR, ³UNIPAR/TOLEDO/PR, ⁴UNICAMP/FEF – anselmo.hcr@gmail.com.

Introdução: A avaliação da composição corporal é de grande importância devido ao fato de que os parâmetros desta estão relacionados com a saúde e com o desempenho esportivo. Estudos têm sido realizados sobre a composição corporal de lesados medulares, contudo esta avaliação tem sido dificultada em campo devido à escassez de parâmetros válidos para a mesma. **Objetivos:** Avaliar a relação entre o percentual de gordura corporal e as variáveis antropométricas em atletas lesados medulares. **Métodos** - Participaram da pesquisa 17 atletas com lesão medular (C4-T11), praticantes de Rúgbi e Handebol em Cadeira de Rodas. Os indivíduos foram avaliados através de Absorciometria Radiológica de Dupla Energia (DXA) e Antropometria (massa, estatura, circunferências, diâmetros e pregas cutâneas). Os resultados foram analisados através de estatística descritiva e como os dados apresentaram normalidade (Shapiro-Wilk), os valores de percentual de gordura obtidos através do DXA foram correlacionados com as medidas antropométricas por meio do Coeficiente de Correlação Linear de *Pearson* (r). Utilizou-se da análise de regressão para tentar encontrar a melhor relação entre as medidas e o Percentual de gordura. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. Foi utilizado o pacote estatístico R-Plus 2.10.0[®]. **Resultados:** Dentre as medidas antropométricas avaliadas, apenas as variáveis, circunferência abdominal (CAB) e as pregas cutâneas abdominal (PAB), peitoral (PPT), subescapular (PSB) e tricípital (PTR) apresentaram correlação significativa com o percentual de gordura avaliado pelo DXA (Tabela 1). Contudo o coeficiente de correlação que destacou-se foi da dobra cutânea abdominal ($r=0,80$). A mesma análise não revelou valores consistentes para as variáveis massa estatura e índice de massa corporal. Ao realizar a análise de regressão percebe-se que apenas a variável PAB apresentou um valor de R^2 acima de 0,60. Contudo o erro padrão foi elevado (4,56). Não foi possível realizar análise de regressão múltipla por conta da amostra do estudo ser reduzida (HAIR et al. 2009).

Tabela 1. Valores antropométricos e da composição corporal em lesados medulares

Variável	Massa (Kg)	Est. (cm)	IMC (Kg/m ²)	BMD (g/cm ²)	G (Kg)	MM (Kg)	PG (%)	CAB (cm)	PAB (mm)	PPT (mm)	PSB (mm)	PTR (mm)
Media	66.05	175.44	21.52	1.15	16,23	48,9	24,41	82,61	23,44	12,73	17,62	9,26
Dp	9.38	9.45	3.13	0.11	6,4	4,81	7,39	10,29	10,73	7,53	8,09	3,52
Min	49.8	157.0	16.6	1.02	8.15	40.75	14.80	69.5	9	4.1	7.6	4.4
Max	83.0	198.2	28.4	1.41	28.86	56.18	38.00	101.9	53.2	27.6	32.6	17.4
r	0,59*	ns	Ns	-	-	-	-	0,59*	0,80*	0,52*	0,74*	0,53*
R^2	0,30	-0,37	0,15	-	-	-	-	0,30	0,62	0,23	0,52	0,23
EPE	6,16	7,52	6,81	-	-	-	-	6,18	4,56	6,48	5,09	6,46

Legenda: Est. – estatura; BMD – conteúdo mineral ósseo (DXA); G – massa gorda (DXA); MM – massa magra total (DXA); PG – Percentual de gordura (DXA); r – coeficiente de correlação de *Pearson*; nível de significância adotado ($p \leq 0,05$). R^2 R quadrado ajustado da análise de regressão; EPE – erro padrão de estimativa da equação; * correlação significativa ao nível de p estabelecido.

Conclusão: Os resultados não permitem apontar as variáveis antropométricas como alternativa de campo para avaliação da gordura corporal. Entretanto, os valores de correlação encontrados apontam para a tendência de uma relação das variáveis estudadas com a gordura corporal. Novos estudos com a mesma população, porém, com amostras maiores podem evidenciar novamente as correlações indicadas. Também com amostras maiores é possível estabelecer modelos de regressão linear múltipla e assim estabelecer métodos de campo como Bulbulian et al. (1989).

Avaliação indireta da capacidade cardiorrespiratória em atletas com lesão medular.

Lucinar Jupir Forner FLORES^{1,2}, Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS², Rafael Botelho GOUVEIA², Luis Gustavo de Souza PENA², Mariane BORGES³, Fernando Rosch de FARIAS³, Natacha Manchado PEREIRA², Anselmo de Athayde COSTA e SILVA², Décio Roberto CALEGARI³ e José Irineu GORLA⁴.
¹UNIOESTE-Marechal C. Rondon-PR; ²UNICAMP/FEF/CNPQ; ³UNIPAR-Toledo-PR; ⁴Prof. UNICAMP/FEF
lucinarflores@hotmail.com

Introdução: O valor da capacidade cardiorrespiratória possui um comportamento diferente em lesados medulares, estando relacionado ao nível de lesão, já que este está ligado a uma menor frequência cardíaca e ventilação, como verificado no estudo de Lakomy, Campbell & Williams (1987). Em indivíduos com lesão mais alta, o valor do VO₂ máx. é limitado pela reduzida massa muscular apta ao exercício (MORGULEC et al. 2006). Existem alguns poucos protocolos de mensuração do VO₂ máx para os sujeitos lesados-medulares e estes podem ser divididos em duas formas de mensuração; a direta (analisador de gases) e a indireta (ergômetros e quadra de jogo). **Objetivo:** Avaliar e comparar a capacidade cardiorrespiratória de lesados medulares praticantes de esporte adaptado através de um teste de 12 minutos em quadra de jogo. **Materiais e métodos:** A amostra constituiu-se de 19 usuários de cadeira de rodas, dos quais 9 possuíam abaixo de T1 e 10 possuíam lesão alta, no caso, lesões medulares de C4 a T1. Dentre os sujeitos acometidos por uma lesão baixa, 4 eram do sexo feminino, enquanto os acometidos por uma lesão alta eram todos do sexo masculino. O teste para estimativa da capacidade cardiorrespiratória foi realizado conforme protocolo estabelecido por Franklin et al. (1990), na quadra de piso rígido não escorregadio. Após a obtenção dos resultados em metros do teste, transformou-se estes resultados em milhas para o cálculo dos valores de estimativa do VO₂ máx em usuários de cadeira de rodas conforme protocolo proposto por Franklin et al. (1990). Os resultados são apresentados em média e erro padrão da média. Para a comparação das médias dos grupos estudados foi utilizado o teste t de Student para amostras não pareadas. Foram considerados significativos os valores de $p \leq 0,05$. **Resultados:** A média de idade dos sujeitos com lesão baixa foi de $33,3 \pm 3,2$ anos, e dos sujeitos com lesão alta foi de $27 \pm 1,7$ anos, não apresentando diferença entre os grupos nesta variável. Quanto à massa corporal e estatura dos sujeitos, foi encontrada média de $56 \pm 6,6$ kg e $1,52 \pm 0,04$ m, para os acometidos por lesão baixa e, $61 \pm 2,5$ kg e $1,76 \pm 0,04$ m, para os acometidos por lesão alta, apresentando diferença entre os grupos para a variável estatura. Já o IMC não apresentou diferenças entre os grupos ($20 \pm 0,9$ kg/m² e $23,9 \pm 1,5$ kg/m² respectivamente). A distância percorrida em metros durante o teste de 12 minutos para avaliação da capacidade cardiorrespiratória foi superior no grupo lesão baixa quando comparado ao grupo lesão alta (1823 ± 92 mts vs $1425,4^* \pm 154,3$ mts respectivamente). Após a obtenção dos resultados em metros do teste, transformou-se estes resultados em milhas para o cálculo dos valores de estimativa do VO₂ máx em usuários de cadeira de rodas conforme protocolo proposto por Franklin et al (1990). O grupo lesão baixa obteve valores significativamente maiores em relação ao grupo lesão alta ($22,8 \pm 1,7$ vs $15,4 \pm 2,9$ ml/kg/min respectivamente). **Conclusão:** Através dos resultados obtidos podemos considerar que a avaliação indireta da capacidade cardiorrespiratória nos grupos estudados apresentam valores médios dentro da normalidade para cada grupo e que o grupo com lesão baixa (menos acometimento) apresenta maior capacidade cardiorrespiratória que o grupo lesão alta avaliado.

Avaliação isocinética de joelho em atletas paraolímpicos: modalidade atletismo.

Andressa SILVA^{1,3}, Ciro Winckler de Oliveira FILHO^{1,2}, Ronnie PETERSON¹, Roberto ITIRO¹, Roberto VITAL¹, Gerson LEITE¹, Ivan TAIAR³, Sergio TUFIK^{2,3}, Marco Túlio DE MELLO^{1,2,3}. ¹Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, ²Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, ³Centro de Estudos em Psicobiologia e Exercício - CEPE. andressa@cepebr.org

Introdução: A avaliação isocinética tem sido usada nas últimas três décadas como método para se determinar o padrão funcional da força e do equilíbrio muscular. A avaliação é realizada com velocidade angular constante e predeterminada, seja lenta, intermediária ou rápida. O joelho é a articulação em que se observa maior número de estudos isocinéticos, bem como aplicabilidade dos resultados. **Objetivo:** O objetivo do presente estudo foi avaliar o pico de torque muscular isocinético concêntrico dos flexores e extensores de joelhos em atletas do atletismo paraolímpico. **Métodos:** Participaram da avaliação 12 atletas (4 mulheres e 8 homens) corredores de provas de velocidade e meio fundo, sendo 6 com deficiência visual, 2 com paralisia cerebral e 4 com amputação, também foram avaliados 5 atletas-guia. As avaliações ocorreram no período de avaliação da equipe permanente de atletismo que aconteceram em dezembro de 2009 e julho de 2010. As avaliações foram realizadas por meio do dinamômetro isocinético *Biodex System 3 Pro*, no Centro de Estudo em Psicobiologia e Exercício - CEPE. O protocolo de avaliação de joelho utilizado foi nas velocidades: 60°/s (5 repetições), 180°/s (10 repetições) e 300°/s (15 repetições), com 1 minuto de intervalo entre séries. O presente protocolo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da UNIFESP (2018/08). **Resultados:** Foi constatado que na avaliação de dezembro de 2009, 9 atletas apresentaram um déficit no pico de torque maior que 15%, quando comparado os músculos extensores direito e esquerdo e os músculos flexores direito e esquerdo. Sendo que 3 atletas apresentaram um déficit (19.1%, 92.9%, 17.7%) de força nos músculos extensores de joelho, 4 atletas apresentaram um déficit (21.4%, 23.7%, 79.5%, 40.9%) dos músculos flexores de joelho e 2 atleta apresentou déficit em ambos os músculos flexores (19.5%, 60.1%) e extensores (23.4% e 28.5%). No entanto, os atletas-guia não apresentaram nenhum déficit no pico de torque. Os treinadores, bem como os atletas foram orientados após as avaliações sobre a diferença de força muscular e o treinamento adequado para minimizar esse deficit. Já na avaliação de julho de 2010, apenas 3 atletas apresentaram déficit no pico de torque para os músculos flexores e extensores de joelho. **Conclusões:** Podemos concluir que os atletas apresentaram déficit no pico de torque, mas quando orientados a realizar um trabalho específico de treinamento de força o número de atletas com déficit de força diminuiu. Constatamos também que o isocinético é um recurso objetivo para avaliação e controle de treinamento de atletas paraolímpicos, como também um recurso importante para orientar os técnicos e atletas para adequarem os treinamentos e dessa forma minimizar os efeitos negativos do desequilíbrio muscular e melhorar o desempenho do atleta nas competições. **Agradecimentos:** AFIP, CEPE, CPB, CEPID Sono/FAPESP, CAPES, CNPQ, FADA – UNIFESP.

Avaliação sensório-motora de jogadores do futebol com Paralisia Cerebral

Erick CONDE^{1,2}; Cristiano CERQUEIRA¹; Rodrigo MESQUITA¹; Leandro M. da SILVEIRA¹.
¹ANDEF/NCTP, Niterói, RJ, Brasil; ²Universidade Federal Fluminense (Lab. de Neurobiologia da Atenção e Controle Motor). psicoerick@yahoo.com.br

Introdução: O futebol de 7 surgiu em 1978 e é praticado por pessoas com paralisia cerebral (PC). A PC é caracterizada por déficits sensório-motores precoces, os quais podem acarretar em prejuízos na maturação neuromuscular e também no desenvolvimento de funções cognitivas. A Cronometria Mental, através da medida do Tempo de Reação Manual (TRM), é um método da Neurociência Cognitiva para o estudo da atividade sensoriomotora e de capacidades cognitivas. **Objetivos:** verificar possíveis diferenças na lateralidade do processamento sensório-motor em jogadores com PC através da medida do TRM. **Métodos:** O teste simulou uma jogada específica do futebol: um jogador se demarca para receber a bola. A apresentação dos estímulos e a medida do TRM foram feitas com o software Inquisit Millisecond (versão 3.0). Os estímulos foram silhuetas de jogadores de futebol (6,5 x 1,5 graus), parcialmente sobrepostos 6 graus à esquerda e à direita do ponto de fixação central (PF), simulando a marcação homem a homem. Aleatoriamente, o jogador de trás se desmarcava em um dos lados como se pretendesse receber a bola, ficando mais à esquerda ou mais à direita do marcador. Cinco atletas (17 a 19 anos) foram instruídos a manter os olhos fixos no PF e a responder prontamente com a tecla situada do mesmo lado em que o jogador que se desmarcou (total de 80 testes). Participantes com déficit nos membros superiores (N=2) pressionaram, com a mão preservada, a tecla B (para o estímulo-alvo na esquerda) ou a tecla N (para o estímulo-alvo na direita). Os demais (N=3) utilizaram as teclas A ou L, respectivamente. Foram realizadas análises individuais dos TRMs obtidos em cada lado com o teste "t" de *Student*. Somam-se aos dados uma estatística descritiva (média e desvio padrão) do desempenho por hemisfério. **Resultados:** Apenas o atleta 5 demonstrou diferenças temporais entre as respostas executadas no campo esquerdo e no campo direito. Os resultados são apresentados na tabela 1.

Atleta/Posição	TRM na esquerda	TRM na direita	Valor de p
Atleta 1 / atacante	305 ms (± 71)	297 ms (± 55)	0,75
Atleta 2 / zagueiro	283 ms (± 37)	290 ms (± 48)	0,37
Atleta 3 / meio-campo	314 ms (± 73)	320 ms (± 67)	0,68
Atleta 4 / meio-campo	376 ms (± 66)	372 ms (± 70)	0,83
Atleta 5 / atacante*	422 ms (± 56)	374 ms (± 59)	0,0001

Tabela 1: Desempenho dos atletas em milissegundos (média e desvio padrão), por hemisfério. * $p \leq 0,05$.

Conclusões: Diferenças na orientação da atenção espacial podem prejudicar a percepção periférica de estímulos em movimento e assim afetar o rendimento de um jogador e também da equipe. A identificação de demandas atencionais e sensório-motoras pode ser realizada através da medida do TRM. A programação de testes de reação simulando situações específicas da modalidade pode facilitar a identificação de tais demandas no futebol de 7 e também ajudar o treinador no planejamento de treinos e gerência de jogos.

Avaliação das variáveis antropométricas e motoras de atletas de elite de Futebol para Cegos

Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS^{1,4}, Luís Gustavo de Souza PENA^{1,4}, Anselmo de Athayde COSTA E SILVA^{1,2,3}, Rafael B. GOUVEIA^{1,4}, Paulo Ferreira de Araújo^{1,4}, Ramon P. SOUSA⁵, José Júlio Gavião de ALMEIDA¹, Jose Irineu GORLA¹. ¹FEF/UNICAMP/Campinas/SP/Brasil. ²Pós-Graduando ³bolsista de mestrado, CNPq. ⁴ Graduação, ⁵Instituto Benjamin Constant/Rio de Janeiro/RJ/Brasil. pf_luisfelipe@yahoo.com.br

Introdução: O futebol de 5 é uma modalidade paraolímpica, praticada por atletas com deficiência visual. Nos últimos anos, a Seleção Brasileira obteve resultados importantes nas maiores competições internacionais da modalidade, devido, entre outros fatores, ao planejamento realizado na preparação física dos atletas. Dada a sua importância, conclui-se que os processos de avaliação, para controle do treinamento, tornam-se imprescindíveis, para o rendimento esportivo. **Objetivo:** Avaliar as variáveis antropométricas e motoras dos atletas da Seleção Brasileira de Futebol para Cegos, durante o período de preparação para o Campeonato Mundial de 2010. **Metodologia:** Participaram deste estudo 6 atletas integrantes da Seleção Brasileira de futebol de 5, do sexo masculino, com deficiência visual. Os sujeitos realizaram 4 meses de treinamento, em preparação para o Campeonato Mundial. Foi realizada avaliação antropométrica e motora em dois momentos: ao início e ao término do treinamento. Para o cálculo do percentual de gordura, utilizou-se a equação proposta por Jackson e Pollock (1976). A capacidade aeróbia, ($VO_2 \text{ máx}$) foi avaliada através do *Beep-Test* e a potência anaeróbia, ($POT \text{ máx}$) e índice de fadiga (%IF), foram avaliados através do *RAST test*. A análise estatística foi realizada através do software R-plus® 2.10.0. Foi verificada a normalidade dos dados através do teste de Shapiro-Wilk. Para os dados normais, foi utilizado o teste T-student para amostras pareadas e para os dados que não apresentaram normalidade, utilizou-se o teste Wilcoxon para amostras pareadas. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. **Resultados:** A variação dos valores antropométricos e motores é mostrada na tabela 1, dividida em momento 1 e 2 (primeira e segunda avaliações). Observa-se uma diminuição da gordura corporal, porém não significativa. Quanto aos parâmetros fisiológicos, os atletas apresentaram evolução do desempenho em consumo de oxigênio, além de uma redução no índice de fadiga.

Tabela 1 – Variação da antropometria e do desempenho motor antes e depois do treinamento

	ANTROPOMETRIA						DESEMPENHO MOTOR						
	MC(Kg)		Est. (m)	%G		Beep (voltas)		VO2máx		POTmáx		%IF	
Momentos	1	2	1	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Média	76,6	75,8	1,73	20,05	16,5	50,1	68,3	40,6	46,1	556,6	576,6	44,4	24,4
DP (±)	8,02	8,05	0,08	6,4	3,67	15,06	11,3	4,09	3,67	86,6	88,2	8,6	4,57
Min	69	65,8	1,61	13,5	11,2	31	60	35,6	44,6	437,7	495,9	29,1	18,5
Máx	87,3	83,6	1,84	31,2	20,4	76	91	47,6	53,6	690,2	746,8	53,5	31,8
p	0.45		-	0.06		0.03*		0.03*		0.69		0.003*	

Legenda: *valores $p \leq 0.05$, estatisticamente significativos; IF = Índice de Fadiga.

Conclusão: A partir dos resultados obtidos pode-se concluir que a intervenção foi positiva na melhora das capacidades físicas inerentes à modalidade e, foi constatada uma diminuição da gordura corporal. Apesar do valor absoluto da potência anaeróbia não ter sofrido alterações significativas, a diminuição no índice de fadiga aponta um aumento na resistência anaeróbia, importante na prática do futebol para cegos. Este estudo constitui referência para o trabalho de preparadores físicos da modalidade, contudo amostras mais numerosas, duração maior do programa de treinamento, além de avaliações durante o programa podem apresentar novos indicativos sobre o trabalho de preparação física com atletas praticantes de futebol de cinco para cegos.

Caracterización de la frecuencia cardíaca y lactatemia en Esgrima en Silla de Ruedas

Válber Lázaro NAZARETH^{1,2}, Xavier IGLESIAS³, Edison DUARTE⁴, Anselmo de Athayde COSTA e SILVA⁵, Jacqueline M. PATATAS⁶, Luis Gustavo de Souza PENA, Luis Gustavo Teixeira Fabricio dos SANTOS, José Irineu. GORLA⁴. ¹ Academia da Força Aérea – AFA, ² CPB, ³ Prof. Dr. do Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya, Universitat de Barcelona (Espanya), ⁴ Prof. Dr. do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, FEF/UNICAMP, Campinas, SP (Brasil), ⁵ UNICAMP/FEF/CNPQ, ⁶ UNICAMP/FEF/CAPES. xiglesias@gmail.com

Introdução: La esgrima es uno de los deportes presentes en el programa de los juegos olímpicos y paralímpicos. **Objetivo:** Caracterizar el comportamiento de la frecuencia cardíaca y la lactatemia, en deportistas con discapacidad física, durante una competición oficial de esgrima em cadeira de rodas. **Metodologia:** Participaron en el estudio 12 esgrimistas (7 mujeres y 5 hombres) con una media de edad de (30,5±4,35 hombres; 33±14,64 mujeres). Todos firmaron un consentimiento informado. Como criterios de inclusión determinamos la experiencia competitiva mínima de 3 años, un nivel de entrenamiento de 10 horas semanales y la inexistencia de ninguna lesión que no fuera la propia de su discapacidad. Se monitorizó la FC mediante un pulsómetro (Polar RS800), durante una competición oficial. Se registraron los valores de lactato (Lactate Pro, Arkray, Japan) basales, en un asalto de la poule (5 tocos) y otro de la final (15 tocos). **Resultados:** Los valores medios de la FC en competición de esgrima en silla de ruedas (tabla 1) han sido de 142±39 BPM, encontrándose diferencias significativas entre la muestra masculina y femenina (p<0,05). La tabla 2 muestra los valores de FC en cada una de las fases de competición. Los valores de lactato recogidos en los asaltos de 5 y de 15 tocos son similares, presentando unos valores medios de 3,69 mmol·L⁻¹ con valores extremos de 1,7 y 6,3 mmol·L⁻¹ (tabla 3).

TABELA 1 – Valores de Frecuencia Cardiaca (BPM) e Latctato (mmol/L⁻¹). Valores apresentados em média, desvio padrão (±), mínimo e máximo.

FC ASSALTOS			REPOUSO		POULE		ED+FINAL		LAC POULE			LAC ED + FINAL		
m	F	G	M	F	M	F	M	F	M	F	G	M	F	G
120,1	162,55	142,9	113,7	134	120,4	162,2	119,9	163,5	3,45	4,9	3,69	3,85	4,1	3,69
±35,2	±30,75	±39,1	±24,3	±26,9	±25,5	±28,6	±39,9	±29,8	±0,9	±1,1	±1,4	±1,1	±0,9	±1,0
79,6	85	79,6	69	81	80,6	94	79,6	85	1,7	3,6	1,7	2,6	3,4	2,6
207	200	207	217	200	207	200	199	199	4,6	6,3	6,3	5,8	5,3	5,8
0,00*			ns		Ns		ns		ns			ns		

Legenda: M – masculino; F – Feminino; G – Geral (todos os atletas); LAC – Lactato; ED – eliminatória direta.

Conclusões: Los registros de FC observados en asaltos de competición de esgrima en silla de ruedas (142,9±39 bpm), son muy similares a los descritos por Bernardi et al. (2010) en asaltos simulados, y superiores a los descritos por Iglesias et al. (2008) en deportistas no discapacitados en asaltos de entrenamiento en esgrima en silla de ruedas. Los registros de los asaltos a 5 y 15 tocos son similares, pero se aprecian diferencias significativas entre los valores de FC observados en la muestra masculina y femenina. Los valores de lactato en competición no son muy elevados (3,69 ± 1), y similares a los observados en la literatura sobre esgrima convencional (Iglesias, 1997). Estos resultados indican una discreta participación metabolismo anaeróbico láctico en la competición de esgrima, a pesar que la duración de los distintos asaltos y las constantes interrupciones de los combates puedan facilitar su eliminación por el aclarado y metabolización del lactato como indican Lavoie, Léger i Marini (1988).

Comparação entre teste direto e indireto para determinação do limiar anaeróbio em nadador Paradesportivo

João A. BORGES¹, Rodrigo F. MAGOSSO^{1,2}. ¹Centro Universitário de Rio Preto/UNIRP, ² Dir. Centro de Estudos em Fisiologia do Exercício, Musculação e Avaliação Física/CEFEMA. joaoborges_88@hotmail.com

Introdução: A natação paradesportiva é uma modalidade que tem apresentado nos últimos anos um salto quantitativo e qualitativo nas competições existentes. Assim a busca de variáveis para a efetiva administração do treinamento se torna cada vez mais necessária. **Objetivo:** Já que muitos lugares que desenvolvem o esporte paradesportivo não disponibilizam de análises lactacidêmicas, este trabalho determina o Limiar Anaeróbio (LAN) de forma direta e compara a identificação do mesmo de maneira indireta. **Metodologia:** Foi submetido aos protocolos 1 atleta da classe S7 participante de competições organizadas pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro e Governo Estadual. Os testes foram realizados em piscina semi-olímpica (25m) com a temperatura variando entre 27° e 28°C em que o voluntário executou o nado crawl. Os testes tiveram o intervalo de 1 semana e o horário de início mantido. Para a determinação de forma direta, foi utilizado o protocolo de DENADAI (et al. apud MELLO, 2004, p. 283), o atleta nadou 3x200m a respectivamente 85, 90 e 95% da velocidade média obtida em um teste máxima de 200m, com pelo menos 20 minutos de intervalo entre cada tiro. Após o 1º, 3º, 5º minuto do final de cada tiro foram coletados do lóbulo da orelha 25 µl de sangue para a determinação do lactato sanguíneo. Para a determinação do LAN foi considerado apenas a mais alta concentração do lactato entre as três amostras de cada tiro. Desse modo, para cada tiro foi determinada a velocidade média e a sua respectiva concentração de lactato e, por interpolação linear, foi considerado a velocidade correspondente a 4 mmol/l. Para determinação de forma indireta, o atleta foi instruído a nadar a máxima distância possível em 30 minutos. A VT-30 foi determinada pela razão entre a distância nadada (m) pelo tempo (1800s). Foram realizadas coletas de sangue no repouso, ao 10º minuto e ao término do teste para análise da lactacidemia. **Resultados:** Os resultados são apresentados na tabela 1. Foi encontrada uma diferença de 0,05 m/s em que torna o resultado não muito significativo.

Tabela 1 - Valores das Concentrações de Lactato nos Testes e Velocidade do Limiar Anaeróbio.

Teste Direto -3x200		Teste Indireto – T-30	
85%	3,18	Repouso	1,44
90%	4,56	10º	3,57
95%	9,39	Término	5,19
VLan	1,05 m/s	VT-30	1,0 m/s

Conclusão: O estudo realizado sugere que o valor do LAN superestima o T-30. Porém, para a obtenção de resultados mais precisos, seria necessário uma melhor avaliação que busque a correlação de outros protocolos de determinação de forma individual e um número maior de voluntários para um resultado mais representativo.

Correlação de classificação funcional e desempenho motor em atletas tetraplégicos praticantes de Rúgbi em Cadeira de Rodas

Luís Gustavo de Souza PENA¹, Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS¹, Anselmo de Athayde COSTA E SILVA², Rafael Botelho GOUVEIA¹, Luiz Gustavo F. dos SANTOS¹, Marília Passos MAGNO e SILVA², Lucinar Jupir Forner FLORES³, Jose Irineu GORLA⁴, ¹FEF/UNICAMP, ²Pós-Graduação FEF/UNICAMP/CNPQ, ³UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon/PR. ⁴Prof. Dr. UNICAMP/FEF. pena_fef06@yahoo.com.br.

Introdução: O rúgbi em cadeira de rodas é uma modalidade paraolímpica, praticada por atletas tetraplégicos ou que apresentem um quadro equivalente de limitações. Apresenta um sistema de classificação funcional que varia de 0,5 à 3,5 (do atleta de menor funcionalidade para o mais funcional) **Objetivo:** Correlacionar os valores do desempenho motor nos testes de campo com a classificação funcional dos atletas de rúgbi em cadeira de rodas. **Metodologia:** Participaram do estudo 9 atletas tetraplégicos praticantes de rúgbi em cadeira de rodas (lesões de C4 a T1), do sexo masculino, com idades entre 20 e 35 anos, praticantes há pelo menos 6 meses da modalidade. Foram aplicados testes de resistência em 12 minutos, corrida de 20 metros e o teste de agilidade (GORLA et al., 2009). A análise estatística foi realizada através do Software R-plus® 2.10.0, foram utilizados os valores de simetria e curtose para verificar a normalidade dos resultados (HAIR et al., 2009). Como os dados apresentaram distribuição normal, foi aplicado o coeficiente de correlação de Pearson, considerando $p \leq 0.05$. **Resultados:** Os resultados dos testes motores são apresentados na tabela 1. Os testes de campo apresentaram correlação de moderada a alta entre os valores dos testes e o nível de classificação funcional (tabela 2). Para os testes de velocidade e agilidade, a correlação foi inversa, ou seja, quanto maior a classificação funcional, menor comprometimento motor, podendo acarretar em melhor desempenho nos testes. Além disso, a correlação mais forte encontrada para os testes de velocidade e agilidade é evidência de que essas capacidades são mais determinantes para a modalidade, no grupo estudado, do que o consumo de oxigênio. Isso pode ser explicado pelo fato de, embora o VO₂máx. seja limitado pela menor massa muscular apta ao exercício (MORGULEC et al., 2006), a classificação funcional não interfere tanto na variação deste valor, já que todos são tetraplégicos.

Tabela 1 - Valores de desempenho nos testes motores.

	Distância total 12 min (m)	VO ₂ máx. (Kg/mL/min)	Vel. 20 metros (s)	Agilidade (s)
Média	1446,9	15,69	8,1	26,4
DP	±472,34	±8,71	±2,24	±7,51
Mín.	940,5	6,35	5,66	18,72
Max.	2188,8	29,38	11,74	38,11

Tabela 2 – Correlação de Pearson entre Classificação Funcional e variáveis da amostra

	Distância (m)	VO ₂ máx. (Kg/mL/min)	Vel. 20 metros (s)	Agilidade (s)
r (Pearson)	0.76	0.76	-0.91	-0.9
P	0.01*	0.01*	0.00*	0.00*

* $p \leq 0.05$

Conclusão: Através dos resultados encontrados, observa-se correlação entre a classificação funcional e o resultado nos testes motores. Os valores de correlação encontrados podem indicar que quanto menor o comprometimento motor, melhor o desempenho nos testes, bem como o indício de maior determinância das capacidades de velocidade e agilidade na prática da modalidade. Novos estudos podem ser realizados para verificar o comportamento dessas e outras variáveis motoras ao longo das classes esportivas do rúgbi em cadeira de rodas.

Desempenho em tarefa virtual de atletas deficientes praticantes de tênis de mesa

Carlos Bandeira de Mello MONTEIRO^{1,2}, Mariana MOURA², Miriele Alvarenga MARCELO², Raquel Agnes Bello GRAÇA², Bruno da Silva dos SANTOS², Joana Paula de BARROS², Jaqueline Freitas de Oliveira NEIVAZ². ¹Prof. Dr. do curso de Ciências da Atividade Física; ²Grupo de Estudo e Pesquisa em Capacidades e Habilidades Motoras (GEPCHAM). carlosmonteiro@usp.br

Introdução: O tênis de mesa é um dos mais tradicionais esportes paraolímpicos e pode ser praticado por indivíduos que utilizam cadeira de rodas devido à lesão medular em diferentes níveis. Uma possibilidade para treino do tênis de mesa é a utilização de sua versão virtual por meio de console eletrônico, sendo fundamental a realização de pesquisas que verifiquem a eficácia e viabilidade da utilização de ambiente virtual para o treinamento de atletas. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi verificar o desempenho de atletas com lesão medular praticantes de tênis de mesa na realização de tarefa em ambiente virtual. **Método:** Participaram da pesquisa 5 atletas do sexo masculino com deficiência física devido a lesão medular que utilizam cadeira de rodas, sendo três atletas com classificação funcional da modalidade classe 3 (C3) e dois atletas classe 4 (C4), com idades variando entre 22 e 48 anos que jogaram no III campeonato paraolímpico ranking paulista "talento esportivo", o trabalho foi aprovado por comitê de ética em pesquisa e os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. A tarefa consistiu em receber a bola de tênis de mesa e devolver no campo adversário no jogo de tênis de mesa do Wii Sport Resort da Nintendo. O delineamento do estudo consistiu na realização de 100 tentativas consecutivas para cada participante, para avaliar o desempenho consideraram-se os valores brutos dos erros transformados em porcentagem. **Resultado:** Considerando-se as médias dos erros em porcentagem dos atletas separados pelas classificações funcionais com valores mínimos e máximos: C3- média de erros 5,6% (valor mínimo 5 e máximo 6); C4- média de erros 5% (valor mínimo 3 e máximo 7). **Conclusão:** Os resultados desse trabalho demonstram que os atletas com lesão medular classe 3 e 4 que praticam tênis de mesa, mesmo sem conhecerem previamente a tarefa virtual, tiveram ótimo desempenho com aproximadamente 5% de erro, observa-se que os valores entre atletas de classe 3 e 4 foram próximos não representando diferença. Pode-se supor que para esse grupo avaliado a tarefa era fácil, o que possibilitou poucos erros, provavelmente se o jogo viabiliza-se o controle de variáveis como velocidade e direção da bola de tênis de mesa no momento da prática, o desempenho seria diferente e o jogo possibilitaria maiores dificuldades. É importante enfatizar que a utilização de jogos virtuais em treinamento de atletas é uma tendência mundial, no entanto pouco se sabe dos benefícios funcionais que esse treinamento propicia, sendo fundamental a realização de outros trabalhos com um número maior de participantes. Apoio: Ministério do esporte – Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (REDE CEDES).

Desempenho motor dos esgrimistas participantes do campeonato brasileiro de esgrima paraolímpica de 2010

Edison DUARTE¹, Valber Lázaro NAZARETH², Xavier IGLESIAS³, Anselmo de Athayde COSTA e SILVA⁴, Luiz Gustavo Teixeira Fabricio dos SANTOS⁴, Luis Gustavo de Souza PENA⁴, Jacqueline M. PATATAS⁵, José Irineu GORLA¹. ¹Prof. Dr. UNICAMP/FEF, ²Prof. Dr. Academia da Força Aérea – AFA/CPB, ³Prof. Dr. INEFC/BARCELONA/ESP, ⁴UNICAMP/FEF/CNPQ, ⁵UNICAMP/FEF/CAPE. edison@fef.unicamp.br.

Introdução: A esgrima em cadeira de rodas é uma modalidade crescente em número de praticantes no Brasil e, estudos tem sido realizados no intuito de descrever o perfil dos praticantes. **Objetivo:** Descrever o perfil do desempenho motor dos participantes do Terceiro Campeonato Brasileiro de Esgrima em Cadeira de Rodas. **Métodos:** A amostra foi constituída por 21 atletas (14homens, 07 mulheres), participantes do III Campeonato Brasileiro da Modalidade realizado em Curitiba-PR. O protocolo de avaliação foi o mesmo descrito por Gorla et al.(2009). Foi avaliada massa corporal (Kg), estatura (m) e circunferência de braço em contração (cm). Quanto aos testes motores utilizou-se do teste de velocidade de membros superiores (batimento de placas – BP) em segundos, do teste de dinamometria de preensão manual (kg/m²) e teste de reação de Nelson (TRN) em segundos. Os resultados foram apresentados através de estatística descritiva e utilizou-se do teste de Shapiro-Wilk para avaliação da normalidade. Os testes “t” para amostras independentes e Mann-Whitney foram utilizados para comparação das variáveis entre os grupos. Utilizou-se o coeficiente de correlação linear de Spearman para analisar a relação entre as variáveis motoras com as variáveis antropométricas. O pacote estatístico utilizado foi o R-Plus 2.10.0[®] e o valor de significância estabelecido foi de $p \leq 0,05$. **Resultados:** Os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1 – valores antropométricos e motores dos praticantes de esgrima paraolímpica.

NOME	MASSA		ESTATURA		CB		BP D		BP E		DIN D		DIN E		TRN	
	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	Masc	fem	masc	fem
MEDIA	71,99	50,75	176,4	155,3	33,54	28,57	14,22	14,41	14,49	14,78	49,35	28,17	48,04	25,00	169,85	167,5
DP	16,20	8,36	7,0	11,9	5,08	2,98	5,09	5,35	4,27	5,27	15,76	3,77	15,17	6,03	25,25	15,9
<i>p</i>	0,00		0,00		0,02		Ns		Ns		0,00		0,00		ns	

Legenda: CB – circunferência de braço em contração; BP – batimento de placas; D- direita; E – esquerda; DIN – dinamometria; TRN – teste de reação de Nelson. Nível de significância adotado: $p \leq 0,05$.

O único teste motor que apresentou diferenças entre os sexos foi o teste de dinamometria manual em ambas as mãos em que os atletas do sexo masculino apresentaram um valor maior de força muscular do que os pares do sexo feminino. O teste de dinamometria de preensão manual apresentou resultados fortemente correlacionados com as variáveis massa ($\rho=0,76, p=0,00$ mão direita; $\rho=0,82, p=0,00$ mão esquerda), estatura ($\rho=0,84, p=0,00$ mão direita; $\rho=0,80, p=0,00$ mão esquerda) e com a circunferência de braço em contração ($\rho=0,78, p=0,00$ mão direita). Já para o teste de reação de Nelson, não foram encontrados valores significativos de correlação com as demais variáveis do estudo. Os valores de batimento de placas e dinamometria apresentaram resultados relativamente piores do que os encontrados Gorla et al.(2009), já o para o teste de reação de Nelson foram encontrados valores superiores em comparação ao estudo citado. **Conclusão:** Os valores aqui encontrados descrevem o perfil dos atletas praticantes da modalidade e são referencias para o trabalho de treinadores e preparadores físicos da modalidade.

Dispositivo para detecção de infrações na Esgrima em Cadeira de Rodas via rede Microprocessada de sensores

Lucas CAVALHEIRO¹, Alexandre MOTA¹, Lia MOTA², Edison DUARTE³, Válber NAZARETH³. ¹Faculdade de Engenharia Elétrica da PUC-Campinas; ²Indelmatec Engenharia; ³Prof. Dr. FEF/UNICAMP. edison@fef.unicamp.br

Introdução: Na esgrima em cadeira de rodas, uma infração ocorre quando o atleta perde contato com o assento. Em função do uso da saia de proteção e pela rapidez da ação do atleta, a falta pode ser de difícil visualização para o juiz. **Objetivo:** Este trabalho visa o desenvolvimento de dispositivo eletrônico microprocessado, baseado em uma rede de sensores, para identificar quando o atleta perde contato com o assento da cadeira de rodas e comete uma falta. O dispositivo é projetado para ser compatível com as cadeiras de rodas de competição e funcionar de maneira robusta e confiável. **Metodologia:** O desenvolvimento do dispositivo se baseia no regulamento da esgrima em cadeira de rodas. A partir do conjunto de regras e problemas reais associados ao esporte, foram selecionados os sensores de pressão adequados. Este foi um processo delicado e que exigiu a realização de diversos ensaios, pois o dispositivo sensor é a principal fonte da informação que indicará o posicionamento do atleta. Definida a implementação dos sensores, foi programada, de forma otimizada, a MCU (Microcontroller Unit) PIC, que contém a lógica do projeto. Após a integração dos sensores com o MCU, o projeto foi submetido à prototipação mecânica, que consiste em adaptar os sensores de forma funcional ao assento da cadeira de rodas, colocada abaixo da almofada do assento. O funcionamento básico do sistema consiste em pressionar um botão para calibrar o dispositivo antes de iniciar a luta, através de algoritmos de sensibilidade. Uma vez calibrado, toda vez que o atleta retirar todo seu peso do assento da cadeira de rodas, uma luz vermelha se acenderá e uma sirene soará para indicar a falta de forma visual e audível. **Resultados:** Testes de campo atestam que em uma situação de perda de contato, mesmo que muito rápida, o dispositivo acusa a infração. A sinalização é feita visualmente através de LED de alta intensidade e por transdutor/atuidor sonoro, de maneira simultânea ou não. A figura 1 ilustra o dispositivo em desenvolvimento. **Conclusão:** O protótipo desenvolvido demonstra que a implementação de um aparelho eletrônico para indicação de faltas por perda de contato com o assento da cadeira de rodas é viável, técnica e financeiramente, para uso em escala no esporte. Além disso foi possível construir o dispositivo de forma a torná-lo versátil para adaptação a novas regras de falta, pois os sensores foram projetados para perceber gradativamente a pressão que o atleta faz sobre o assento.

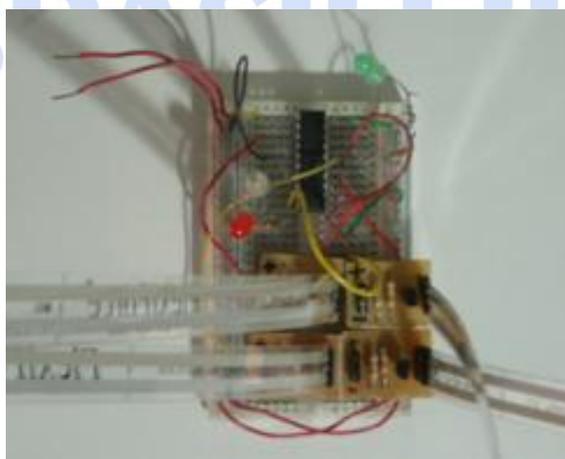


Figura 1: Circuito em desenvolvimento

Efeitos de diferentes características de cadeiras de rodas esportivas num teste de resistência física

Walkiria G. MORAES¹, Rodrigo A. BARROS¹, Ciro Winckler Oliveira FILHO¹. ¹Campus Baixada Santista/UNIFESP. walkiriagmoraes@gmail.com

Introdução: A prática esportiva para pessoas com deficiência física possuía um caráter predominantemente de reabilitação após a 2ª Guerra Mundial, adotando um caráter mais competitivo a partir de 1960, sendo um de seus precursores o basquete em cadeiras de rodas. A cadeira de rodas nesse ambiente é um elemento fundamental que tem características específicas de acordo com seu usuário. Algumas das variáveis de influência são a cambagem das rodas (CR), altura do assento (AA) e o encosto da cadeira (EC). **Objetivo:** Avaliar o efeito de diferentes cadeiras de rodas esportivas num teste de resistência física em atletas com deficiência física. **Método:** O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UNIFESP (CEP: 2059/09). Foram formados dois grupos um grupo experimental (GE) formado por 5 jogadores de basquete em cadeiras de rodas com mínimo de um ano à prática de basquete em cadeiras de rodas e um grupo controle (GC) formado por 9 pessoas sem deficiência treinados por 1 mês para adaptação a cadeira de rodas. A faixa etária entre do GC foi entre 19 - 22 anos enquanto a do GE foi entre 24 – 35 anos, e todos voluntários do gênero masculino. Houve previa padronização de 3 cadeiras de rodas (cad.2 = CR 7 graus, AA 58cm e EC 20cm; cad.3 = CR 9 graus, AA 59cm e EC 24cm; cad.4 = CR 10 graus, AA 57 graus e EC 21cm) e uma quarta a escolha individual para o primeiro dia de teste, cadeira na qual a pessoa melhor se adaptou. O teste aplicado foi para avaliar a resistência aeróbica, chamado - beep test, numa distância de 16m, na qual o voluntário fazia o movimento de vai-vem no intervalo estabelecido pelo som do beep que aumentava a cada 1min e o final do teste era determinado pela exaustão física do voluntário. Foi aferida a frequência cardíaca (FC) no início e final do teste. Para o grupo de controle o treinamento foi de 8 sessões com duração de 90min em cada intervenção, tendo a cadeira a escolha deles nesse período. Os resultados do teste foram comparados entre os diferentes grupos e dentro do mesmo. Para a análise foi usada a estatística descritiva e o teste Não Paramétrico *Wilcoxon* utilizando o programa SPSS 15.0, e significância de $p \leq 0,05$. **Resultados:** Os resultados do *beep-test* são apresentados na tabela a seguir.

		Cad.1	Cad.2	Cad.3	Cad.4
GE	Média	4,99	3,33	3,72	3,51
	DP	2,56	3,24	3,81	2,6
GC	Média	4,13	5,13	5,16	4,96
	DP	1,43	1,4	1,75	1,66

	Grupo Experimental				Grupo Controle			
	Média	DP	p	z	Média	DP	p	z
Cad.1/Cad.2	4,16	2,90	0,043	-2,02	4,63	1,42	0,066	-1,83
Cad.1/Cad.3	4,35	3,19	0,138	-1,48	4,65	1,60	0,138	-1,48
Cad.1/Cad.4	4,25	2,58	0,043	-2,02	4,55	1,55	0,085	-1,71
Cad.2/Cad.3	3,52	3,53	0,685	-0,40	5,15	1,57	0,678	-0,41
Cad.2/Cad.4	3,42	2,92	0,500	-0,67	5,04	1,53	0,575	-0,56
Cad.3/Cad.4	3,61	3,21	0,500	-0,67	5,06	1,70	0,326	-0,98

No beep test verificou-se diferença significativa ($p \leq 0,05$) entre as cadeiras de número 1 e 2 e na 1 e 4 no GE, enquanto o GC não apresentou nenhuma diferença significativa. **Conclusão:** Os resultados demonstraram que cadeiras de rodas de menor cambagem podem melhorar a performance quando comparada a cadeira de maior cambagem no grupo estudado, há necessidade de ampliar a população em estudo para verificar se o impacto encontrado aplica-se aos jogadores de basquete em cadeiras de rodas esportivas. **Apoio:** CNPq.

Estado emocional pré-competitivo: comparação entre atletas e guias

Verena J. PEDRINELLI¹; Simone S. GOMES¹; Gerson dos S. LEITE^{1,2,3}; Rodrigo D D'ALONSO¹; Luiz F. T. POLITO¹; Ciro Winckler de Oliveira FILHO^{2,4}; Maria Regina F. BRANDÃO¹. ¹Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte e do Exercício - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo; ²Comitê Paraolímpico Brasileiro; ³Universidade Nove de Julho, São Paulo; ⁴UNIFESP - Campus Baixada Santista, Santos. E-mail para contato: vpedrinelli@uol.com.br

Introdução: As emoções são um importante determinante de como os atletas irão desempenhar-se nas competições, uma vez que, o impacto das emoções sobre o desempenho atlético é tão poderoso que afeta cada aspecto de seu desempenho. Na pré-competição, a direção e a concentração da psique do atleta são determinadas pela espera da próxima competição. Como norma, sua atenção está voltada para a análise de suas possibilidades, resultados e conseqüências. Essa análise antecipada de seu futuro desempenho traz como conseqüência uma excitação emocional, que pode tanto elevar quanto diminuir sua eficácia e eficiência na competição. No esporte paraolímpico os Guias desempenham um papel fundamental para o corredor com deficiência visual. Devem ter alto nível de competência atlética e "emprestar" seus olhos e pernas ao seu atleta. Isso significa que da mesma forma que o atleta o guia também tem uma excitação emocional pré-competitiva importante que pode interferir no rendimento do atleta, uma vez que, os guias também são responsáveis por fornecer crucial suporte emocional para o atleta com o qual correm. **Objetivo:** Avaliar e comparar o estado psicológico pré-competitivo de corredores paraolímpicos de atletismo e seus guias. **Método:** A amostra foi constituída por 13 indivíduos, sendo 6 corredores com deficiência visual (2 do gênero feminino e 4 do gênero masculino) e 7 guias (todos do gênero masculino). A coleta dos dados foi realizada 24 horas antes do Meeting Internacional de Atletismo. Os indivíduos responderam à Escala de Humor de Brunel (BRUMS) que avalia seis estados de humor (tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental) através de uma escala *Likert* de 5 pontos (0=nada e 4=extremamente). Os dados foram avaliados através da estatística descritiva e do teste "t" de *Student* para amostras independentes, o nível de significância adotado foi de $p < 0,05$. **Resultados:** Os resultados são apresentados na tabela 1 a seguir. Apesar dos atletas mostrarem resultados mais elevados para tensão, depressão, fadiga, confusão e vigor quando comparados com os guias, não foram encontradas diferenças significantes.

Variável	Tensão		Depressão		Raiva		Fadiga		Confusão		Vigor	
	Atleta	Guia	Atleta	Guia	Atleta	Guia	Atleta	Guia	Atleta	Guia	Atleta	Guia
Média	2,86	2,29	0,86	0,43	1,00	1,43	3,00	1,57	1,29	0,57	12,29	11,27
DP	0,90	1,11	1,21	1,13	1,73	2,57	1,91	1,51	1,89	0,79	2,75	0,95
Mínimo	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0	10	10
Máximo	4	4	3	3	4	7	5	4	4	2	16	13
P	0,31		0,51		0,72		0,15		0,38		0,39	

Conclusão: Podemos concluir que os atletas e guias apresentaram estados emocionais pré-competitivos semelhantes. Entretanto, esses resultados talvez possam ser explicados pelo pequeno número da amostra o que nos leva a sugerir que outros estudos sejam feitos com a finalidade de se observar essa similaridade no estado emocional pré-competitivo.

Lesões esportivas em atletas praticantes de Futebol de 5 (Futebol de Cegos)

Marília Passos MAGNO e SILVA¹, Natacha Manchado PEREIRA¹, Anselmo Athayde COSTA e SILVA¹, Luís Felipe Castelli Correia de CAMPOS¹, Leonardo Trevisan COSTA¹, Jacqueline Martins PATATAS², ³José Irineu GORLA, ³Edison DUARTE. ¹UNICAMP/FEF/CNPQ, ²UNICAMP/FEF/CAPES, ³Prof. Dr. UNICAMP/FEF Departamento de Atividade Física Adaptada (DEAFA), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: mariliamagno@hotmail.com.

Introdução: A prática esportiva, tanto de forma recreacional como competitiva de alto rendimento, expõe ao surgimento de lesões esportivas, em diferentes níveis. A carência de estudos sobre lesões no futebol de cinco dificulta o estabelecimento de ações preventivas que possam auxiliar a manutenção da integridade física do atleta. **Objetivo:** Identificar as características das lesões esportivas em atletas com deficiência visual na modalidade de futebol de cinco. **Material e Método:** Fizeram parte do estudo 13 atletas com deficiência visual (classe visual B1), integrantes da seleção, em competições internacionais, entre os anos de 2004 e 2008. Os dados foram coletados através da ficha médica e fisioterápica utilizada pela Confederação Brasileira de Desporto para Cegos e pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro. As informações obtidas foram tabeladas no programa Microsoft Excel, e analisados estatisticamente no programa SPSS, para obter a frequência das lesões. O teste T foi utilizado para estabelecer a diferença entre as lesões por acidente e sobrecarga. **Resultados:** As lesões esportivas acometeram 11 atletas (84,22%). Foram encontradas 35 lesões, determinando uma média de 3,18 lesões por atleta lesionado. Os gráficos a seguir apresentam demais resultados encontrados. A análise estatística revelou que a diferença nos valores entre mecanismo de acidente (M=6 DP=±3) e sobrecarga (M=1 DP±1) foi significativa com $p < 0,05$.



Figura 1 – Frequência do mecanismo de lesão.

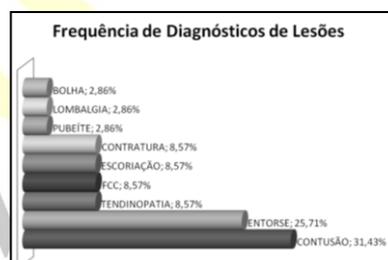


Figura 2 – Diagnósticos das lesões.

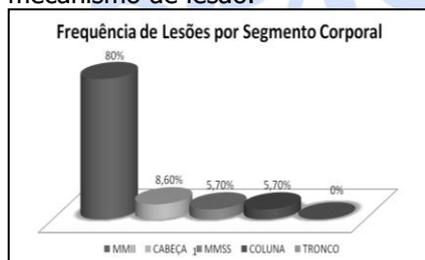


Figura 3 - Lesão por segmento corporal.

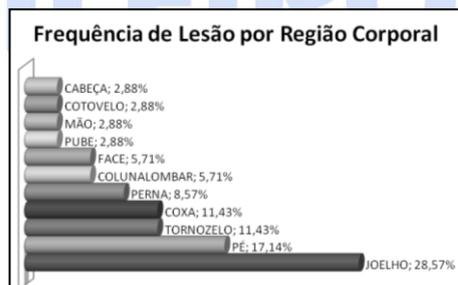


Figura 4 - Lesão por região corporal.

Conclusão: O resultado da pesquisa revelou que a prática do futebol de cinco, pode trazer risco de lesão para o atleta. A modalidade apresentou um perfil de lesões por mecanismo de acidente, acometendo principalmente o membro inferior, nas regiões de joelho, pé e tornozelo, com diagnósticos mais frequentes de contusões e entorses. A partir destes resultados, é possível traçar estratégias preventivas específicas para evitar o acometimento por lesões esportivas.

Metodologia de avaliação de emoções vivenciadas durante competições esportivas paraolímpicas

Rute E TOLOCKA,^{1,2}, Maria do Carmo Rossler Freitas^{2,3}, Rogério José Maria BORGES^{2,3}, Ademir DE MARCO^{2,3,5}, Paulo Roberto Gardel KURKA⁵; FACIS/UNIMEP, Piracicaba, SP, Brasil, FEF/UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. FAEFID/UFJF, Juiz de Fora-MG, Brasil. ¹Prof. Dr. Mestrado em Educação Física, FACIS/UNIMEP, ²NUPEM (Núcleo de Pesquisa em Movimento Humano), ³Prof. Ms. Educação a Distância, FACEF/UFJ, ^{4,3}Prof. Esp. Educação Física, UNIARAXÁ, ⁵Prof. Dr. Educação Física FEF/UNICAMP. ⁵Prof. Dr. Engenharia Mecânica, FEM/UNICAMP. rute@nupem.org

Introdução: Há indícios de que as emoções influenciam a performance demonstrada em competições esportivas mas há carência de metodologias que permitam avaliar emoções vivenciadas durante esta prática. **Objetivo:** Propor uma metodologia de análise de emoções vivenciadas durante competições esportivas paraolímpicas. **Metodologia.** A observação das emoções foi feita a partir da adaptação da técnica do FACS, (*Facial Action Coding System* = Sistema de Codificação de Unidades de Ação), metodologia reconhecida como referência para a análise de expressões faciais, utilizando-se de 04 cameras filmadoras, fixas por tripé, dispostas em cada um dos quatro cantos da quadra e 01 camera móvel. As imagens capturadas foram transferidas para um Computador com uma placa de Matrox RT 2000 e com rotinas criadas no ambiente LabWindows/CVI da National Instruments e tratadas com o software Adobe Premiere 6.0, identificando-se as seis emoções humanas básicas, o contexto onde cada emoção ocorreu e os movimentos realizados durante a manifestação da emoção. O sistema de análise foi testado em dois eventos: I Campeonato Paulista e II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, com a participação 27 atletas/dançarinos. Foi também realizada uma entrevista com cada participante; após a competição, para obter relatos de emoções vivenciadas e compará-los as emoções identificadas através das imagens coletadas. O estudo foi feito de acordo com a lei 196/96, aprovado por um comitê científico e todos os participantes concederam Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por escrito. **Resultados:** Foram identificadas três emoções reconhecidas universalmente: alegria, medo e surpresa e encontradas expressões de emoções que não puderam ser identificadas pelo FACS; tais emoções foram observadas no desfile de abertura, durante a competição e também ocorreram na premiação. Na competição verificou-se que movimentos que exigiam técnicas mais aperfeiçoadas ou incorriam em maior risco de execução produziam alegria e medo. Os relatos apontaram para a prevalência destas mesmas emoções mas também apontou a raiva, como sentimento resultante do resultado da competição e confirmaram que durante a execução de movimentos mais arriscados ocorre medo quando não há muita confiança no parceiro. **Conclusão:** Verifica-se assim que as emoções podem estar relacionadas à apropriação de técnicas da modalidade, a arbitragem e a confiança desenvolvida com os pares e que o sistema utilizado traz informações importantes para um trabalho de apoio psicológico aos atletas/dançarinos.

Perfil antropométrico dos esgrimistas participantes do terceiro campeonato brasileiro de Esgrima em Cadeira de Rodas.

Natacha Manchado PEREIRA¹, Edison DUARTE², Xavier IGLESIAS³, Valber Lázaro NAZARETH⁴, Anselmo de Athayde COSTA e SILVA¹, Luiz Gustavo Teixeira Fabricio dos SANTOS¹, Jacqueline Martins PATATAS⁵, José Irineu GORLA². ¹ UNICAMP/FEF/CNPQ, ² Prof. Dr. UNICAMP/FEF, ³ Prof. Dr. INEFEC/BARCELONA/ESP, ⁴ Prof. Dr. Academia da Força Aérea – AFA/CPB, ⁵ UNICAMP/FEF/CAPE. nm.pereira@yahoo.com.br.

Introdução: A esgrima em cadeira de rodas é uma modalidade crescente em número de praticantes no Brasil e, estudos têm sido realizados no intuito de descrever o perfil dos praticantes. **Objetivo:** Descrever o perfil antropométrico dos participantes do Terceiro Campeonato Brasileiro de Esgrima em Cadeira de Rodas de 2010. **Métodos:** A amostra foi constituída por 21 atletas (14 homens, 07 mulheres), participantes do III Campeonato Brasileiro da Modalidade realizado em Curitiba-PR. O protocolo de avaliação foi o mesmo descrito por Gorla et al.(2009). Foi avaliada massa corporal (Kg), estatura (m), circunferência abdominal (cm), circunferência de braço em contração (cm), e espessura de pregas cutâneas (mm) segundo o protocolo de Durnin e Womersley (1974) (TR, SB, SI, AB). A normalidade dos dados foi avaliada através do teste de Shapiro-Wilk e os testes “t” para amostras independentes e Mann-Whitney foram utilizados para comparação entre os sexos. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. O pacote estatístico utilizado foi o R-Plus 2.10.0[®] **Resultados:** Na tabela 1 são apresentados os resultados do presente estudo. Quanto a massa e estatura os grupos diferiram significativamente, sendo que os homens apresentaram maiores valores em ambas as variáveis. A variável circunferência abdominal relacionada ao nível de gordura corporal (Suton et al. 2009) foi significativamente maior no grupo masculino o que pode ser um indicativo de um maior acúmulo de gordura corporal nesta região para este grupo. Diferença significativa também foi encontrada entre os grupos na variável circunferência de braço tenso o que sugere um maior volume muscular e conseqüentemente maiores valores de força muscular por parte dos homens. Gorla et al. (2009) encontraram diferenças significativas para estatura entre os sexos ($m=172 \pm 0,12$ cm - homens, $m=153 \pm 0,11$ cm, mulheres, $p=0,00$) e, ambos os valores são mais baixos do que os encontrados neste estudo. A somatória das quatro pregas cutâneas no estudo de Gorla et al.(2009) não apresentou diferenças entre os sexos ($m=58,7 \pm 27,9$ mm, homens, $m=67,8 \pm 17,9$ mm, mulheres).

Tabela 1 – Antropometria dos praticantes de esgrima paraolímpica.

Var	ID		MASSA		EST		IMC		CAB		CB		SOMAPC	
SEX	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem
MEDIA	30,93	33,00	71,99	50,75	176,4	155,3	22,97	20,98	82,71	70,83	33,54	28,57	77,44	72,40
DP	9,55	14,64	16,20	8,36	7,0	11,9	4,42	2,08	12,15	6,26	5,08	2,98	36,16	25,01
<i>p</i>	<i>ns</i>		0,00		0,00		<i>ns</i>		0,02		0,02		<i>ns</i>	

Legenda: ID – idade; EST – estatura; IMC – índice de massa corporal; CAB – circunferência abdominal; CB – circunferência de braço tenso; SOMAPC – somatória das pregas cutâneas triptal, subescapular, suprailíaca e abdominal. Nível de significância adotado: $p \leq 0,05$.

Conclusão: O perfil antropométrico dos esgrimistas apresentado neste estudo pode ser indicativo para o planejamento dos treinamentos o que certamente irá contribuir para a melhoria do rendimento dos atletas da modalidade.

Relação entre marcadores fisiológico, bioquímico e psicológico de atletas paraolímpicos e guias 24hs antes da competição: um estudo piloto

Gerson dos Santos LEITE^{1,2,3}, Ciro Winckler de Oliveira FILHO^{2,4}, Andressa SILVA⁴, Ronnie PETERSON⁴, Roberto ITIRO⁴, Roberto VITAL⁴, Marco Túlio de MELLO⁴, Maria Regina Ferreira BRANDÃO³, Rogério Brandão WICHI^{1,3} ¹Universidade Nove de Julho; ²Comitê Paraolímpico Brasileiro; ³Universidade São Judas Tadeu; ⁴Universidade Federal de São Paulo. Email: gersonslt@gmail.com

Introdução: A avaliação de atletas antes da competição pode determinar o estado da preparação dos mesmos para atingir seus objetivos. Desta forma, ter informações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas antes da competição pode auxiliar no entendimento do futuro desempenho esportivo. Alguns marcadores têm sido destacados como interessantes no acompanhamento de atletas, como a Variabilidade da Frequência Cardíaca (VFC), a atividade da enzima Creatina Quinase (CK) e os Estados de Humor determinados pela Escala de Brums. **Objetivo:** Neste sentido, o objetivo deste estudo foi verificar se existe relação entre variabilidade da frequência cardíaca, creatina quinase e os estados de humor de atletas e guias paraolímpicos antes de uma competição. **Metodologia:** Para isso, foram avaliados 12 atletas (duas mulheres e 10 homens), integrantes da Seleção Brasileira de Atletismo que irão ao Mundial em Janeiro de 2011, sendo dois atletas classificados nas classes T11; T46; T38; um na F40 e cinco guias. No total foram avaliados 26 atletas (19 portadores de deficiência e sete guias), mas para este estudo, só 12 participaram de todos os procedimentos. Os atletas foram avaliados em repouso, 24hs antes do início da competição. Para avaliar a resposta autonômica dos atletas analisou-se a variabilidade da frequência cardíaca em repouso, coletando os intervalos R-R de cada batimento cardíaco durante 7min, sendo posteriormente calculados os índices *RMSSD*, *pNN50*, *LF*, *HF*, *LF/HF*, *SD1*, *SD2* e *SD1/SD2* pelo software *Kubios HRV®*. Para analisar a atividade da CK, coletou-se 32 µl de sangue com os atletas em repouso e analisou-se a CK total através da fotometria de reflectância. O Estado de Humor dos atletas foi determinado pela Escala de Brums, sendo calculados posteriormente os seis estados (tensão, depressão, raiva, fadiga, confusão mental e vigor) e o Brums Total. Todos os testes foram realizados no dia anterior do *Meeting* Internacional de Atletismo 2010. A análise dos dados foi feita inicialmente pelo teste de Shapiro Wilk para determinar a normalidade dos mesmos. Os resultados da Escala de Brums não tiveram aderência à distribuição gaussiana, portanto, utilizou-se a correlação de *Sperman* para verificar associação entre as variáveis do presente estudo, com nível de significância de $p < 0,05$. **Resultados:** Os principais resultados apontam para uma associação entre alguns marcadores de modulação parassimpática (*RMSSD*; *LF* e *SD1*) com o vigor dos atletas ($r = 0,50$; $r = 0,53$; $r = 0,50$, $p < 0,05$, respectivamente). Não foram encontradas associações entre a CK e as variáveis dos marcadores fisiológicos ou psicológicos. Mesmo assim, os valores de CK encontrados ($314,8 \pm 180,3$ U/L) estão dentro da normalidade para atletas. **Conclusão:** A partir dos resultados podemos concluir que existiu associação entre marcadores fisiológicos e psicológicos no grupo avaliado, sendo que quanto maior foi a modulação parassimpática, maior o vigor do atleta. Mesmo assim, pela quantidade e variedade de classes dos atletas avaliados sugere-se mais estudos com um número maior de atletas e da mesma classe funcional para confirmar tais achados.

Resultados da avaliação isocinética da coluna em atletas de Basquetebol em Cadeira de Rodas: um estudo piloto

Sileno SANTOS^{1,2}, Regina C. da SILVA¹, Júlia M. D. GREVE², Ângela Tavares PAES^{3,1}. ADD Associação Desportiva para Deficientes, ²IOT Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Laboratório Estudos Movimento, ³ UNIFESP Universidade Federal de São Paulo – sileno@add.org.br

Introdução: O basquetebol em cadeira de rodas é uma modalidade paraolímpica praticada desde a década de quarenta, na sua forma adaptada, por pessoas com deficiência física que as impede de praticar a modalidade na sua forma convencional. **Objetivo:** Apresentar de forma estatística, os índices da avaliação isocinética encontrados nos atletas avaliados de acordo com suas classes. **Método:** 31 atletas de ambos os sexos participantes do Campeonato Paulista de Basquetebol em Cadeira de Rodas no ano de 2010 com deficiência física distribuídos nas classes 1 (N = 10; 26,27 ± 13,54 anos), 2 (N = 8; 27,13 ± 6,66 anos), 3 (N = 6; 27,60 ± 4,51 anos) e 4 (N = 7; 32,14 ± 8,65 anos) voluntariamente e de acordo com as normas éticas de pesquisa realizaram a avaliação isocinética da coluna. Foi utilizado o equipamento Biodex System 3 (modelo Biodex Multi Joint System, BIODEX SYSTEM INC., Software v. 4.5) para medir o torque muscular do tronco de forma isométrica, sentado em flexão e extensão. Os atletas exerceram força máxima de forma isométrica durante cinco segundos no total de dez repetições sendo cinco em flexão e cinco em extensão do tronco de forma alternada, com intervalo de quinze segundos de repouso entre as séries. Os valores obtidos foram distribuídos de acordo com o sistema de classificação funcional para atletas da modalidade e apresentados de forma estatística como descrito nas tabelas 1 e 2. **Resultados.** De um modo geral o pico torque extensão e flexão é menor nas classes 1 e 2 e maior nas classes 3 e 4. Isto se inverte na razão ago/antagonista que tem valores menores e mais homogêneos nas classes 3 e 4. **Conclusão.** Análises estatísticas para a verificação das diferenças nos valores encontrados são de suma importância para que a avaliação isocinética possa contribuir para a determinação mais precisa da classe dos atletas na modalidade.

Tabela 1. Dados da avaliação isocinética Coluna (média e desvio padrão)

	Classe 1 n=10	Classe 2 n=8	Classe 3 n=6	Classe 4 n=7
PT Extensão (Nm)	65.29 ± 31.75	106.60 ± 55.10	302.68 ± 101.96	337.91 ± 212.96
PT Flexão (Nm)	51.21 ± 24.81	84.10 ± 38.44	143.20 ± 52.93	143.19 ± 79.81
Razão Agon/Antag (%)	92.86 ± 43.05	82.43 ± 15.99	48.57 ± 19.14	45.09 ± 14.93

PT = Pico de Torque; n= quantidade de atletas avaliados

Tabela 2. Dados da avaliação isocinética Coluna (mediana, valores mínimo e máximo, Percentis)

	Classe 1			Classe 2			Classe 3			Classe 4		
	PTEx	PTFI	%									
Mediana	64,3	43,20	94,9	108,3	77,30	81,95	288,9	171,0	41,45	282,3	129,5	42,80
Mínimo	24,7	16,6	15,2	42,6	42,1	62,8	188,5	66,9	35,5	128,0	37,5	28,1
Máximo	109,0	105,8	156,4	221,4	155,5	102,6	418,9	187,8	85,9	721,4	280,3	70,5
Percentil 25	37,5	38,7	63,7	68,6	56,5	67,2	218,5	84,7	36,1	133,7	90,8	29,1
Percentil 75	98,6	55,0	127,7	117,4	103,9	97,9	412,3	177,8	51,0	511,8	209,9	54,8

PTEx = Pico Torque Extensão; PT FI = Pico Torque Flexão; % Razão Agonista/Antagonista em %

Tempo de reação na saída do bloco: um estudo de caso com nadadores Paraolímpicos

Leandro M. SILVEIRA¹; Cristiano S. CERQUEIRA¹; Erick CONDE^{1,2}. ¹Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos – Núcleo de Ciência e Tecnologia Paraolímpica ANDEF-NCTP; ²Laboratório de Neurobiologia da Atenção e Controle Motor da UFF. Email: psicoerick@yahoo.com.br

Introdução: Em competições de natação, a velocidade de reação no momento da largada pode ser o diferencial entre vencedores e perdedores. O tempo de reação simples (TRS) a um estímulo auditivo envolve diferentes etapas neurais que vão desde o processamento sensorial até a execução de uma resposta motora. O TRS está envolvido com mecanismos centrais que podem ser influenciados pelo nível de atenção, concentração e por estados emocionais. Assim, o monitoramento do TRS de nadadores pode oferecer indicadores situacionais do estado mental dos atletas. **Objetivos:** demonstrar possibilidades para o monitoramento das capacidades de reação de nadadores paraolímpicos ao estímulo sonoro utilizado na largada de provas paraolímpicas oficiais. **Métodos:** Semanalmente, durante o período de 1 mês, dois atletas foram avaliados em testes de TRS. O software *Inquisit Millisecond* (versão 3.0) foi utilizado para apresentação dos estímulos e para a medida do TRS. O estímulo sonoro foi uma gravação obtida durante a largada em provas oficiais de natação paraolímpica. Ao sinal de saída, os atletas deveriam pressionar uma barra de resposta situada à frente, na linha média do corpo. O programa quantificou também o número de antecipações. Cada sessão possuía o total de 20 testes. Foram realizadas análises dos tempos obtidos em cada sessão com o teste T de *student*. Na tabela 1 apresentamos também uma estatística descritiva (média e desvio padrão) do desempenho individual.

Tabela 1: Tempo de reação (média e desvio padrão) dos atletas. ^{*,+} $p \leq 0,05$.

Atleta	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
Atleta 1	163 (± 142)ms*	147 (± 43) ms ⁺	124 (± 60)ms	101 (± 45)ms ^{*,+}
Atleta 2	132 (± 47)ms*	185 (± 159)ms	152 (± 65)ms	178 (± 54)ms*

Resultados: Os resultados demonstram que o atleta 1 diminuiu progressivamente seu tempo de reação e a variabilidade de suas respostas ao longo das sessões de avaliação. Em sua última avaliação, atingiu valores que diferenciaram significativamente da primeira ($p < 0,04$) e da segunda sessão ($p < 0,003$). Já, o atleta 2 visivelmente oscilou seu desempenho sensorio motor ao longo das sessões e obteve na última avaliação um tempo significativamente mais lento em comparação à primeira sessão ($p < 0,007$). **Conclusões:** A capacidade de reação ao estímulo auditivo na saída do bloco pode ser o diferencial em provas de natação, principalmente quando os velocistas possuem um nível físico e técnico equiparado. A programação de testes de TRS com estímulos que simulam a largada de provas oficiais pode, em conjunto com análises adequadas, oferecer parâmetros para monitorar as capacidades de reação ao comando da largada. No presente estudo demonstramos como o monitoramento de dois atletas conseguiu identificar variações positivas e negativas no desempenho individual.

Valoración directa del consumo de oxígeno en esgrima en Silla de Ruedas

Xavier IGLESIAS¹, Válber NAZARETH^{2,3}, Anselmo de Athayde COSTA e SILVA⁴, Edison DUARTE⁵, Jacqueline Martins PATATAS⁶, Luis Gustavo Teixeira Fabricio dos Santos⁴, Natacha Manchado Pereira⁴, José Ireneu GORLA⁵. ¹Prof. Dr. do Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya, Universitat de Barcelona (Espanya) ²Academia da Força Aérea – AFA, ³Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB, ⁴UNICAMP/FEF/CNPQ, ⁵ Prof. Dr. do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, FEF/UNICAMP, Campinas, SP (Brasil). ⁶UNICAMP/FEF/CAPEs. xiglesias@gmail.com

Introdução: Muchos son los factores que inciden en el rendimiento de la esgrima en silla de ruedas. Las variables cardiorespiratorias han sido analizadas en distintos estudios en esgrima convencional. **Objetivos** - Valorar de forma directa las variables cardiorespiratorias en asaltos de esgrima en silla de ruedas. **Metodología:** Participaron en el estudio un total de 13 esgrimistas (7 hombres y 6 mujeres) con una media de edad de (30 ±4,50 hombres; 27,83 ±5,74 mujeres). Los sujetos fueron equipados con su material de esgrima, su silla de ruedas en las fijaciones oficiales, y se les incorporó un analizador telemétrico de gases (K4b² Cosmed, Italy). En una primera fase se realizaba una prueba progresiva submáxima en la que realizaban de forma repetida, intermitente y con intensidad progresiva, sobre un plastrón, la acción de tocado con fondo y vuelta a la guardia con dos paradas (4ª y 6ª). Después de 10 minutos de recuperación disputaban 2 asaltos de esgrima en silla de ruedas, uno a 5 tocados y el otro a 15. El analizador de gases también analiza la FC. Se realizó un análisis de lactato de sangre capilar mediante un analizador portátil de lactato (Lactate Pro, Arkray, Japan). Se registraron los valores basales, i el valor superior de los minutos 1 y 3 en la finalización del asalto a 15 tocados. **Resultados:** La tabla 1 muestra los valores máximos de los tiradores en la prueba submáxima específica. Los valores medios de las variables cardio-respiratorias figuran en la tabla 2. Los valores máximos (peak) de los asaltos fueron de 20±4 mL·kg⁻¹·min⁻¹ para los hombres (n=7) y de 15,82±4,7 mL·kg⁻¹·min⁻¹ para las mujeres (n=6). Los valores máximos de FC de 176±12 bpm en hombres y 172±9 bpm en mujeres.

Tabla 1: Valores máximos de frecuencia cardíaca, consumo de oxígeno y lactato (minutos 1 y 3), en una prueba progresiva submáxima específica de esgrima en silla de ruedas (media, ±ds, max, min)

FC bpm		VO ₂ mL·min ⁻¹ ·kg ⁻¹		Lactato mmol·L ⁻¹	
Masc (n=7)	Fem (N=6)	Masc (n=7)	Fem (N=6)	Masc (n=7)	Fem (N=6)
181	162	17,4	13,3	5,8	4,5
±9	±26	±3,2	±0,7	±1,5	±1,9
194	193	21,4	14,0	4,3	2,5
171	139	12,5	11,9	8,1	6,9

Tabla 2: Valores medios de frecuencia cardíaca y consumo de oxígeno, y valores máximos de lactato (minutos 1 y 3), durante los asaltos de esgrima (espada) en silla de ruedas (media, ±ds, max, min y el valor de * p ≤ 0,05)

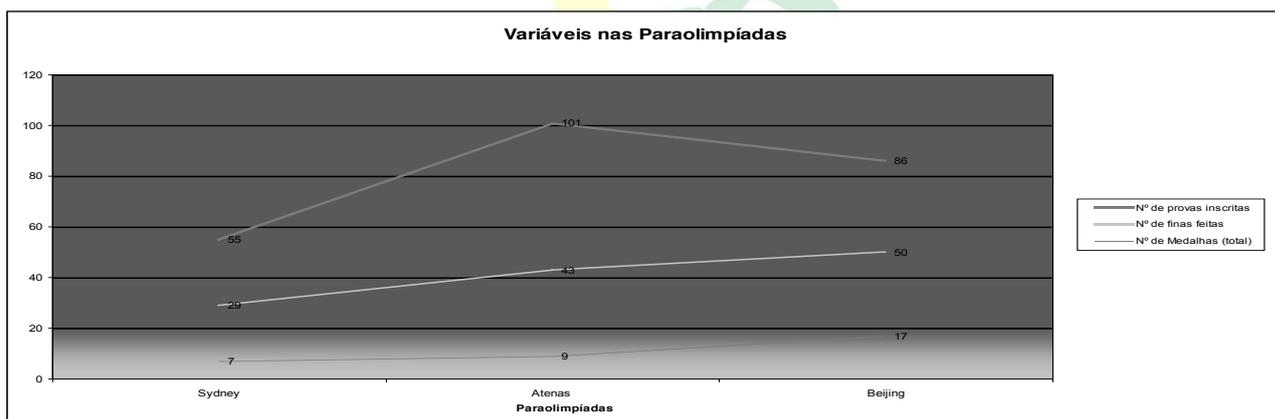
FC bpm		VO ₂ mL·min ⁻¹ ·kg ⁻¹		Lactato mmol·L ⁻¹	
Masc (n=7)	Fem (N=6)	Masc (n=7)	Fem (N=6)	Masc (n=7)	Fem (N=6)
153,92	137,96	11,2	7	4,55	4,02
±20,1	±27,7	±2,8	±2,0	±2,5	±1,0
96	93	8,3	4,68	2,1	3,2
185	193	15,8	10,28	9,1	5,5
	0,00*		0,05*		

El test específico del trabajo no puede ser comparado al estudio de Bernardi et al. (2010) donde se analizaba un test genérico incremental en cicloergómetro manual. Los valores submáximos en hombres en el test de esgrima (17,4 mL·kg⁻¹·min⁻¹) alcanzan el 50% de los valores pico del citado estudio. En los asaltos de entrenamiento con el K4b², los valores de la muestra masculina (11,2 mL·kg⁻¹·min⁻¹) de 7 deportistas con lesión medular (5 clase B y 2 clase A), son muy inferiores a los observados por Bernardi (25 mL·kg⁻¹·min⁻¹) en una muestra de 6 esgrimistas, 4 con paraplegia, un afectado de poliomyelitis y un amputado (4 clase B y 2 clase A). En deportistas no discapacitados en asaltos en silla los valores registrados fueron de 24,7 mL·kg⁻¹·min⁻¹. Estos niveles inferiores de VO₂ podrían ser debidos a las características de nuestra muestra, todos lesionados medulares, atendiendo a que las personas con lesiones medulares tienen valores energéticos más bajos que las personas sin discapacidad como consecuencia de la reducción funcional, la menor cantidad de masa muscular y las modificaciones del sistema nervioso simpático (Price, 2010). Los valores de lactato en competición no son muy elevados (3,69 ± 1), y similares a los observados en la literatura sobre esgrima convencional (Iglesias, 1997).

Variação da performance de nadadores paraolímpicos brasileiros no período 2000 a 2008

Luiz Marcelo Ribeiro da LUZ¹, Caroline C. VENDITE², Carolina D.C. TAKAHASHI³, Rafael ARAUJO³. ¹ Docentes do Curso de Educação Física Veris/METROCAMP. ³ Discentes do Curso do Educação Física Veris/Metrocamp. luiz.daluz@globo.com

Introdução: A natação está presente no programa oficial de competições desde a Primeira Paraolimpíada, em Roma 1960 e é praticada por pessoas com deficiência física e visual. O Brasil é na modalidade natação uma das grandes potências Mundiais. **Objetivos:** Verificar a variação de performance dos nadadores brasileiros no período de 2000 a 2008. **Metodologia:** Os dados analisados foram obtidos através dos resultados oficiais disponíveis a acesso pelo Comitê Paraolímpico Internacional em sua *homepage*, o período de tempo analisado envolve as Paraolimpíadas Sydney, Atenas e Pequim. Para critério de análise estabeleceu-se as seguintes categorias, sem distinguir gênero são elas: nº geral de participantes brasileiros no período, nº de participantes brasileiros por competição, nº de provas inscritas por competição, nº de finais alcançadas por competição; nº de medalhas conquistadas geral por competição, nº de medalhas conquistadas por classe, que receberam o tratamento estatístico ANOVA. **Resultados:** Podemos analisar conforme gráfico¹ que ocorreram variações de performance estatisticamente significativas nas categorias analisadas.



Conclusão: Podemos concluir, que mesmo havendo uma variação em algumas categorias de análise que os nadadores paraolímpicos brasileiros apresentam uma variação de performance significativa no período estudado.

Resumos da Área Temática:

Treinamento em Esporte Paraolímpico

CONGRESSO,
**PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO**

Associações funcionais ao desempenho em dois nadadores paraolímpicos submetidos a um programa de treinamento periodizado: um estudo de caso

Cristiano S. CERQUEIRA^{1,2}, Erick F. Q. CONDE^{1,3}, Leandro M. SILVEIRA¹, Bruno R. R. OLIVEIRA², Tony M. SANTOS^{2,4}. 1Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos – Núcleo de Ciência e Tecnologia Paraolímpica ANDEF-NCTP; 2Laboratório Performance; 3Laboratório de Neurobiologia da Atenção e Controle Motor da UFF; 4Programa de Pós Graduação em Educação Física da UGF. ccparalympicswimming@gmail.com

Introdução: Há tempos recomenda-se a monitoração das variáveis fisiológicas para a prescrição do treinamento, havendo pouca informação na literatura sobre o tema na natação paraolímpica. **Objetivo:** Estabelecer as associações entre o desempenho competitivo e as adaptações fisiológicas a um programa de treinamento periodizado em atletas de natação paraolímpica, numa abordagem de estudo de caso. **Método:** A amostra foi constituída por dois nadadores integrantes da Seleção Brasileira de Natação Paraolímpica (um atleta do sexo masculino de 31 anos e da classe S5 e um atleta do sexo feminino de 17 anos e da classe S9), participantes do Circuito Caixa Brasil Paraolímpico de Natação - 2010. Os atletas foram avaliados em três ocasiões ao longo do programa de treinamento para as variáveis limiar de lactato mínimo (Tegtbur et al. MSSE 25(5):620-627, 1993), composição corporal e desempenho competitivo através do Índice Técnico de Circuito (ITC - calculado pela razão da média dos três melhores tempos do ranking mundial (MTRM)) da prova e classe pelo tempo do atleta na mesma prova e classe. Para as análises de associação foi empregado o coeficiente de correlação de Pearson, com nível de significância de $P < 0,05$. As análises foram realizadas no software SPSS 17.0. **Resultados:** A tabela abaixo contém os resultados encontrados das três avaliações. Observou-se associação significativa entre o ITC e a velocidade de limiar para o atleta do sexo masculino ($r = 0,997$; $P = 0,049$). Não foram observadas associações significativas para a concentração de lactato no limiar ($r = -0,984$; $P = 0,113$). Já para o sexo feminino não foram observados associações significativas para as mesmas variáveis ($r = 0,852$; $P = 0,351$ e $r = -0,963$; $P = 0,175$, respectivamente). Apesar da não significância estatística, destaca-se elevados valores de correlação ($r > 0,85$). A utilização de apenas três avaliações podem explicar os resultados encontrados.

Fase (meses)	MC (kg)		MCM (Kg)		MG (kg)		LA				ITC (%)	
	M	F	M	F	M	F	(km/h)		(mmol/L)		M	F
							M	F	M	F		
0	77,6	58,8	63,7	47,5	18,0	19,2	3,1	4,1	7,6	7,2	263	260
3	76,8	61,4	65,1	50,9	12,5	17,4	3,4	4,2	4,7	4,9	270	266
6	74,4	63,3	63,7	50,7	11,6	16,2	3,7	4,4	3,6	3,2	276	267

Tabela: MC - massa corporal; MCM - massa corporal magra; MG - massa de gordura; LA - limiar aeróbio; ITC – Índice Técnico de Circuito.

Tabela: MC - massa corporal; MCM - massa corporal magra; MG - massa de gordura; LA - limiar aeróbio; ITC – Índice Técnico de Circuito.

Conclusão: Conclui-se que as avaliações ao longo do programa de treinamento parecem indicar dados relevantes para a prescrição do treinamento. Contudo, para ampliar a compreensão do fenômeno investigado, recomenda-se que sejam feitos estudos com outros atletas e em outras modalidades paradesportivas, objetivando aumentar o número de dados avaliados.

Basquetebol em Cadeira de Rodas no sul do Brasil: barreiras e facilitadores

Laura Garcia JUNG¹, Alexandre Carriconde MARQUES¹, Mario Renato de Azevedo JÚNIOR¹.

¹Universidade Federal de Pelotas – Escola Superior de Educação Física

Introdução: O estilo de vida das pessoas com deficiência vem mudando no decorrer dos anos de acordo com o aumento do conhecimento da sociedade. Sendo assim, iniciativas que valorizem as pessoas em razão das suas potencialidades, tirando o foco de suas limitações, vem sendo oferecidas às pessoas com deficiência. Além de propiciar a melhora no estilo de vida por meio da atividade física, o esporte, por si só, representa um meio para a superação de limites, além de facilitar o processo de inclusão social. Contudo, ao mesmo tempo em que as oportunidades vem sendo criadas, ainda há importantes barreiras que dificultam o acesso à prática de esportes por pessoas com deficiência.

Objetivo: Relatar barreiras e facilitadores para a prática de basquete em cadeira de rodas em um projeto de extensão universitária na cidade de Pelotas – RS/ Brasil. **Metodologia:** O projeto de basquete em cadeira de rodas iniciou no primeiro semestre de 2010, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, inicialmente com um grupo de estudos envolvendo professores e alunos. Os primeiros meses de trabalho foram caracterizados por discussões sobre a origem do esporte, fundamentos técnicos e táticos, regras e a deficiência física. Setembro do corrente ano marcou o início das atividades abertas a adultos com deficiência da cidade de Pelotas e região.

Resultados: Apesar dos esforços de divulgação, incluindo rádios, jornais, telejornais locais, bem como através do convite feito por conhecidos e visitas à associações das pessoas com deficiência, os alunos foram inscrevendo-se aos poucos. O projeto conta, atualmente, com nove alunos. Com a chegada dos primeiros participantes, e através dos seus relatos, informações a respeito das principais barreiras à participação da pessoa com deficiência foram sendo melhor entendidas. Entre os fatores por eles apontados, destacaram-se: a dificuldade quanto a acessibilidade, devido à distância e as condições do transporte público; a baixa auto-estima da pessoa com deficiência, dificultando a participação em atividades em grupo; o desconhecimento sobre a modalidade esportiva. Por outro lado, fatores facilitadores para o sucesso do projeto foram destacados pelos alunos e responsáveis ao longo destes meses de funcionamento, as quais destacamos: a disponibilidade de cadeiras de rodas específicas para modalidades esportivas; a estrutura física oferecida pela universidade para a realização do projeto; a qualificação e a experiência dos professores responsáveis; o envolvimento de acadêmicos de Educação Física no apoio e desenvolvimento dos treinamentos. Os relatos de familiares e dos próprios alunos do projeto refletem os primeiros impactos sobre a qualidade de vida dos mesmos. Os benefícios da prática regular de uma atividade esportiva foram mencionados com um ganho importante. Além disso, a auto-estima e convívio social foram potencializados e efeitos positivos já podem ser percebidos. **Conclusões:** a sensação de parte de quem promove o projeto, considerando estes primeiros meses de atuação, nos possibilitou dimensionar, mesmo que de forma subjetiva, o elevado impacto na vida dos participantes. Por outro lado, o reconhecimento de importantes barreiras à participação de um número maior de pessoas representa um elemento fundamental na elaboração de estratégias para aumentar o acesso de pessoas com deficiência à prática esportiva orientada, a exemplo de projetos como este.

Características morfofuncionais de atletas paraolímpicos de levantamento supino com diferentes níveis de qualificação

Paulo M. S. DANTAS^{1, 2}, Larissa D. VALE³, João B. AMORIM^{1, 4}, Vera I. BRÜCH^{1, 4}, Hênio F. MIRANDA¹, Roberto VITAL^{4, 5}. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, RN, Brasil. ¹Prof. Dr. do Departamento de Educação Física – UFRN, ²Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – UFRN, ³Acadêmica do Curso de Educação Física – UFRN, ⁴Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, ⁵Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Introdução: As pessoas com deficiência enfrentam muitas barreiras, tanto físicas como ambientais e sociais. O esporte aparece como um meio para diminuir essas barreiras, pois possibilita ao praticante vivenciar sensações e movimentos que não lhe são oferecidos nas situações cotidianas. **Objetivo:** A identificação e a relação de proporcionalidade das características morfofuncionais de atletas paraolímpicos de levantamento supino com diferentes níveis de qualificação esportiva. **Metodologia:** N = 34 atletas paraolímpicos de levantamento supino durante a Fase Regional (Norte-Nordeste) do Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico no ano de 2009, na cidade de Natal-RN, divididos em quartis pela performance atlética no levantamento constituindo quatro subgrupos amostrais, grupo 1 n= 8, grupo 2 n= 8, grupo 3 n= 9 e grupo 4 n= 9. As características morfofuncionais estudadas foram a Antropometria, obtida através da obtenção de dobras cutâneas (subescapular, tríceps, supraespinhal, tríceps, peitoral, axilar média, supra-iliaca e abdominal) segundo os pontos de referencia citados em ISAK (2001), e a força relativa, obtida através da fórmula $FR = P/M$. O tratamento estatístico foi o descritivo com valores de tendência central e seus derivados, o comportamento da distribuição em uma curva gaussiana através do teste de Shapiro-Wilk, como estatística inferencial a os subgrupos foram submetidos ao estudo de proporcionalidade através da equação de proporcionalidade = [(média do quartil – menor valor do quartil)/(maior valor do quartil – menor valor do quartil)]. O estudo ora apresentado está de acordo com todas as normas éticas de pesquisa, conforme preconiza a lei 196/96. **Resultados:** Foi demonstrado que para os grupos investigados houve relação de proporcionalidade entre a somatória de dobras cutâneas e a força relativa e que quanto maior se encontra a somatória de dobras, menores são os níveis de força relativa apresentados. Tal comportamento torna-se mais evidente quando as dobras cutâneas consideradas são em regiões onde ocorre movimento, principalmente relacionadas ao levantamento supino. **Conclusão:** As características antropométricas e a força relativa dos atletas paraolímpicos de levantamento supino possuem uma interferência do lastro relativo a massa corporal, e, especialmente quanto a massa gorda, esta demonstrou influenciar de maneira negativa na performance, seja pela carga extra dado pelo tecido gordo que não possui ingerência direta sobre o levantamento, mas entra como massa no calculo da força relativa, ou pela constatação de que o treinamento deste atleta pode ter equívocos na relação ganho de força e otimização da massa magra. Há necessidade de metodologias de treinamento que visem não somente o ganho de força, mas também a diminuição da massa gorda.

Caracterização do atleta masculino de Voleibol Paraolímpico

Anne Carolline Veríssimo dos SANTOS¹, Marcelo de Castro HAIACHI^{2,3}; ¹Discente do Curso de Ciência da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de Sergipe; Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe; ³Núcleo de Pesquisa em Aptidão Física e Olimpismo de Sergipe; haiachi@ufs.br

Introdução: O desenvolvimento de uma modalidade esportiva ocorre em função dos requisitos específicos do desempenho, do sistema energético predominante, do segmento do corpo requisitado e da mecânica do gesto técnico. Sem ter conhecimento da especificidade do esporte, torna-se inviável nortear ações diretas ou indiretas em relação à preparação física, técnica e tática dos atletas, muito menos identificar e selecionar os mais aptos. **Objetivo:** Identificar as características do atleta masculino de voleibol paraolímpico. **Metodologia:** A amostra foi composta por atletas participantes do 6º Campeonato Brasileiro de Voleibol Paraolímpico realizado em 2008 no Rio de Janeiro, totalizando 50 atletas. Estas equipes representam o que temos de melhor da modalidade no país. São elas: Centro de Educação Física Especial (CETEFE/DF – 6 atletas), Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás (ADFEGO/GO – 8 atletas), Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF/RJ – 9 atletas), Centro de Assistência Cruz de Malta (CRUZ DE MALTA/SP – 10 atletas), Projeto Próximo Passo (PPP/SP – 9 atletas), SUZANO PARAOLÍMPICO (SUZANO/SP – 8 atletas). As variáveis avaliadas foram: idade (ID), tempo de prática (TP), estatura sentada (ES) e envergadura (EN). Como procedimento de análise de dados foi utilizado uma estatística descritiva das variáveis estruturadas, assim como seus valores de tendência central e seus derivados. **Resultados:** O voleibol paraolímpico, por ser uma modalidade recente - no Brasil, ainda não possui muitos praticantes, fato este comprovado pela elevada idade dos atletas ($30,5 \pm 7,51$ anos) e a pouca experiência (2,63 anos). O perfil das equipes participantes da competição de acordo com a classificação final da competição é retratado na tabela abaixo.

VOLEIBOL PARAOLÍMPICO	EQUIPES	ID (anos)	TP (anos)	ES (cm)	EN (cm)
6º CAMPEONATO BRASILEIRO	CRUZ DE MALTA (SP)	29,8 ($\pm 6,39$)	3,50*	91,6 ($\pm 4,81$)	195,8 ($\pm 16,94$)
	SUZANO (SP)	23,95*	3,50*	92,0 ($\pm 1,46$)	185,6 ($\pm 7,15$)
	PPP (SP)	31,5 ($\pm 6,56$)	2,00*	86,1 ($\pm 3,22$)	184,2 ($\pm 6,34$)
	ANDEF (RJ)	24,76*	0,66*	91,5 ($\pm 4,85$)	187,00*
	CETEFE (DF)	26,4 ($\pm 3,65$)	3,00*	80,6 ($\pm 5,17$)	190,3 ($\pm 10,31$)
	ADFEGO (GO)	38,3 ($\pm 3,92$)	3,50*	82,9 ($\pm 3,28$)	178,9 ($\pm 8,72$)
MÉDIA DO CAMPEONATO		30,5 ($\pm 7,51$)	2,63*	87,9 ($\pm 5,80$)	186,7 ($\pm 12,87$)
POSIÇÃO TÁTICA DE JOGO	ATACANTE	26,11*	2,00*	90,0 ($\pm 5,46$)	189,8 ($\pm 14,51$)
	LEVANTADOR	33,8 ($\pm 7,24$)	4,00*	83,9 ($\pm 4,54$)	180,7 ($\pm 7,85$)
	DEFENSOR	28,1 ($\pm 3,53$)	2,00*	87,6 ($\pm 5,84$)	185,0 ($\pm 11,20$)

Legenda: ID - idade; TP - tempo de prática; ES - estatura sentada; EN – envergadura

* para as variáveis não-paramétricas foi utilizada a mediana

Conclusão: O perfil do atleta de voleibol paraolímpico brasileiro precisa evoluir. A conquista de vitórias e títulos auxilia na massificação do esporte, contribui para o crescimento da modalidade e diminui a distância entre a limitação física e o sucesso esportivo. A baixa frequência semanal de treinamentos (1 a 4 vezes) e o tempo reduzido de duração das sessões de treinamento ($3,2 \pm 1,18$ horas) também influenciam no desenvolvimento técnico e tático das equipes.

Caracterização do Basquete Sobre Rodas

Paulo Roberto BRANCATTI¹, Bruno César ROTOLY¹, Daniel Ribeiro da SILVA¹, Guilherme Luis Santana LUCHESI¹, Mayla FERRARI¹, Camila MATTOS¹, João Paulo CASTELETTI¹. ¹Projeto AMA - FCT/UNESP – Presidente Prudente – SP – Brasil. paulobrancatti@uol.com.br

Introdução: O Basquete Sobre Rodas (BSR) é praticado por indivíduos que possuem deficiência física permanente, de ambos os sexos, com seqüelas motoras de poliomielite, lesões medulares, amputações, malformação congênita, paralisia cerebral e outras, que impossibilitem a execução de saltos, corridas e outros fundamentos do basquetebol convencional (Alves, 2003). **Objetivo:** elaboração de material para entendimento básico do BSR. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa teórica sobre o BSR buscando o entendimento sobre os fundamentos da modalidade, sobre cadeira de rodas (CR) e sobre Classificação Funcional (CF). **Resultados:** As modalidades de esporte adaptado aparecem como um processo da reabilitação de lesionados medulares. No estudo realizado por Alves (2003) verificou-se que, no Brasil, o BSR é praticado por indivíduos com poliomielite (53,4 %), trauma raquimedular (26,5 %), amputação (10,1 %) e outras doenças (10,0 %). O BSR é praticado na mesma quadra do basquetebol convencional, com o mesmo tempo de jogo e suas regras são estabelecidas pela IWBF em conformidade com as regras da FIBA. Além disso, são feitas adaptações necessárias na CR de acordo com a especificidade de cada atleta, adequando-as ao tamanho do atleta, nível de lesão (no caso de lesão medular, a CR tem encosto para fixar o tronco na cadeira e declive no acento para estabilizar a cintura pélvica), respeitando as regras oficiais da IWBF. A CR personalizada permite ao jogador potencializar as habilidades e capacidades motoras. No BSR estão presente os mesmos fundamentos do basquetebol convencional, como o passe, o arremesso, o giro, o drible, o bloqueio, o rebote, acrescentando-se um fundamento específico da modalidade: o manejo da cadeira de rodas, fundamento este que é determinante para a execução do drible e bloqueio. A CF é um meio de garantir maior competitividade e um nivelamento dos atletas nessa modalidade, sendo realizada por três profissionais da saúde: médico, fisioterapeuta e professor de educação física. O sistema da classificação funcional é dividido em 2 categorias: A (1.0, 1.5, 2.0 e 2.5) e B (3.0, 3.5, 4.0 e 4.5). Na categoria A estão aqueles que não conseguem fixar a pelve: paraplégicos, com lesão completa, até L 1, inclusive, com possibilidade de realizar a flexão do quadril, devido a ação do íliopsoas. Na categoria B estão aqueles que, tendo capacidade de fixar (com controle) a pelve, têm mobilidade do tronco nos planos transversal, frontal e sagital. Em nenhum momento na partida uma equipe poderá ter jogadores participando cujo total de pontos exceda o valor do limite de 14 pontos (IWBF, 2008). **Conclusão:** O BSR é uma modalidade do esporte adaptado que, apesar da semelhança de fundamentos do Basquete Convencional, apresenta características específicas como a Cadeira de Rodas e a Classificação Funcional, sendo imprescindível o conhecimento dessas informações para o trabalho com esta modalidade. A CF permite a participação de pessoas com maior ou menor comprometimento e tem o objetivo de determinar a funcionalidade de cada jogador, embora o potencial funcional não seja determinante no desempenho do jogador, pois não levam em consideração as capacidades físicas dos jogadores nem as habilidades específicas. O fato de utilizar os membros superiores para controlar a bola e a cadeira de rodas torna a prática do BSR complexa e desafiadora, exigindo dedicação do jogador e conhecimento prévio do professor. A cadeira de rodas tem sido confeccionada com tecnologia avançada e há necessidade de realizar medidas personalizadas para maximizar as potencialidades do jogador, além de enfatizar exercícios de manejo de CR, fundamental na modalidade.

Demonstração dos resultados da prova de 100 metros rasos dos velocistas Olímpicos e os Paraolímpicos cegos nas Olimpíadas e Paraolimpíadas de Sydney (2000), Atenas (2004) e Beijing (2008)

Alexandre Evangelista do CARMO¹, Luiz Cláudio Locatelli VENTURA², Luis Antonio dos SANTOS³.
¹Acadêmico do Curso de Educação Física de Faculdade Batista de Vitória. ²Professor de Prefeitura de Vitória – ES. ³Professor de Instituto Federal de Espírito Santo - IFES

Introdução - O esporte para pessoas com deficiência vem, ao longo dos anos, tomando uma trajetória de crescimento muito importante no cenário mundial. Quando em 1960, com a criação do que é hoje as Paraolimpíadas, começaram também o interesse do grande público para com este desporto, transmitindo uma imagem direta sobre uma forma diferente de superação dos limites humanos. **Objetivo** - Demonstrar as performances dos velocistas da corrida de 100 metros rasos, medalhistas nas 03 últimas Olimpíadas com os medalhistas cegos das 03 últimas Paraolimpíadas. **Métodos** - Utilizou-se o método descritivo, quali-quantitativo (misto), ex-pos-facto, sendo os dados colhidos da bibliografia existente sobre os resultados dos atletas olímpicos e paraolímpicos dos Jogos de Sydney (2000), Atenas (2004) e Beijing (2008) na prova de 100m rasos. Para encontrar a velocidade por m/s utilizou-se a fórmula $v=d/t$. **Resultados** –

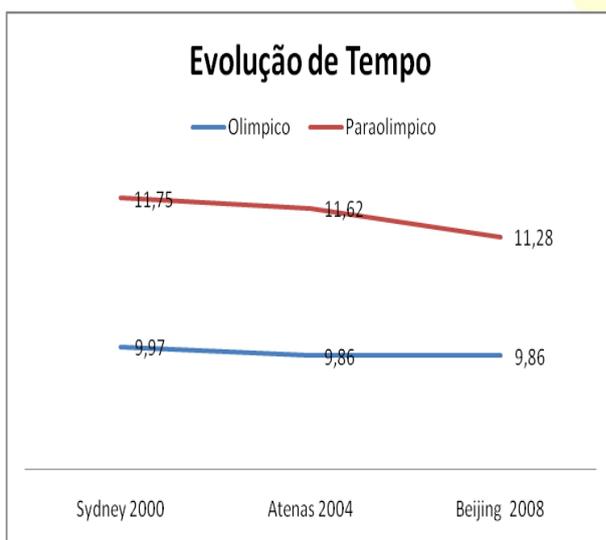


Gráfico 1 – Evolução de tempo do 100m rasos

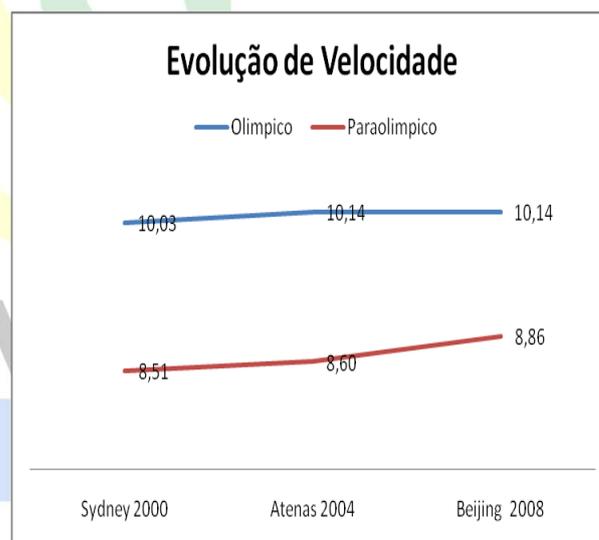


Gráfico 2 – Evolução de velocidade (m/s) do 100m entre atletas olímpicos e paraolímpicos rasos entre atletas olímpicos e paraolímpicos.

Conclusão – Nas três últimas competições mundiais organizadas, o tempo de duração da prova 100m rasos diminuiu consideravelmente, conforme o gráfico 1. Por ser uma prova curta, qualquer mínima diferença de resultado pode ser considerada uma grande evolução. Sabe-se que demonstrar a evolução do esporte olímpico com o paraolímpico neste momento é um processo ingrato, pois o primeiro tem, historicamente, uma longa trajetória enquanto o segundo é muito recente. É notório, porém, que o esporte paraolímpico vem sendo contemplado com materiais e métodos derivados do universo de conhecimento do treinamento esportivo de alto rendimento ao qual, com muita eficiência, vem adaptando-se bem, permitindo com isso uma maior evolução de velocidade (m/s) em relação aos atletas olímpicos, como demonstrado no gráfico 2.

Desenvolvimento do talento paraolímpico no tênis de mesa.

Caio Ferraz CRUZ¹, Miriele MARCELO^{2,3}, Marcelo MASSA^{2,3}. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP; ¹Centro de Estudos e Práticas de Atividades Físicas – CEPAF/EACH/USP; ²Grupo de Estudo e Pesquisa em Capacidades e Habilidades Motoras – GEPCHAM/EACH/USP; ³Curso de Ciências da Atividade Física – CAF/EACH/USP. caiofcruz@usp.br

Introdução: O tênis de mesa para pessoas com deficiência física é uma das modalidades esportivas que compõem o programa das Paraolimpíadas. Contudo, pouco se conhece sobre o ambiente de desenvolvimento do talento no esporte paraolímpico. **Objetivo:** Analisar o ambiente de desenvolvimento do talento de um atleta brasileiro do tênis de mesa paraolímpico. **Método:** Trata-se de um estudo de caso referente a um atleta talentoso de tênis de mesa em cadeira de rodas, que representou o Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Atenas (2004) e Pequim (2008). A pesquisa foi constituída por meio de um delineamento qualitativo, que utilizou como instrumento uma entrevista composta por 12 perguntas abertas, adaptadas de Massa (2006), elaboradas para explorar o contexto de desenvolvimento do talento no tênis de mesa. **Resultados:** Os discursos indicaram que a trajetória de desenvolvimento do atleta não se aproximou dos modelos de desenvolvimento de talento descritas na literatura, sobretudo devido à carência e/ou necessidade de aperfeiçoamento de programas nacionais de desenvolvimento do esporte paraolímpico. Porém, no que tange aos aspectos relacionados ao apoio da família para a reabilitação por meio do esporte, ao prazer pela prática, ao apoio do técnico e à determinação do atleta, o presente estudo corrobora com a literatura. **Conclusão:** Pode-se concluir, portanto, que os fatores psicossociais exerceram importância no desenvolvimento do talento de um atleta brasileiro do tênis de mesa paraolímpico.



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Esportes Paraolímpicos: da reabilitação à superação

Mey Abreu. van MUNSTER^{1,2,3}; Aline BASSO^{2,3}; Aline SÁ^{1,3}; Elizabeth C. BIANCONI^{2,3}; Fernanda G. QUIDIM³; Glauco U. ANELLI³; Melina RADAELLI^{1,3}; Patrícia ROSSI^{1,3}; Patrícia S. OLIVEIRA^{2,3} - ¹Departamento de Educação Física e Motricidade Humana/UFSCar; ²Programa de Pós-Graduação em Educação Especial/UFSCar; ³Núcleo de Estudos em Atividade Física Adaptada. E-mail: mey@ufscar.br

Introdução: O Projeto de Extensão "Atividades Físicas, Esportivas e de Lazer Adaptadas a pessoas com deficiências" - PROAFA, desenvolvido pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana - DEFMH da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, atende, preferencialmente, os pacientes da Unidade Saúde Escola - USE, desta mesma instituição. Os atendimentos realizados por esta unidade são caracterizados por intervenção interdisciplinar no período pós-traumático, onde as lesões e ferimentos são ainda recentes, quando o indivíduo encontra-se na fase aguda de instalação da deficiência. É um momento crítico, onde o paciente se encontra em estado de grande fragilidade física e emocional, pois começa a conviver com as perdas, não apenas da funcionalidade de um órgão, de um ou mais segmentos corporais, como de outros aspectos que decorrem dessa situação. Ao acompanhar a trajetória dos pacientes que ingressam no referido projeto, observa-se um processo de mudança nos papéis sociais atribuídos ao esporte paraolímpico. **Objetivo:** analisar o papel do esporte paraolímpico para pacientes/atletas em fases distintas de seu processo de reabilitação/treinamento. Mais especificamente, buscou-se apreender o significado do esporte paraolímpico e as expectativas dos praticantes em relação a este fenômeno em dois momentos diferentes: no início do processo de reabilitação, enquanto pacientes da USE/UFSCar, e após sua participação como atletas nos treinamentos e nas primeiras competições esportivas. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória descritiva, caracterizada como um estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados foram empregados: 1. *Anamnese*, aplicada durante a entrevista inicial; 2. Entrevista semi-estruturada aplicada após um ano de participação no PROAFA-UFSCar. Caracterização da amostra: analisando o perfil dos participantes desse estudo (n=14), constata-se que predominam participantes do sexo masculino (78%); com relação à faixa etária, trata-se de jovens e adultos, com idade entre 22 e 52 anos; do ponto de vista econômico, grande parte pertence a uma classe econômica média-baixa; as deficiências envolvidas são decorrentes de lesão medular (9), amputações (2), poliomielite (2) e paralisia cerebral (1). **Resultados:** Por meio da análise de conteúdo foi possível verificar que, inicialmente, as expectativas dos participantes em relação à prática de esportes concentram-se na busca pela reabilitação, expressa pelo desejo de recuperação e/ou manutenção das capacidades funcionais. Todavia esse quadro se modifica, na medida em que os participantes começam a descobrir novas possibilidades por meio do esporte. Em 71% dos casos analisados, observou-se o interesse e a efetiva participação em competições esportivas de âmbito local e regional, independentemente das colocações obtidas. **Conclusão:** Aos participantes deste estudo, o envolvimento com os esportes paraolímpicos representou uma mudança do status de "paciente" para "atleta". O foco antes centrado nos problemas, nas dificuldades e nas incapacidades decorrentes da deficiência, gradativamente cede espaço à busca pela autodescoberta e pela superação. Aos poucos, as pessoas com deficiências começam a descobrir, por meio do esporte paraolímpico, que além dos problemas, existem alternativas; que além das dificuldades, existem possibilidades; que além da incapacidade, existem potencialidades.

O desporto adaptado na cidade de Maceió/AL

Flávio A. P. de MELO¹ e Neiza de L. F. FUMES². ¹ Graduando em Educação Física, Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e integrante do Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada (GEEAMA), ² Professora Adjunta, docente da UFAL e coordenadora do GEEAMA. flavioedf06@yahoo.com.br.

Introdução: Ainda hoje poucas são as oportunidades para as pessoas com deficiência possam praticar atividades desportivas, seja ambiente escolar, ou até mesmo no que se refere ao desporto de rendimento. De acordo com Leitão (2002), o desporto para as pessoas com deficiência torna-se um importante meio no processo de desenvolvimento e reconhecimento destas pessoas, considerando que proporciona o incentivo para o crescimento pessoal, a ampliação do seu universo de ação e com isso, o favorecimento da autonomia. **Objetivo:** analisar a situação do desporto adaptado na cidade de Maceió/AL., a partir do ponto de vista de professores e treinadores de desporto adaptado de instituições especializadas. **Metodologia:** esta pesquisa é de natureza qualitativa, para coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, com base em um roteiro de entrevista pré-estabelecido. Desta forma entrevistamos, de forma reflexiva, 10 professores/treinadores do desporto adaptado de 4 associações/instituições promotoras do esporte para a pessoa com deficiência. A análise de dados utilizada foi a temática, que nos permitiu definir quatro categorias, sendo estas: os desportos praticados; os locais em que os esportes eram praticados; a clientela atendida; e, as dificuldades e as facilidades para a promoção do desporto adaptado. **Resultados:** Foram encontrados um universo de 8 desportos adaptados sendo praticados na cidade de Maceió (atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, bocha, capoeira, goalball, judô, natação e voleibol sentado). Em relação aos locais da prática, somente a capoeira e a natação eram praticadas na própria associação/instituição para pessoas com deficiência, enquanto as demais modalidades eram realizadas através de parcerias com o Sistema S. Em relação à clientela atendida, havia pessoas com deficiência física praticando atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, natação e voleibol sentado; pessoas com cegueira e baixa visão praticando goalball, judô e natação e pessoas com deficiência intelectual e múltipla que realizavam basquetebol, bocha e capoeira. Com relação às dificuldades, as maiores estavam relacionadas com a falta e inacessibilidade do transporte (público e institucional), a falta de apoio e de uma política governamental de desenvolvimento do desporto adaptado. Quanto às facilidades, os entrevistados apontaram exclusivamente para o apoio recebido das instituições/associações que estavam vinculados. **Conclusão:** Tendo em vista a luta isolada de pessoas e instituições, ainda se faz necessária uma política de incentivo para o desporto adaptado na cidade de Maceió. Atualmente a prática do esporte adaptado ainda estava restrito às instituições e associações para pessoas com deficiência e não havia uma política governamental (municipal e/ou estadual) que incentivasse a sua prática.

O esporte paraolímpico para além do “OURO”: Uma abordagem bioética sobre a prática das modalidades bocha e Rúgbi em cadeira de rodas

Márcia S. CAMPEÃO^{1,2}; Fermim R. SCHRAMM³; ¹Docente do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ²Doutoranda da ENSP/FIOCRUZ; ³Docente Pesquisador da ENSP/FIOCRUZ; mcampeao@ufrj.br

Introdução: A bocha, dentre as modalidades paraolímpicas, é a que apresenta atletas com o maior grau de comprometimento motor e/ou múltiplo. É seguida do rúgbi em cadeira de rodas que considera elegíveis para participar atletas que apresentam, em maior ou menor grau, alterações nos quatro membros. Indivíduos com estas características recebem diagnóstico de deficiência severa, e são considerados incapazes para uma vida plena e/ou produtiva. O enfoque bioético, em particular, o da bioética da proteção indica a premência de atitudes políticas que visem cuidar das condições de possibilidade para o exercício de autonomia dessas pessoas. **Objetivo:** Desconstruir o conceito de deficiência como doença e incapacidade. **Metodologia:** Utilizamos como recurso para este objetivo, depoimentos de doze atletas praticantes de modalidades paraolímpicas – oito de bocha e quatro de rúgbi - sobre a experiência de viver a deficiência através do esporte. Recorremos ao método dialético para uma explicação esquemática da realidade baseada na contradição de idéias e dos conflitos gerados pelos diagnósticos médicos sobre deficiência, relacionados às percepções e concepções dos próprios atletas. Para compreensão e possível solução desses conflitos, utilizamos as ferramentas da bioética da proteção. **Resultados:** Através dos elementos básicos da dialética – tabela 1 – foi possível identificar e analisar os conflitos morais desencadeados pela repercussão e contradição do significado de incapacidade.

Tabela 1 - ELEMENTOS BÁSICOS DA DIALÉTICA		
TESE	Afirmção	Diagnóstico médico de deficiência = incapacidades
ANTÍTESE	Negação da afirmação	Auto-percepção de atletas com deficiência = capacidades
SÍNTESE	- Situação Nova – Nega as anteriores, mas carrega características dos elementos negados	Incapacidade é resultado da falta de investimento nas capacidades das pessoas com deficiência

Conclusão: Pessoas com deficiência não são “incapazes” e “doentes” devido à presença de severo grau de lesão ou seqüela, mas antes, pela falta de investimento nas ações de conhecimento e desenvolvimento em suas capacidades funcionais. Que a meta dos resultados paraolímpicos, para além do “ouro”, busque servir de exemplo, de afirmação, e de força nas ações das políticas públicas para o investimento na vida, na saúde e, sobretudo, nas capacidades das pessoas com deficiência do nosso país. ¹Este tema faz parte da Tese de Doutorado (ENSP/FIOCRUZ), em andamento, e tem como título: A moralidade das práticas de saúde pública para pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção e da prática de esportes paraolímpicos. Submetido e aprovado em 18/05/2010 pelo CEP/ENSP - N° 77/10

O Exercício físico reduz a massa adiposa e a concentração de leptina em Lesionados Medulares

Flavia A. FIGUEIREDO¹, Flavia F. BEZERRA¹, Magna C. F. PASSOS, Egberto G. de MOURA, Josely C. KOURY². 1- Instituto de Nutrição; 2 Instituto de Biologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (flalbufi@ig.com.br)

Introdução: A ruptura da comunicação entre o cérebro e a medula espinhal conduz a uma descentralização do sistema nervoso simpático e altera a liberação de leptina, hormônio secretado pelos adipócitos e associado a obesidade. O aumento de massa adiposa é considerado fator de risco para diversas doenças e a atividade física desempenha importante papel em sua redução. Poucos estudos mostram a relação entre a massa adiposa e concentração de leptina em lesionados medulares fisicamente ativos. **Objetivos:** Comparar e relacionar a composição corporal e concentração da leptina plasmática em indivíduos com lesão medular cervical fisicamente ativos e não ativos. **Metodologia:** Participaram 23 homens com lesão medular cervical (C5-C7) divididos em dois grupos: G1- fisicamente ativo, com prática de exercícios por 12,2±6,7 horas/sem, há 1,5 ± 1,7 anos; e G2- não ativos. Os indivíduos foram pareados quanto a idade (33,7±9,9 anos), comprimento (1,73 ± 0,1 m) e tempo de lesão (TL, 11,6±8,7 anos). O sangue foi coletado pela manhã, após jejum de 12 horas. A leptina foi determinada por radioimunoensaio (Linco Research, Inc) e a gordura corporal por absorciometria de dupla emissão de raio X (iDxa Lunar-GE®). A razão tempo de prática de atividade física (TAF):tempo de lesão (TAF:TL) foi empregada para verificar a influência do TAF desde a lesão sobre as variáveis. Para comparar os grupos foi realizada a análise de variância univariada e a relação entre variáveis foi determinada por correlação parcial, ambas corrigidas pelo TL. A significância estatística considerada foi de $p \leq 0,05$. **Resultados:** Os indivíduos fisicamente ativos apresentaram menor massa corporal, massa adiposa (Tabela 1) e concentração de leptina (Figura 1). Foram observadas associações negativas entre leptina com TAF e TAF:TL (Tabela 2). **Conclusão:** Nossos resultados mostram que o exercício físico reduz a massa adiposa e a concentração de leptina em lesionados medulares e sugerem que, quanto maior o tempo de prática de atividade física maior a contribuição para esta redução, diminuindo, possivelmente, o desenvolvimento de obesidade e suas complicações

Tabela 1: Comparação das massas corporal total e adiposa em lesionados medulares fisicamente ativos e não ativos.

	G1 (n=13)	G2 (n=10)	<i>p</i>
Massa corporal (kg)	64±10,0	73± 5,0	0,001
Massa adiposa (kg)	16±5,0	26±4,0	<0,001

Tabela 2: Correlação entre a concentração plasmática de leptina vs massa adiposa e tempo de pratica de atividade física em lesionados medulares ativos e não ativos (n=23).

	<i>r</i>	<i>p</i>
Leptina vs		
Massa adiposa	0,83	<0,01
TAF:TL	-0,54	0,001
TAF	-0,64	0,002

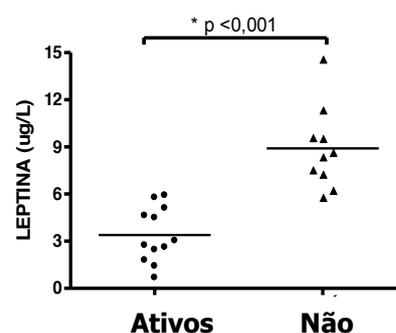


Figura 1: Concentração plasmática de leptina em lesionados medulares fisicamente ativos (n=13) e não ativos (n=10).

Apoio: FAPERJ

Orientação esportiva de atletas com Deficiência Visual e Motora

Giovanna Carla INTERDONATO¹, Laís Arrivabene COELHO¹, Fellipe Augusto TEIXEIRA¹, Elaine Cappellazzo SOUTO^{1,2}, Allan James de Castro BUSSMANN¹, Natália Serra LOVATO¹, Hélio Serassuelo JUNIOR¹, Márcia GREGUOL¹. ¹Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Física e Deficiência – Universidade Estadual de Londrina; ²Universidade Federal da Paraíba. mgreguol@uel.br

Introdução: É cada vez maior o número de atletas com deficiências motoras ou visuais, de diferentes faixas etárias, que praticam modalidades esportivas adaptadas. **Objetivo:** Analisar a orientação esportiva de atletas com deficiência motora e visual e com diferentes experiências de prática. **Metodologia:** Para tanto, 41 atletas, sendo 24 com deficiência motora e 17 com deficiência visual, praticantes de modalidades esportivas adaptadas há pelo menos um ano, responderam ao Questionário de Orientação Esportiva (Gill e Deeter, 1988), que classifica as tendências dos atletas em Competir (TQ1), Vencer (TQ2) e Estabelecer Metas (TQ3). Quanto menor o valor obtido no questionário, mais forte é a tendência. Os dados foram tratados por meio de análise descritiva. Para se verificar diferenças entre os grupos, foi realizado teste Mann Whitney. Foi realizado ainda teste de correlação de Spearman para se verificar a associação entre a orientação esportiva e o tempo de prática. Nas duas situações, adotou-se significância $p \leq 0,05$. **Resultados:** Os principais resultados obtidos encontram-se na tabela 1 a seguir:

TABELA 1. Valores de orientação esportiva

	Idade	TQ1	TQ2	TQ3
Deficiência motora	35,68 ($\pm 6,69$)	16,20 ($\pm 3,23$)	9,20 ($\pm 2,93$)	6,95 ($\pm 1,45$)
Deficiência visual	32,47 ($\pm 10,39$) *	24,29 ($\pm 7,29$)	9,70 ($\pm 3,07$)	8,64 ($\pm 2,49$) *
Total	34,28 ($\pm 8,53$)	19,56 ($\pm 5,99$)	9,41 ($\pm 2,96$)	7,65 ($\pm 2,10$)

* $p \leq 0,05$

De um modo geral a orientação dos atletas foi mais focada para o estabelecimento de metas do que para a vitória ou à competição em si. Este comportamento diverge daquele observado em atletas sem deficiência, os quais normalmente denotam maior importância à vitória do que ao estabelecimento de metas. Quando comparados atletas com diferentes tipos de deficiência, aqueles com deficiência visual mostraram maior orientação para a competição e menor tendência ao estabelecimento de metas do que aqueles com deficiência motora. Quanto ao tempo de prática, foi verificado que o mesmo não influenciava a tendência de estabelecimento de metas pessoais. Entretanto, quanto maior o tempo de prática, mais fortes ficaram as orientações para competir e vencer, especialmente nos atletas com mais de 10 anos de experiência competitiva. **Conclusão:** Conclui-se que a orientação dos atletas com deficiência de um modo geral foi mais focada para o estabelecimento de metas pessoais, o que indica a busca de auto-superação e desejo de ultrapassar os limites impostos pela deficiência. Esta orientação é mais forte do que a busca pela vitória em si. Esta tendência é ainda mais forte nos atletas com deficiência motora, provavelmente pelo fato de a maioria destes ter adquirido a deficiência na idade adulta e enfrentar maior quantidade de barreiras diárias para sua locomoção independente.

Qualidade de vida dos atletas que participaram dos Jogos do Interior de Minas Gerais (JIMI) na modalidade Paraolímpica de Atletismo

Rogério José Maria BORGES^{1,2}, Lia Carla Gordon LEME¹, Antonio José GRANDE¹, Guanis de Barros VILELA JUNIOR^{1,3}, Rute Estanislava TOLOCKA^{1,3}. FACIS/UNIMEP. ¹Núcleo de Estudos do Movimento – NUPEM, ²Prof. do Curso de Educação Física do UNIARAXÁ, ³ Prof. Dr. do Curso de Mestrado em Educação Física da FACIS/UNIMEP. rjborges8@gmail.com

Introdução: As políticas públicas inclusivas no Brasil são carentes de conhecimento especializado e de procedimentos técnicos que possam ajudar na elaboração de estratégias e ações que garantam o emponderamento e consolidação da cidadania de seus atores, neste sentido, o esporte para pessoas com deficiência se constitui como meio de implementação das mesmas. Nos últimos anos, as pesquisas sobre o paradesporto tem apresentado caráter multidisciplinar que vão das abordagens relativas à performance atlética aos temas transversais como hábitos e estilos de vida, porém ainda pouco se sabe sobre a qualidade de vida (QV) de atletas para-olímpicos. **Objetivo:** Verificar a QV, tabagismo e etilismo de atletas participantes do JIMI/2010. **Metodologia:** A amostra foi constituída de 48 atletas com deficiência motora, praticantes de atletismo, nas classes funcionais 30, 40 e 50. Para avaliar a percepção da QV foi utilizado o instrumento WHOQOL bref, desenvolvido pelo grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (OMS) e sua sintaxe australiana. Dados sobre classe funcional, uso do álcool e tabaco, foram coletados através de questionário adaptado de TOLOCKA (2006). Comparação entre QV, tabagismo e etilismo foram realizadas. **Resultados:** Os resultados são apresentados na tabela 1. Nota-se que o meio ambiente é o principal limitador da qualidade de vida destas pessoas, como também apontado na literatura com estudos sobre a QV da população brasileira. Houve diferença entre a QV das classes 30 e 40 com a classe 50 e correlação significativa entre etilismo com os domínios físico ($r=0,570$; $p<0,05$) e social ($r=0,556$; $p<0,05$) apenas na classe 30. É notável que o tabagismo não é freqüente, houve apenas um caso de fumante. Entretanto, o uso de álcool é preocupante, e pode trazer prejuízos a performance durante competições esportivas.

Classe funcional	No. atletas	Whoqol – Domínio Físico	Whoqol – Domínio Psicológico	Whoqol – Domínio Social	Whoqol – Domínio Meio Ambiente	Etilismo Sim	tabagismo Sim
30	17	71,22	74,02	68,14	60,66	17,64%	0%
40	12	69,05	75,69	76,39	60,68	33,33%	0%
50	19	73,50	77,85	75,44	63,98	36,84%	5,26%

Conclusão: Os atletas apresentaram níveis satisfatórios de QV (acima de 70) na maioria dos domínios, independente da classificação funcional, porém no domínio meio ambiente a QV é insatisfatória em todos os grupos. A prevalência de etilismo é alta. São necessárias ações que possibilitem a melhoria de qualidade de vida principalmente em relação ao meio ambiente e ao uso de álcool.

Tendências competitivas de atletas praticantes de modalidades paradesportivas

Júlia Zoccolaro DURIGAN¹, Laís Arrivabene COELHO¹, Giovanna Carla INTERDONATO¹, Elaine Cappellazzo SOUTO^{1,2}, Julia Astholfo LOPES¹, Natália Serra LOVATO¹, Hélio Serassuelo JÚNIOR¹, Márcia GREGUOL.¹ ¹Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Física e Deficiência – Universidade Estadual de Londrina; ²Universidade Federal da Paraíba. mgreguol@uel.br

Introdução: O esporte adaptado para atletas com deficiência tem atingido níveis competitivos cada vez mais elevados e atraído a atenção de pesquisadores da área da psicologia do esporte. **Objetivo:** Analisar as tendências competitivas de atletas praticantes de diferentes modalidades paradesportivas. **Metodologia:** Para tanto, 41 atletas, sendo 9 mulheres e 32 homens praticantes de basquetebol em cadeira de rodas, goalball, halterofilismo, remo e judô, responderam ao Questionário de Orientação Esportiva (Gill e Deeter, 1988), que classifica as tendências dos atletas em Competir (TQ1), Vencer (TQ2) e Estabelecer Metas (TQ3). Quanto menor o valor obtido no questionário, mais forte é a tendência. Os dados foram tratados por meio de análise descritiva. Para se verificar diferenças entre os grupos, foi realizado teste Mann Whitney (diferenças entre gêneros) e *Kruskall Wallis* (diferenças entre modalidades), adotando-se significância $p \leq 0,05$. **Resultados:** Os resultados encontram-se sintetizados na tabela 1 a seguir:

	Idade	TQ1	TQ2	TQ3
Mulheres	33,33 ($\pm 10,44$)	21,77 ($\pm 4,91$)	9,55 ($\pm 3,57$)	7,55 ($\pm 1,66$)
Homens	34,56 ($\pm 8,06$)	18,93 ($\pm 6,93$)	9,37 ($\pm 2,83$)	7,68 ($\pm 2,23$)
Total	34,28 ($\pm 8,53$)	19,56 ($\pm 5,99$)	9,41 ($\pm 2,96$)	7,65 ($\pm 2,10$)

Não foram observadas diferenças significativas entre os gêneros nas diferentes modalidades paradesportivas no que se refere às tendências competitivas. De um modo geral, a tendência dos atletas com deficiência foi mais focada em estabelecer metas pessoais e a menor ênfase foi dada para a competição em si. Quando comparadas as modalidades, houve diferença significativa apenas para os atletas do goalball, que mostraram tendências mais fortes para competir e um pouco mais fracas para o estabelecimento de metas, quando comparados aos das outras modalidades. Estes resultados demonstram predominância de comportamentos em relação às perspectivas internas de melhores resultados, desejo de melhora e superação. Tais comportamentos em geral não são observados para atletas do mesmo nível no esporte convencional, os quais demonstram tendências mais voltadas para vencer do que para estabelecer metas. **Conclusão:** Observa-se que os atletas pesquisados praticantes de modalidades paradesportivas apresentam tendências competitivas mais fortemente focadas para o estabelecimento de metas pessoais. Este fato pode mostrar que para atletas com deficiência, a prática esportiva parece estar mais altamente associada à auto-superação e menos à competição ou à vitória em si.

Resumos da Área Temática:



**Formação de Recursos Humanos para o
Esporte Paraolímpico**
CONGRESSO
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Do pátio ao pódio: a formação dos professores na área da educação física para deficientes visuais no âmbito do Instituto Benjamin Constant

Antonio Fernandes Santos do NASCIMENTO¹, Filipe Lopes BARBOZA², Vanessa Rocha Zardini NAKAJIMA². ¹Prof. Ms. de Educação Física do Instituto Benjamin Constant, ²Profs. de Educação Física Colaboradores do Instituto Benjamin Constant. Contato: antonioespecial@oi.com.br

Introdução: Há algum tempo, faz parte de nossa inquietação de pesquisador o desenvolvimento de estudos acerca da formação de professores, em especial na área da Educação Física, Reabilitação e do Desporto na área da Deficiência Visual. Principalmente em razão do âmbito do Instituto Benjamin Constant ser um dos núcleos de desenvolvimento do programa clube escolar paraolímpico. **Objetivo:** Descrever a importância da formação especializada na qualidade das aulas e demais atribuições dos professores do Instituto Benjamin Constant (IBC). **Metodologia:** A amostra foi composta de 6 professores, dos investigados quatro são do gênero masculino e outros dois do gênero feminino, o tempo médio de graduação em Educação Física era de 25 (vinte e cinco) anos, e o de atividade na área da educação especial em torno de 20 (vinte) anos, e desempenham suas atividades profissionais no instituto, em caráter de dedicação exclusiva. Essa pesquisa veio referendar o trabalho em 2006, assim, nesse estudo traçamos um paralelo referente à formação acadêmica (graduação e pós-graduação) e atuação profissional, desses professores em um período de quatro anos, onde procuramos observar se houve alguma mudança no trabalho desenvolvido por esses profissionais. Para coleta de dados utilizamos um questionário fechado, contendo 30 perguntas, para medir as atitudes e opiniões dos participantes da pesquisa, optou-se pelo instrumento intitulado Escala de Likert. **Resultados:** Quando os dados foram conflitados observamos que todos os sujeitos mantiveram-se em formação permanente dando continuidade nos estudos e aperfeiçoamento da sua prática. Essa avaliação vem reforçar a necessidade da formação continuada dos professores de Educação Física que atuam na área do desporto paraolímpico, em especial os que atuam diretamente com o programa Clube Escolar Paraolímpico, uma vez que a função desse programa é a formação de base dos futuros atletas paraolímpicos.

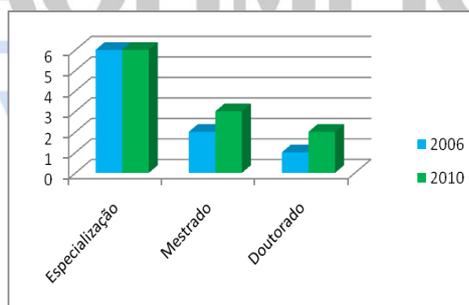


GRÁFICO 1: perfil da formação profissional.

Conclusão: Podemos concluir que os professores deram continuidade a sua formação, visando à melhoria no atendimento ao deficiente visual, neste caso, bem como na função de disseminadores desse conhecimento. Como mérito disso a instituição é tradicionalmente conhecida desde as primeiras edições dos jogos paraolímpicos, tanto na parte técnico profissional até a formação de atletas.

Estratégias de ensino e indicativos pedagógicos para o Tênis de Mesa Adaptado

Ingrid SALES¹, Mariana S. P. GOMES^{2,3}. ¹Graduanda da Faculdade Anhanguera de Campinas, ² Mestre em Atividade Física, Adaptação e Saúde FEF-Unicamp, ³ Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada-GEPEAMA. ingridbsales@hotmail.com

Introdução: O Tênis de Mesa é uma modalidade de fácil acesso, já que pode ser jogado em qualquer ambiente, bastando ter uma mesa, duas pessoas e raquetes ou algo que se assemelhe em mãos, além de uma bolinha como implemento. Entretanto nem todos os professores conseguem enxergar estas possibilidades, o que dificulta o processo de massificação da modalidade, considerando os diversos contextos e personagens da Pedagogia do Esporte. **Objetivo:** Desta forma, o objetivo deste trabalho foi oferecer aos profissionais da área de Educação Física estratégias de ensino-aprendizagem para o Tênis de Mesa Adaptado, levando em conta aspectos relacionados à inclusão do aluno com deficiência física nas aulas, enfatizando suas potencialidades e não as desvantagens que a deficiência pode gerar. **Metodologia:** Para isso, utilizamos a revisão de literatura como ferramenta metodológica, aprofundando o estudo em temas como Pedagogia do Esporte Adaptado, Inclusão, Tênis de Mesa e Tênis de Mesa Adaptado. **Resultados:** Apesar do pouco ainda encontrado na especificidade da modalidade, pudemos observar que promover a prática do Tênis de Mesa Adaptado na iniciação, tanto em ambientes formais (escolas), como em ambientes não-formais (clubes, academias, projetos de extensão) é possível a partir de simples modificações nas regras, bem como a ênfase no gesto eficaz, que antecede o gesto técnico perfeito. **Conclusão:** Esta concepção torna a prática possível para todos os alunos, não somente aqueles com deficiência, mas todos os outros que possam ter qualquer dificuldade motora que impeça a realização das técnicas tradicionais do Tênis de Mesa. Além disso, percebemos que para atingir o máximo de alunos, são opções possíveis para quem não tem acesso aos materiais oficiais, a utilização de: mesas de diferentes tipos, quanto ao material (madeira, plástico, metal) ou quanto a sua funcionalidade e tamanho (mesa de escritório, de lanche, de jantar, etc); materiais alternativos que assumam o papel da raquete (pedaços de papelão, chinelos, tampas de panelas, frigideiras etc.) e de rede (papelão, lenço, tabua, barbante etc.). Nessas condições o aluno com deficiência física pode jogar com outros alunos que estejam tanto sentados como em pé, alterando o nível de dificuldade das tarefas, o que contribui para a massificação e desenvolvimento da base do Tênis de Mesa Adaptado, assim como do Esporte Paraolímpico.

PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Extensão Universitária: caminho para a formação de estudantes de educação física da universidade federal da Paraíba para a atuação na natação paraolímpica

Elaine SOUTO. Prof^a Ms. do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba – adaptada_ufpb@hotmail.com

Introdução: A Universidade através da tríade ensino-pesquisa e extensão busca a aproximação da Instituição com a comunidade a qual esta inserida. É por meio da extensão que muitas pessoas com deficiência possuem o primeiro contato com o esporte paraolímpico e acadêmicos de educação física e áreas afins podem ampliar sua formação nesta área temática. **Objetivo:** Analisar por meio de depoimentos a importância da participação em projeto de extensão de natação para pessoas com deficiência física para a formação de estudantes de educação física da UFPB. **Metodologia:** Os depoimentos foram colhidos individualmente por meio de entrevista e a análise, sob a abordagem qualitativa. A amostra foi constituída por 5 estudantes, 3 do sexo feminino, e 2 do sexo masculino, com idade média de 34 anos, sendo 2 do curso de bacharelado, do segundo período e 3 do curso de licenciatura plena do quinto período. **Resultados:** Os resultados encontrados indicam que um dos principais motivos para inserir-se em um projeto de natação paraolímpica por estudantes de educação física esta na busca de oportunidade para vivenciar diretamente o contato com as pessoas com deficiência física na água com supervisão. Com o desenvolvimento das atividades passam a vislumbrar a possibilidade de sua atuação profissional como professores ou técnicos esportivos para esta população. **Conclusão:** A partir da análise desenvolvida, fica evidente a importância do contato direto do acadêmico com as pessoas com deficiência no esporte para a formação de mais profissionais aptos para trabalhar com o esporte paraolímpico.

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

O centro de reabilitação como importante celeiro de potenciais atletas paraolímpicos: Uma análise retrospectiva de 2005 até 2009

Daniel JOPPERT¹, Renata T. LESSA², Thiago NUNES³, Victor Hugo BASTOS⁴, Marco ORSINI⁵. ^{1,2,3} Fisioterapeutas da Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef), ⁴Professor Adjunto da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Diamantina – MG; ⁵Fisioterapeuta Doutorado em Neurologia|Neurociências – HUAP – UFF. Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos – Niterói /RJ.

Introdução: O centro de reabilitação (CR) apresenta grande importância para o deficiente físico, sendo assim, também para o paradesporto. Além promover contato com o mundo fora do eixo familiar, muitas vezes é no CR que uma criança tem suas primeiras experiências paradesportivas, como ocorre no Programa de Reabilitação Integrada (PRI) em andamento na Andef. **Objetivo:** Evidenciar como responsáveis e deficientes físicos estão em relação o conhecimento da possibilidade de uma criança/adolescente se tornar um atleta paraolímpico no futuro. **Material e Método:** Analisamos os dados anamnésicos de todos os pacientes avaliados no setor de pediatria da Andef, que não apresentavam déficit cognitivo grave, durante o período compreendido entre 01/2005 e 12/2009. **Resultados:** Das 403 avaliações, foi evidenciado que apenas 9,42% dos entrevistados tinham conhecimento que seu filho/a poderia se tornar um atleta. Constatou-se aumento de 84,94% no conhecimento populacional de suas possibilidades entre os anos de 2005 e 2009 (de 7,57% para 14%). **Discussão:** A falta de informação e o reduzido número de entidades com capacidade de promover a inserção precoce no paradesporto ainda são os grandes limitadores para o processo de captação de novos talentos. **Conclusão:** A criação de novos CR especializados em desporto adaptado parece uma forma de fortalecer o paradesporto nacional, visto que, atuando efetivamente desde os contatos iniciais com a deficiência, pais, responsáveis e as próprias crianças deficientes, torna possível e mais fácil instituir idéias e valores.

Tabela 1- As informações sobre a possibilidade do deficiente se tornar um atleta foi organizada da seguinte forma: Total de avaliações realizadas no setor de pediatria da Andef entre 2005 e 2009, Distribuição absoluta por faixa etária anual acumulada no período (Total absoluto por faixa etária no período), Representação percentual relativo a frequência absoluta a cada ano, e, Percentual médio final.

Quantidade de Responsáveis / Pacientes que sabiam que um deficiente físico pode se tornar um atleta paraolímpico							
ANO	Total de Aval.	0 à 5 anos	6 à 10 anos	11 à 15 anos	16 à 18 anos	Total anual	Representação %
2005	66	1 de 12	1 de 22	1 de 18	2 de 14	5	7,57
2006	72	0 de 15	1 de 26	2 de 23	1 de 8	4	5,55
2007	101	0 de 21	2 de 29	3 de 39	4 de 12	9	8,91
2008	82	1 de 17	1 de 24	2 de 28	4 de 13	8	9,75
2009	82	2 de 19	3 de 25	4 de 24	3 de 14	12	14,0
Total período	403	4	8	12	14	38	9,42

Programa Segundo Tempo: oportunidade para a prática de Esportes Paraolímpicos

Alexandre Carriconde MARQUES¹, Angélica Xavier KALINOSKI¹, Laura Garcia JUNG¹. ¹Universidade Federal de Pelotas – Escola Superior de Educação Física. e-mail: amcarriconde@hotmail.com

Introdução: O Programa Segundo Tempo (PST) do Ministério do Esporte, visa democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte, de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida. O programa tem como público-alvo crianças e jovens expostos aos riscos sociais, entre elas as pessoas com deficiência.

Objetivo: Identificar a prevalência de crianças e jovens com deficiência física e visual que participam de atividades esportivas no PST. **Metodologia:** Foi desenvolvido um estudo epidemiológico descritivo, que teve como população de estudo as crianças e jovens com idades entre sete e 17 anos que participam dos núcleos padrões do PST em todo o país. A abordagem foi feita mediante um questionário on-line enviado aos coordenadores de núcleo, os quais responderam sobre a participação das crianças e jovens com deficiência em seus núcleos. O questionário foi enviado por e-mail (Google Docs) com três dimensões de avaliação: dados de identificação, características sobre os alunos com deficiência e análise do ambiente das atividades e recursos humanos. **Resultados:** A amostra foi constituída pelas cinco regiões do país, das quais estão representadas por 20 estados e 249 cidades. Foram estudados 35 convênios com 532 núcleos, que atendem a 52.720 crianças e jovens. Dos 532 núcleos estudados, 102 atendem crianças e jovens com algum tipo de deficiências, com uma prevalência de 0,9% (n=460). Desse total, 40% das crianças e jovens tem deficiência física (n=132) e deficiência visual (n=52). Na opinião dos coordenadores, sobre percepção dos alunos sem deficiência quanto à participação dos seus colegas com deficiência nas atividades do PST, observou-se que 63% (n=138) aceitam sem restrições. Verificou-se que 32,1% (n=174) dos coordenadores de núcleos não se sentem capacitados para trabalhar com crianças e jovens com deficiência. Quanto à infra-estrutura dos núcleos onde são realizadas as atividades, observou-se que 54,8% (n=274) dos coordenadores entendem como adequada. Quanto à participação da comunidade no processo inclusivo, 55,1% (n=199) dos coordenadores, relatam a participação da mesma no programa. 33,7% (n=197) dos coordenadores relataram falta de qualificação profissional. Ao serem questionados sobre quais as causas da falta de pessoas com deficiência no PST, o preconceito e a super-proteção por parte dos pais (40,7%) foram as barreiras mais citadas. **Conclusões:** Observa-se que a prevalência de crianças e jovens é baixa em um programa que atende mais de um milhão de crianças. Torna-se necessário uma política de esportes voltada à criança desde o ambiente escolar, que fomente o desenvolvimento de uma consciência esportiva. Em razão disso, deve-se urgentemente investir na qualificação dos profissionais que atuam na base, esclarecer a família e a sociedade sobre os benefícios do esporte, criando uma cultura que oportunize a participação esportiva. A manutenção do PST e a criação de novos programas poderão oportunizar o surgimento de novos atletas que deverão representar o Brasil, nos jogos Paraolímpicos de 2016.

Proposta de inserção dos recursos da Educação Física Adaptada e dos Esportes Paraolímpicos em conteúdos curriculares das diferentes disciplinas ministradas na graduação de Educação Física

Deborah L. G. CIARLA¹, Márcia S. CAMPEÃO², DEFD/UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil. ¹Aluna do Curso de Educação Física, UFRRJ. ²Prof^a do Departamento de Educação Física e Desportos, UFRRJ de Educação Física Adaptada. bellahshirra13@gmail.com

Introdução: A cultura brasileira ainda não convive com a prática do esporte paraolímpico. Para que este paradigma seja quebrado é preciso alcançar toda sociedade, a começar pelas escolas. Para tanto, as instituições que formam profissionais de educação física não deveriam se limitar a oferecer conhecimentos relacionados às pessoas com deficiência apenas em uma disciplina, Educação Física Adaptada. A presente proposta defende a necessidade de se ampliar estes conhecimentos, a partir da conscientização de todos os professores, de incluírem em suas práticas cotidianas, possibilidades para que o aluno deficiente seja parte integrante e participativo das atividades a serem desenvolvidas.

Objetivo: Refletir sobre a inserção dos recursos da Educação Física Adaptada e dos Esportes Paraolímpicos em conteúdos curriculares das diferentes disciplinas ministradas na graduação de Educação Física. **Metodologia:** Este trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa de observação reflexiva, que permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários. A observação teve início em março do corrente ano, e teve como foco, docentes de uma Instituição de Ensino Superior do curso de Licenciatura em Educação Física, que inserem em suas disciplinas, conteúdos curriculares relacionados às modalidades paraolímpicas - judô, basquetebol e futebol. As observações partem das atitudes, posições pessoais, sentimentos, impressões, surpresas e dúvidas sobre a proposta aplicada, tanto dos professores quanto dos alunos envolvidos. No âmbito geral, as principais atividades propostas foram no sentido de possibilitar aos alunos vivências e conhecimentos básicos das modalidades paraolímpicas relacionadas às suas disciplinas de origem, como o judô para cegos, basquete em cadeira de rodas, futebol de sete e futebol de cinco. **Resultados:** Criação e desenvolvimento de uma cultura paraolímpica através da mudança da concepção geral, de que deve caber a um único professor - professor de Educação Física Adaptada - o cargo exclusivo de abordar toda a temática que envolve as diferentes deficiências, suas classificações, suas limitações e possibilidades, a legislação de amparo e as atividades físicas e esportes adaptados. Neste contexto, a condição de deficiência é relacionada a todas as ações pedagógicas da Educação Física, ampliando também a profissionalização técnica para atuação, da formação de base até o alto rendimento. **Conclusão:** A inserção dos conteúdos da Educação Física e de esportes adaptados nas diferentes disciplinas do curso de graduação tende a acarretar melhor compreensão da condição de deficiência para o atendimento dos cidadãos sem nenhuma distinção, seja dentro das instituições escolares, nos centros de treinamento desportivo, clubes, escolinhas ou academias. A partir desse entendimento, possibilita-se um caminho para fomentar a educação esportiva dos brasileiros e dinamizar a relação da população com o esporte educacional para todos, de modo a oferecer meios a tornar o Brasil um país mais igualitário, seja para o deficiente ou não, com condições de acesso ao esporte, a saúde, o lazer e a qualidade de vida.

Resultados da intervenção de Equipe Multidisciplinar no desenvolvimento do projeto de Esportes Paraolímpicos

Alexandro Q. S. PEREIRA¹. ¹Clube Esportivo e Recreativo Santa Isabel - CERSI. coach_alexandro@hotmail.com

Introdução: O presente artigo descreve e proporciona uma reflexão do Projeto Santaisabel Paraolímpico que é desenvolvido há 5 anos no Clube Recreativo e Esportivo Santa Isabel de Novo Horizonte - SP nas modalidades Halterofilismo e Natação que conta com um trabalho de uma equipe multidisciplinar com os seguintes profissionais: Coordenador Técnico, Técnicos de Halterofilismo e Natação, Preparador e Avaliador Físico para ambas as modalidades, acompanhamento Fisioterápico e Nutricional. A função de cada um desses profissionais em sua área de atuação é proporcionar benefícios nas atividades diárias e de ganhos de valorização pessoal, autonomia e qualidade de vida, e como conseqüência, ótimos resultados no esporte. **Objetivo:** Demonstrar os resultados do trabalho multidisciplinar que tem como objetivo socializar e promover melhorias na vida desses indivíduos. **Metodologia:** Foram analisados os resultados quantitativos e qualitativos percebidos ao longo do desenvolvimento do projeto e foi realizada uma pesquisa que contou com a participação de 32 integrantes, dos quais todos praticam Halterofilismo e Natação no projeto Santaisabel Paraolímpico. Foi utilizado um questionário a cada participante contendo 15 questões referentes aos benefícios na inclusão social e 6 questões sobre qualidade de vida. A partir dos resultados encontrados, elaboramos tabelas comparativas referentes à porcentagem de cada resposta, com o objetivo de interpretar e avaliar os benefícios da prática do halterofilismo e natação aos PCDs. Os participantes foram divididos em grupos iniciantes, aperfeiçoamento e treinamento. **Resultados:** Na tabela 1 apresenta o número de participantes ao longo do projeto, na tabela 2 o número de medalhas conquistadas, dados que demonstram os resultados quantitativos. Os resultados da pesquisa representados nas tabelas 3 e 4 representam melhora da autoestima, maior independência e autonomia, aumento de potencialidades e diminuição de limitações, sucesso e superação de situações de frustração, redução de agressividade, melhora das condições organo-funcional, melhora na força, resistência e coordenação motora, diminuição das deficiências secundárias, manutenção da saúde e condição física sendo assim resultados qualitativos.

Tabela 1 - Numero de Participantes do Projeto

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Crianças/ Adolescentes	0	0	1	4	5	17
Adultos	1	3	7	10	11	12

Tabela 2 - Numero de Medalhas Conquistadas

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Medalhas	2	10	24	35	40	47

Tabela 3 - Percentual de respostas da pesquisa sobre Inclusão Social

Iniciantes					Aperfeiçoamento					Treinamento				
Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
50%	30%	20%	0%	0%	60%	30%	10%	0%	0%	70%	20%	10%	0%	0%

Tabela 4 - Percentual de respostas da pesquisa sobre Qualidade de Vida.

Iniciantes					Aperfeiçoamento					Treinamento				
Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
40%	30%	30%	0%	0%	50%	40%	10%	0%	0%	90%	10%	0%	0%	0%

CONCLUSÃO: A partir dos resultados quantitativos, qualitativos da pesquisa realizada, podemos perceber a importância dos benefícios da prática do Halterofilismo e Natação aos indivíduos PCDs. Embora o número de sujeitos entrevistados foi limitado, percebemos que existe uma percepção clara de todos os sujeitos com relação aos benefícios da prática das modalidades paraolímpicas. Constatamos que o tema da inclusão leva a uma nova discussão que pode até ser considerada primordial, mas que é pouco percebida por aqueles que não possuem deficiências física, visual ou intelectual.

Resumos da Área Temática:



Classificação Funcional em Esporte Paraolímpico

CONGRESSO
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Análise dos códigos com maior comprometimento nas categorias da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) dos atletas praticantes de Basquete Sobre Rodas

Danyelle F. S. BENATTI¹; Lara N. PEIXOTO¹; Fernanda C. MESSALI¹; Ana Cláudia S. FORTALEZA²; Eliane F. CHAGAS³. FCT/UNESP, Presidente Prudente, SP, Brasil. ¹Graduação em Fisioterapia. ²Pós-graduação/Mestrado em Fisioterapia. ³Profa. Dra. Do Departamento de Fisioterapia. dany_benatti@hotmail.com

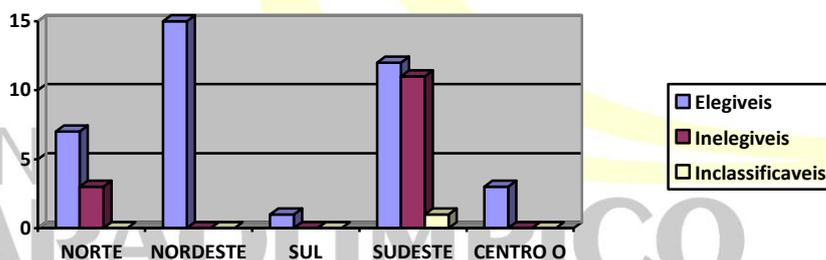
Introdução: A lesão medular ocorre devido à interrupção de estímulos nervosos que pode ser por trauma ou por causas não traumáticas. Após a lesão medular, ocorrem comprometimentos de atividades na vida da pessoa, afetando ou modificando sua qualidade de vida e causando impacto na sua participação social. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) possibilita enxergar a complexidade de atividades relacionada à lesão existente por codificar as situações de saúde e de temas relacionados qualificando os diferentes domínios da funcionalidade em quatro categorias: Funções do Corpo (FC); Estruturas do Corpo (EC); Atividades e Participação (AP) e Fatores Ambientais (FA). **Objetivo:** Verificar os códigos de maior comprometimento nas categorias da CIF em pessoas com lesão medular praticantes de basquete sobre rodas. **Metodologia:** Foram avaliados 60 indivíduos maiores de 18 anos com lesão medular de diferentes causas (poliomielite, traumas, tumores, mielites, degenerações), jogadores de basquete sobre rodas, utilizando a Checklist da CIF. Foi analisado a somatória das porcentagens dos qualificadores 3 (problema grave) e 4 (problema completo) para cada categoria, com exceção da categoria de fatores ambientais, onde utilizou-se a somatória dos qualificadores -3 (barreira grave) e -4 (barreira completa). **Resultados:** Na categoria FC, dos 14 códigos avaliados, apenas 3 apresentaram maior comprometimento, sendo eles os códigos de mobilidade das articulações (b710) apresentando somatória de 43,3%, força muscular (b730) com 48,3% e movimentos involuntários (b735) com 46,7%. Na categoria EC, dos 13 códigos avaliados, 4 apresentaram porcentagem significativa, são eles medula espinhal e nervos periféricos (S120) com 55%, extremidade inferior (s750) com 56,7%, pelve (s740) e tronco (s760) que apresentaram somatória de 20% cada. Na categoria AP apenas um código dos 23 avaliados apresentou maior comprometimento, o andar (d450) com somatória de 46,7%. Já na categoria FA a somatória das porcentagens de maiores comprometimentos não foram muito significativas, sendo a maior de 28,3% para o código produtos e tecnologia usados em projeto, arquitetura e construção de edifícios para uso público (e150), e somatórias entre 10 e 25% para os códigos de serviços, sistemas e políticas, que somam 8 dos 21 códigos desta categoria. **Conclusão:** Após a lesão medular, as pessoas podem ter suas atividades funcionais alteradas, devido ao comprometimento físico, isso se deve, muitas vezes, ao fato de que as modificações provocadas pela lesão não poderem ser revertidas, o que modifica bastante a qualidade e a capacidade de execução das atividades funcionais diárias o que acaba necessitando fazer adaptações e mudanças. No presente estudo, verificou-se um maior comprometimento nas categorias EC, FC e no código que se refere ao andar da categoria AP, o que é esperado pela população em estudo. Já em fatores ambientais, compareceram barreiras que se referem a qualquer produto, instrumento, equipamento ou tecnologia adaptado ou especialmente projetado para melhorar a funcionalidade de uma pessoa incapacitada, porém não foi um percentual em maior destaque juntamente com políticas públicas.

Análise quantitativa de atletas inelegíveis e inclassificáveis das Paraolimpíadas Escolares classificados em 2009 e 2010

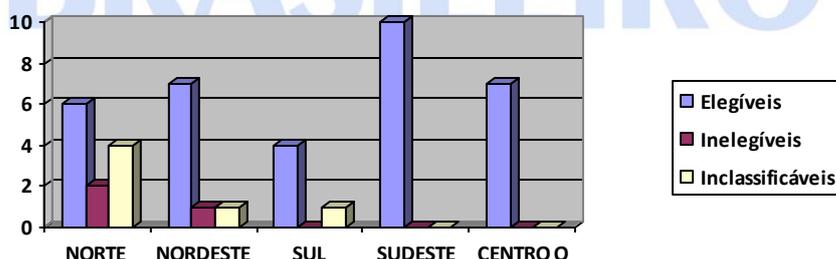
Guillermo Sanchis GRITSCH¹, Heloísa Stangier P. BARBOSA¹, ²Classificador Funcional da Natação – CPB. guisanchis@hotmail.com

Introdução: Evento que reúne a base do Esporte Paraolímpico, as Paraolimpíadas Escolares foram criadas em 2006, com a modalidade de natação incluída desde sua primeira edição, da qual participam atletas com deficiências motoras, visuais e intelectuais. Todo atleta que participa pela primeira vez de competição paraolímpica deve ser classificado e recebe sua classe. **Objetivo:** Levantar a quantidade, por região, do número de atletas inscritos nas Paraolimpíadas Escolares nas edições 2009/ 2010 que não puderam participar por serem classificados como inelegíveis (aquele que não perde a pontuação mínima exigida pelo Sistema de Classificação Funcional da Natação) ou como inclassificáveis (aquele que não tem autonomia nem segurança no seu deslocamento na  gua). **Metodologia:** A amostra foi constituída de 84 atletas praticantes de natação nas Paraolimpíadas Escolares 2009/ 2010 com deficiências motoras (44 indivíduos do sexo masculino e 40 do sexo feminino) e que passaram pela banca de classificação funcional. Os dados analisados foram obtidos a partir do questionário de anamnese da ficha de classificação, dos testes clínicos realizados por classificadores clínicos e dos testes na piscina aplicados por classificadores técnicos. **Resultados:** Os resultados são apresentados nos gráficos que expressam a diferença, por região, nestes dois eventos do número de atletas elegíveis, inelegíveis e os inclassificáveis.

Resultado Final Classificação 2009



Resultado Final Classificação 2010



Conclusão: Podemos concluir que mesmo com o quantitativo total de atletas classificados em cada uma das duas edições ser próximo   significativo o aumento dos atletas inclassificáveis.   significativa também a incidência de maior número de atletas inclassificáveis na região norte, assim como o número de atletas inelegíveis, que em um evento nacional é um dado que não pode ser ignorado. Estes resultados apresentados poderão servir como referência para as autoridades, professores das universidades, treinadores e preparadores físicos que trabalham com a natação paraolímpica para melhor orientar seus estudos, suas práticas e seus treinamentos.

Avaliação dos atletas praticantes de Basquete Sobre Rodas utilizando a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF)

Lara N. PEIXOTO¹; Fernanda C. MESSALI¹; Danyelle F. S. BENATTI¹; Ana Claudia S. FORTALEZA²; Eliane F. CHAGAS³. FCT/UNESP, Presidente Prudente, SP, Brasil. ¹Graduação em Fisioterapia. ²Pós-graduação/Mestrado em Fisioterapia. ³Profa. Dra. Do Departamento de Fisioterapia. larinha-peixoto@hotmail.com.

Introdução: A lesão medular pode ser decorrente de uma lesão traumática ou não e resulta em um comprometimento temporário ou permanente das funções. A Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde (CIF) possibilita avaliar aspectos da vida das pessoas além da lesão ou da doença, trazendo informações sobre a deficiência e habilidades funcionais em diferentes domínios. **Objetivo:** Avaliar pessoas com lesão medular praticantes do basquete sobre rodas nas categorias de Funções do Corpo, Estruturas do Corpo e Atividades e Participação. **Metodologia:** Foram avaliados 60 indivíduos maiores de 18 anos com lesão medular de diferentes causas (poliomielite, traumas, tumores, mielites, degenerações), jogadores de basquetebol sobre rodas, utilizando a Checklist da CIF que é composta pelas categorias: Funções do Corpo (FC); Estruturas do Corpo (EC); Atividades e Participação (AP) e Fatores Ambientais (FA), sendo a última excluída deste estudo. Para análise, foi realizada a média dos qualificadores para cada indivíduo em cada categoria (FC/EC/AP) e distribuídos os percentuais de acordo com os intervalos referentes aos comprometimentos determinados pelos qualificadores. **Resultados:** Cada categoria possui códigos que foram classificados em qualificadores que vão de 0 a 4 (sendo o 0= nenhum problema, 1= problema leve, 2= moderado, 3= grave e 4= problema completo). Os resultados estão descritos na tabela a seguir:

Funções do Corpo		Estrutura do Corpo		Atividade e Participação	
Média de qualificadores	Porcentagem de indivíduos	Média de qualificadores	Porcentagem de indivíduos	Média de qualificadores	Porcentagem de indivíduos
0	1,7%	0	3,3%	0	16,7%
0 – 1	61,6%	0 – 1	78,4%	0 – 1	83,3%
1 – 2	35%	1 – 2	18,3%	1 – 2	0%
2 – 3	1,7%	2 – 3	0%	2 – 3	0%
3 – 4	0%	3 – 4	0%	3 – 4	0%

Porcentagem de indivíduos por grupos de média de qualificadores dos códigos de cada categoria.

Conclusão: Nas categorias analisadas nesta pesquisa, nota-se que os atletas avaliados apresentaram comprometimentos leves, observando que a maior porcentagem de indivíduos encontra-se entre os qualificadores 0 e 1, apresentando nenhum ou leve problema. Ressalta-se um comprometimento moderado nas funções e na estrutura do corpo. Na atividade e participação inclui 23 códigos referentes à mobilidade, transporte, cuidados pessoais e atividades em casa caracterizando uma amplitude de participação nestas atividades. A prática desportiva pode estar relacionada com o melhor desempenho, no entanto, nesse estudo ainda não foi possível a coleta de dados com pessoas não praticantes de esporte para análise dessa hipótese. De toda forma, o uso da CIF possibilitou uma visualização geral da lesão e a análise de informações sobre a deficiência e habilidades funcionais em diferentes domínios fornecendo um amplo diagnóstico situacional que poderá subsidiar outros estudos, ações de técnicos e profissionais da área de reabilitação.

Classificação internacional de funcionalidade no domínio de atividades e participação dos atletas do "Torneio Regional de São Paulo Basquete em Cadeira de Rodas"

Fernanda C. MESSALI¹; Danyelle F. S. BENATTI¹; Lara N. PEIXOTO¹; Ana Cláudia S. FORTALEZA²; Eliane F. CHAGAS³. FCT/UNESP, Presidente Prudente, SP, Brasil. ¹Graduação em Fisioterapia. ²Pós-graduação/Mestrado em Fisioterapia. ³Prfa. Dra. Do Departamento de Fisioterapia. feffe_messali@hotmail.com

Introdução: A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) é abrangente e possibilita levantar dados além da doença ou da lesão, coletando informações sobre a deficiência e sobre as habilidades funcionais em diferentes domínios. A lesão medular é uma alteração na função e estrutura do corpo e compromete áreas ligadas a atividades da vida e de participação social. A Classificação Funcional é utilizada no desporto adaptado para avaliar o potencial funcional do atleta e, no basquete sobre rodas, possui classes de 1.0 a 4.5. **Objetivo:** Avaliar pessoas com lesão medular praticantes do basquete sobre rodas e seu desempenho no domínio de atividades e participação. **Metodologia:** Foram avaliados 60 indivíduos maiores de 18 anos com lesão medular de diferentes causas (poliomielite, traumas, tumores, mielites, degenerações), jogadores de basquetebol sobre rodas. Foi utilizado a Checklist da CIF para analisar o domínio de atividade e participação, uma ficha de identificação com dados pessoais e a classificação funcional. A avaliação foi realizada de forma direta e em um único encontro. **Resultados:** A média de idade foi $32,7 \pm 8,3$ anos. Em relação à classificação funcional, 13 indivíduos apresentavam classe 1.0, 8 apresentavam classe 1.5, 14 na classe 2.0, 9 na classe 2.5, 4 nas classes 3.0 e 3.5, 6 na classe 4.0 e 2 indivíduos na classe 4.5. Os resultados estão a seguir, contendo somente os códigos com algum comprometimento:

Domínios de Atividades e participação					
	0	1	2	3	4
Levantar e carregar objetos	78,3%	8,3%	1,7%	5%	6,7%
Andar	36,7%	1,7%	15%	5%	41,7%
Deslocar-se com equipamentos	95%	3,3%	0%	0%	1,7%
Utilização de transportes	85%	10%	3,3%	1,7%	0,0%
Dirigir	91,7%	3,3%	0	0%	5,0%
Aquisição de bens e serviços	96,7%	0,0%	3,3	0%	0,0%
Preparação de refeições	96,7%	3,3%	0	0%	0,0%
Trabalho remunerado	88,3%	5,0%	3,3	0%	3,3%
Direitos Humanos	91,7%	1,7%	5	0%	1,7%

0= nenhum problema; 1= leve; 2= moderado; 3= grave; 4= completo

Conclusão: Considerar as diferentes dimensões da vida da pessoa tem sido uma preocupação atual na área do desporto adaptado com o intuito de verificar, compreender, observar e nortear as ações dos profissionais no atendimento dessas pessoas. No domínio analisado nesta pesquisa, foi possível observar que o maior grau de comprometimento está nos códigos que se referem à mobilidade, o que é esperado para essa população. No entanto, nos outros códigos, a maioria das pessoas apresentou nenhum ou comprometimento leve, o que provavelmente possa ter relação com a prática desportiva.

Identificação das funções dos jogadores de Rúgbi em Cadeira de rodas durante o jogo e sua relação com a Classificação Funcional

Jeniffer L. CAMPOS¹, Karine J. SARRO¹, Ricardo M. L. de BARROS². ¹Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. ²Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. kuxaj@yahoo.com.br

Introdução: Rúgbi em cadeiras de rodas é um esporte para atletas com afecções nos quatro membros e integra o programa olímpico desde os Jogos de Sydney, em 2000. Os atletas recebem uma classificação funcional de acordo com o nível de comprometimento (0,5 a 3,5), para garantir a equidade competitiva (IWRF, 2008). O Manual de Classificação da IWRF (2008) apresenta um quadro com exemplos/sugestões das características funcionais dos jogadores observáveis em quadra de acordo com o nível de comprometimento para auxiliar os classificadores em treinamento. **Objetivo:** Identificar as funções em quadra dos jogadores de rúgbi em cadeira de rodas e se estas têm relação com a classificação funcional dos mesmos. **Metodologia:** Foi realizado o *skout* manual a partir das imagens de 2 jogos do II Campeonato Brasileiro de Rúgbi em Cadeira de Rodas, levando em consideração as ações de bloqueio (B), condução (C), passe (P), recepção (R) e saída de bola (S). Os jogadores que jogaram no mínimo 8 minutos ($n=18$) foram divididos em 3 grupos de acordo com sua classificação: grupo I (0,5-1,5), grupo II (2,0-2,5) e grupo III (3,0-3,5). Após a identificação das ações, estas foram normalizadas pelo tempo (n° de ações/segundo) jogado por cada jogador e confrontadas com os níveis de classificação dos mesmos. Foi utilizado o teste de *Friedman* para caracterizar as ações prevalentes dentro de cada grupo (*post-hoc Student-Newman-keuls*), sendo adotado para a análise o *SigmaStat* 3.5 e $p<0,05$. **Resultados:** As porcentagens das ações dos jogadores dentro de cada grupo estão descritas na tabela 1. Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre as ações executadas pelos grupos II ($p=0,079$) e III ($p=0,058$). Já no grupo I existe diferença entre as ações dos jogadores ($p=0,001$).

Tabela 1: Porcentagem das ações dos jogadores de rúgbi em cadeira de rodas

GRUPOS	B	P	C	S	R
I	55,32*	14,54*	4,99	7,92	17,47*
II	29,97	14,72	19,33	11,50	24,49
III	21,15	16,35	19,78	15,43	27,28

* $p\leq 0,05$.

No grupo I, a ação de bloqueio foi estatisticamente maior que as demais e as ações de recepção e passe foram maiores que as de condução e saída.

Conclusão: Podemos concluir que os jogadores dos grupos II e III exercem todas as ações dentro de quadra de forma semelhante, visto que não foi encontrada diferença significativa entre as ações dentro do grupo. Assim como sugerido pelo Manual de Classificação da IWRF (2008), os jogadores do grupo I exercem mais a função de bloqueio do que as demais funções. Além disso, exercem mais as funções de passe e recepção do que de condução e saída, apesar de ser esperado o contrário. Um estudo com uma amostra maior se faz necessário, para melhor caracterização das funções dos jogadores dentro das sete categorias de classificação do rúgbi em cadeira de rodas.

Levantamento dos tipos de deficiência e Classificação Funcional do Atletismo no Brasil

João Paulo C. SOUZA¹, Patrícia S. FREITAS², Rita C. MONTELLI³. Classificador Funcional Nacional de Atletismo¹, Chefe de Classificação de Atletismo³, Coordenadora de Classificação Funcional². Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB. jaoeduca@gmail.com

Introdução: A Classificação Funcional é utilizada em todas as modalidades esportivas para pessoas com deficiência física com o intuito de avaliar a potencialidade do atleta separando-os em classes, podendo assim estabelecer uma competição mais justa. Este estudo pode subsidiar o trabalho dos profissionais da área (árbitros, classificadores, organizadores entre outros) podendo estruturar a organização para realização de competições, dar suporte técnico e formação pessoal de acordo com as necessidades de cada região, assim como buscar outras investigações científicas. **Objetivo:** Realizar um levantamento dos tipos de deficiência e classificação funcional de cada região do país. **Metodologia:** A amostra foi constituída de 243 atletas sem distinção de gênero, todos praticantes da modalidade do atletismo nas mais diversas provas. As informações foram colhidas pela equipe de Classificação Funcional do CPB - Comitê Paraolímpico Brasileiro durante a Classificação Funcional realizada nas 3 etapas regionais do Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico 2010. A avaliação foi realizada a partir de dados contidos na ficha oficial dos classificadores que continham dados pessoais, tipos de deficiência, testes realizados e classe determinada. Foram realizados dois levantamentos: Tipo de deficiência e Classificação Funcional. **Resultados:** Os resultados estão nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1. Levantamento em Percentual dos Tipos de Deficiência no Brasil

Regiões	N	Percentual	LM	POLIO	PC	AMP	ACO	OUTROS	Total
			%	%	%	%	%	%	%
Norte-Nordeste	97	39,9	12,3	45,4	9,3	12,4	0	20,6	100
Centro-Leste	61	25,1	22,9	22,9	21,4	8,2	3,2	21,4	100
Centro-Sul	85	35,0	28,3	18,8	15,3	14,2	1,1	22,3	100
Total	243	100							

Legenda: N = número absoluto de atletas; LM= Lesão Medular; POLIO= Poliomielite; AMP= Amputados e ACO= acondroplasia.

Tabela 2. Levantamento em Percentual das Classificações Funcionais no Brasil

Regiões	N	Percentual	CF31 A 38	CF40	CF42 A 46	CF51 a 58	Total
			%	%	%	%	%
Norte-Nordeste	97	39,9	11,3	0	13,4	75,3	100
Centro-Leste	61	25,1	26,3	3,3	18	52,4	100
Centro-Sul	85	35,0	23,5	1,1	15,2	60,2	100
Total	243	100					

Conclusão: Verificou-se que o maior percentual de deficiência na região norte-nordeste foi de poliomielite, na região centro-sul, destaca-se as lesões medulares e na centro-leste, houve distribuição semelhante entre as deficiências investigadas. Em todas as 3 regiões, as amputações e acondroplasia foram em menor percentual. Em relação a Classificação Funcional, as Classes 50 tiveram um percentual bem elevado em relação as outras em todas as regiões.

Mapeamento da classificação esportiva de atletas de Goalball: um estudo do mundial de *Sheffield* 2010

Alessandro TOSIM¹, José Júlio Gavião de ALMEIDA². ¹CPB, UNIARARAS, UNIANCHIETA, ²CPB, UNICAMP alessandrotosin@hotmail.com

Introdução: O Goalball é um esporte coletivo, sem invasão territorial, criado com o intuito de reabilitar soldados que ficaram lesionados do órgão da visão no período de guerra. Diferente da maioria dos esportes paraolímpicos que foram adaptados o goalball é um esporte convencional. No esporte para pessoas com deficiência visual emprega-se uma classificação esportiva internacional e que é respeitada em todas as competições de que participam essa população, sendo dividida em três categorias: B1, B2 e B3. Todos os atletas são diferenciados pela letra B (Blind = cego), enquanto o número representa o grau da perda da visão, quanto menor o número, maior a perda da visão.

Objetivo: Assim, este trabalho teve por objetivo mapear a classificação esportiva dos atletas participantes do último campeonato mundial realizado em *Sheffield* - Inglaterra em junho de 2010.

Métodos: Apresenta características qualitativas com pesquisa de campo. Para pesquisa de campo utilizamos a pesquisa documental por meio do manual entregue no Congresso Técnico da modalidade que apresenta a classificação esportiva de todos os atletas participantes do evento.

Resultados: Participaram da pesquisa 28 equipes representando 23 países, divididos em 16 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Das equipes masculinas participaram 93 atletas sendo que 25,81% foram classificados como B1, 40,86% como B2 e 33,33% como B3. Para as equipes femininas participaram 65 atletas sendo que 12,30% foram classificados como B1, 36,92% como B2 e 50,76% como B3.

Conclusões: Concluímos que a incidência de atletas classificadas como B1 está em menor número em ambas as categorias, masculino e feminino. A maior incidência de participação concentra-se em atletas com baixa visão, classificados como B2 e B3.

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Participação de nadadores de classificação baixa nos Jogos Escolares Paraolímpicos 2009/2010 e nos Jogos Aquáticos do Ceará 2010

Raissa Forte Pires CUNHA¹, Camila Amaral Martins NUNES², Heloisa Strangier Pires BARBOSA³.
¹Autora principal e graduanda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, ²Co-autora e graduanda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, ³Orientadora Especialista pela UNIFOR e UPE E-mail: raissaforte@bol.com.br

Introdução: O ingresso de pessoas com deficiência no esporte acontece por causa, principalmente, da reabilitação (recomendação médica) e da oportunidade de engajamento social com pares sob as mesmas condições (MAUERBERG-DECASTRO, 2005). A Natação Paraolímpica é uma modalidade com grande representatividade em âmbito nacional. Nas competições é levado em consideração os graus de deficiência de cada atleta. Para a classificação é usada a letra S (nados livre, costas e borboleta), SM (quatro estilos) e a SB (nado peito). A classificação funcional tem como objetivo assegurar a competição justa e eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade para as mais severas desabilidades (GUTTMANN, 1976). Consideramos nesse estudo, S1, S2, S3 e S4 como classes baixas, levando em conta a pouca eficiência de membros inferiores. **Objetivos:** Analisar a participação de atletas de classificação baixa que participaram dos Jogos Escolares Paraolímpicos (JPE) em 2009 e 2010 onde tinha atletas do Brasil todo e aconteceram em São Paulo; e na Natação Paraolímpica dos Jogos Aquáticos do Ceará (JACE) em 2010. **Metodologia:** A amostra foi constituída de 160 atletas de ambos os sexos praticantes de natação que passaram pela classificação funcional nas competições. Os dados foram obtidos a partir do balizamento, ficha de classificação, dos testes clínicos e dos testes de piscina aplicados por classificadores técnicos. **Resultados:** Foram apresentados na tabela abaixo os resultados, onde podemos observar uma diferença significativa da participação de atletas das classes baixas comparado com a presença dos demais atletas em competições do Ceará e em São Paulo, esta concentrando atletas de todo o país.

	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	Total
JPE											
2009	3	0	1	0	1	8	9	12	24	14	72
JPE											
2010	2	1	0	0	5	7	9	13	23	17	77
JACE											
2010	0	0	0	0	3	1	2	1	2	1	11

Conclusão: Percebemos a participação de poucos atletas abaixo das classes S5. Este estudo não investigou a razão deste pequeno número de participantes de classificação baixa nas competições. A análise desses resultados apontam para que seja observado e discutidos nos demais estados as estratégias que poderão ser usadas para o aumento deste número e incentivar a participação de atletas de classes baixas em competições, visando uma maior representatividade dessas destes em competições.

Relação entre classificação funcional e sprint de 20m de jogadores de Basquete em Cadeira de Rodas

Mauro A. GUERRA JUNIOR¹, Vinicius M. NUNES², Bernardo M. F. PEREIRA², Martoni M. SAMPAIO¹, Karine J. SARRO². ¹Centro de Reabilitação Física do Estado do Espírito Santo, Vila Velha/ES, ²Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. guerrajr81@hotmail.com

Introdução: A relação da classificação funcional e o desempenho de atletas paraolímpicos vêm se tornando objeto de análise de diversos pesquisadores. A velocidade de sprint em quadra é um importante aspecto do desempenho físico de qualquer atleta. **Objetivo:** Relacionar a classificação funcional de jogadores de basquete em cadeira de rodas com o sprint de 20 metros. **Metodologia:** A amostra foi constituída de 8 atletas do sexo masculino e 11 do sexo feminino da modalidade de basquete em cadeira de rodas, divididos em 4 grupos de acordo com a classificação funcional (GI: 1 a 1,5, GII: 2 a 2,5, GIII: 3 a 3,5, GIV: 4 a 4,5). O teste foi composto por 3 sprints máximos de 20 metros na quadra de jogo, sendo analisado apenas o melhor sprint de cada atleta. A aquisição da imagem foi realizada por uma câmera JVC EVERIO GZ-HD500 (60 Hz) paralela ao atleta. O software Dvideo 6.02 foi utilizado para obtenção do tempo das imagens, o número de toques, tempo do toque na cadeira. Foi a velocidade média, a cada 5 metros. Os dados foram tratados através de análises estatísticas de natureza descritiva (média e desvio padrão) e inferencial, utilizando a correlação de Spearman para correlacionar as variáveis e o Teste de Friedman seguido do post hoc de Student-Newman-Keuls ($p < 0,05$) para as demais análises. Para isso foi utilizado o software SigmaStat 3.5. **Resultados:** Não houve correlação entre a classificação funcional e velocidade média entre os trechos (S1= 0,19; S2= 0,18; S3= 0,18; S4= 0,18). Os demais resultados estão apresentados na tabela 1. Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Entretanto, houve diferença estatística entre os trechos.

Tabela 1: Dados da velocidade média, tempo do toque médio e média do número de toques de jogadores de basquete em cadeira de rodas durante sprint de 20 metros. Valores expressos como média (desvio padrão).

Grupo	TP (anos)	S1			S2			S3			S4		
		VM* (m/s)	TT** (s)	NT**	VM* (m/s)	TT** (s)	NT**	VM* (m/s)	TT** (s)	NT**	VM* (m/s)	TT** (s)	NT**
GI (n=6)	5,83 (2,04)	1,61 (0,15)	0,36 (0,05)	5,00 (0,63)	3,03 (0,28)	0,18 (0,03)	3,83 (0,41)	3,35 (0,36)	0,16 (0,03)	3,50 (0,55)	3,52 (0,40)	0,15 (0,03)	3,00 (1,10)
GII (n=4)	4,75 (3,86)	1,75 (0,18)	0,38 (0,11)	5,00 (0,82)	3,35 (0,18)	0,18 (0,02)	3,00 (0,00)	3,82 (0,31)	0,017 (0,02)	2,75 (0,50)	4,07 (0,36)	0,15 (0,02)	1,75 (0,96)
GIII (n=4)	5,25 (3,30)	1,79 (0,19)	0,41 (0,02)	4,25 (0,50)	3,47 (0,46)	0,17 (0,03)	3,50 (0,58)	3,86 (0,46)	0,15 (0,03)	3,25 (0,50)	4,09 (0,50)	0,15 (0,04)	2,25 (0,96)
GIV (n=5)	2,20 (1,78)	1,72 (0,20)	0,37 (0,05)	4,60 (0,55)	3,28 (0,51)	0,16 (0,03)	3,60 (0,55)	3,63 (0,54)	0,15 (0,02)	2,80 (0,45)	3,79 (0,52)	0,13 (0,02)	2,40 (0,55)

TP = Tempo de prática; VM = Velocidade média; TT = Tempo do toque; NT = Número de toques; S= Espaço percorrido nos trechos de 0 a 5 metros (S1), 5 a10 metros (S2), 10 a 15 metros (S3) e 15 a 20 metros (S4), respectivamente.*Diferenças significativas entre todos os trechos. ** Diferenças significativas entre S1, e os demais trechos ($p < 0,05$).

Conclusão: Podemos concluir que a classificação funcional não interferiu nas variáveis analisadas durante o sprint de 20 metros, não havendo diferença significativa entre os grupos para nenhum trecho. Os resultados demonstram também que as variáveis analisadas respondem de forma similar nos distintos trechos, independente da classificação funcional.

Índice de autores

- Ademir DE MARCO, 43
 Adriana C. DIETRICH, 22
 Alberto Martins da Costa, 15
 Alessandro TOSIM, 80
 Alexandre Carriconde MARQUES, 52, 70
 Alexandre Evangelista do CARMO, 56
 Alexandre GARRAFA, 22
 Alexandre MOTA, 39
 Alexandre Q. S. PEREIRA, 72
 Aline BASSO, 58
 Aline SÁ, 58
 Allan James de Castro BUSSMANN, 62
 Allan Oliveira SANTOS, 28, 29
 Amauri RIBEIRO, 18
 Ana Carolina MAIA, 22
 Ana Claudia S. FORTALEZA, 74, 76, 77
 Andressa SILVA, 45
 Andressa SILVA, 31
 Andrew PARSONS, 4, 12
 Ângela Tavares PAES, 3, 46
 Anne Caroline Veríssimo dos SANTOS, 54
 Anselmo Athayde COSTA e SILVA, 28, 29, 30, 33, 34, 36, 38, 42, 44, 48
 Antonio Fernandes Santos do NASCIMENTO, 66
 Antonio José GRANDE, 63
 Benedito Sergio DENADAI, 16
 Bernardo M. F. PEREIRA, 82
 Bruno César ROTOLY, 55
 Bruno da Silva dos SANTOS, 37
 Bruno R. R. OLIVEIRA, 51
 Caio Ferraz CRUZ, 57
 Camila Amaral Martins NUNES, 81
 Carlos Bandeira de Mello MONTEIRO, 37
 Carlos SIGMARINGA, 19
 Carolina D.C. TAKAHASHI, 49
 Caroline C. VENDITE, 49
 Celso Dario RAMOS, 28, 29
 Ciro Winckler de Oliveira FILHO, 27, 31, 40, 41, 45
 Colin Higgs, 13
 Cristiano CERQUEIRA, 32, 47, 51
 Daniel JOPPERT, 69
 Daniel Ribeiro da Silva, 55
 Danyelle F. S. BENATTI, 74, 76, 77
 Deborah L. G. CIARLA, 71
 Décio Roberto Calegari, 28, 29, 30
 Edison DUARTE, 34, 38, 39, 42, 44, 48
 Eduardo Mayr, 19
 Egberto G. de MOURA, 61
 Elaine Cappellazzo SOUTO, 62, 64
 Elaine SOUTO, 68
 Eliane F. CHAGAS, 74, 76, 77
 Elizabeth C. BIANCONI, 58
 Emilene ROSA, 22
 Erick F. Q. CONDE, 32, 47, 51
 Fellipe Augusto TEIXEIRA, 62
 Fermim R. SCHRAMM, 60
 Fernanda C. MESSALI, 74, 76, 77
 Fernanda G. QUIDIM, 58
 Fernando Rosch de FARIAS, 30
 Filipe Lopes BARBOZA, 66
 Flavia A. FIGUEIREDO, 61
 Flavia F. BEZERRA, 61
 Flávio A. P. de MELO, 59
 Gerson dos Santos LEITE, 31, 41, 45
 Gildson Guedes Moura JOSUÁ, 24
 Giovanna Carla INTERDONATO, 62, 64
 Glauco U. ANELLI, 58
 Guanís de Barros VILELA JUNIOR, 63
 Guilherme Luis Santana Luchesi, 55
 Guillermo S. GRITSCH, 22, 75
 Gustavo Maciel ABRANTES, 23
 Helder Costa Filho, 14
 Hélio SERASSUELO JÚNIOR, 62, 64
 Heloísa S. P. BARBOSA, 22, 75, 81
 Hênio F. Miranda, 53
 Hesojoy Gley Pereira da SILVA, 24
 Ingrid SALES, 67
 Ivan TAIAR, 31
 Jacqueline D. PENAFORT, 22
 Jacqueline M. PATATAS, 34, 38, 42, 44, 48
 Jaqueline Freitas de Oliveira NEIVA, 37
 Jeniffer L. CAMPOS, 78

- Joana Paula de BARROS, 37
 João A. BORGES, 35
 João B. AMORIM, 53
 João Paulo C. SOUZA, 79
 Jose Irineu GORLA, 16, 28, 29, 30, 33,
 34, 36, 38, 42,44, 48
 José Júlio Gavião ALMEIDA, 15, 26, 33,
 80
 José Paulo Sabadini de LIMA, 20
 Josely C. KOURY, 61
 Júlia M. D. GREVE, 46
 Júlia Zoccolaro DURIGAN, 64
 Juliana Astholfo LOPES, 64
 Juliana Landolfi MAIA, 25
 Juliana Viana PARIS, 25
 Karine J. SARRO, 78, 82
 Karine Jacon SARRO, 25
 Laís Arrivabene COELHO, 62, 64
 Lara N. PEIXOTO, 74, 76, 77
 Larissa D. VALE, 53
 Laura Garcia Jung, 52, 70
 Leandro M. da SILVEIRA, 32, 47, 51
 Leonardo Trevisan COSTA, 42
 Lia Carla Gordon LEME, 63
 Lia MOTA, 39
 Lucas CAVALHEIRO, 39
 Lucinar Jupior Forner FLORES, 30, 36
 Luis Antonio dos SANTOS, 56
 Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS,
 19, 28, 29,30, 33, 36, 42
 Luíz Gustavo de Souza PENA, 30, , 33,
 34, 36, 38
 Luis Gustavo Teixeira Fabricio dos
 SANTOS, 33, 34 , 36, 38, 44, 48
 Luiz Cláudio Locatelli VENTURA, 56
 Luiz Duarte de Ulhôa ROCHA JÚNIOR,
 23
 Luiz F. T. POLITO, 41
 Luiz Marcelo Ribeiro da LUZ, 49
 Magna C. F. PASSOS, 61
 Marcelo Borner de ARAÚJO, 24
 Marcelo de Castro HAIACHI, 54
 Marcelo MASSA, 57
 Marcia Cristina Moura FERNANDES, 24
 Márcia GREGUOL, 62, 64
 Márcia S. CAMPEÃO, 60, 71
 Marco CARDINALE, 13
 Marco ORSINI, 69
 Marco Túlio de MELLO, 16, 45
 Marcos Fernandes TEIXEIRA, 24
 Maria do Carmo Rossler Freitas, 43
 Maria Regina Ferreira Brandão, 41, 45
 Mariana MOURA, 37
 Mariana S. P. GOMES, 67
 Mariane Borges, 30
 Marília Passos MAGNO e SILVA, 36, 42
 Mario Renato de AZEVEDO JÚNIOR, 52
 Marlene A. MORENO, 25
 Martoni M. SAMPAIO, 82
 Mateus Betanho CAMPANA, 19
 Mauro A. GUERRA JUNIOR, 82
 Mayla Ferrari, Camila Mattos, 55
 Melina RADAELLI, 58
 Mey Abreu van MUNSTER, 58
 Michael Cary, 15
 Miriele Alvarenga MARCELO, 37, 57
 Miriele MARCELO
 Natacha Manchado Pereira, 28, 29, 30,
 42, 44, 48
 Natacha T. AZEVEDO, 22
 Natália Serra LOVATO, 64
 Neiza de L. F. FUMES, 59
 Otávio Luis P.C. FURTADO, 26
 Patrícia ROSSI, 58
 Patrícia Silvestre FREITAS, 14, 79
 Patrícia S. OLIVEIRA, 58
 Paulo M. S. DANTAS, 53
 Paulo Roberto BRANCATTI, 55
 Paulo Roberto Gardel KURKA, 43
 Peter VAN de VILLET, 14
 Rafael ARAUJO, 49
 Rafael Botelho GOUVEIA, 30, 33, 36
 Raissa Forte Pires CUNHA, 81
 Ramon P. SOUSA, 33
 Raquel Agnes Bello GRAÇA, 37
 Raquel Novas CABRERA, 28, 29
 Regina C. da Silva1, 46
 Renata T. LESSA, 69
 Ricardo M. L. de BARROS, 78
 Ricardo Machado Leite de BARROS, 25
 Rita C. MONTELLI, 79
 Roberto Itiro, 45
 Roberto ITIRO, 31
 Roberto Vital, 24, 31, 45, 53
 Rodrigo A. Barros, 27, 40
 Rodrigo D D'ALONSO, 41

Rodrigo F. MAGOSSO, 35
Rodrigo MESQUITA, 32
Rogério Brandão WICHI, 45
Rogério José Maria BORGES, 43, 63
Ronaldo Gonçalves de OLIVEIRA, 18
Ronnie PETERSON, 31, 45
Rute Estanislava TOLOCKA, 43, 63
Sileno SANTOS, 46
Simone S. GOMES, 41
Thiago NUNES, 22, 69

Tony M. SANTOS, 51
*Valber L. NAZARETH, 17, 34, 38, 39,
48*
Vanessa Rocha Zardini NAKAJIMA, 66
Vera I. BRÜCH, 53
Verena J. PEDRINELLI, 41
Victor Hugo BASTOS, 69
Vinicius M. NUNES, 82
Walkiria G. MORAES, 27, 40
Xavier IGLESIAS, 34, 38, 44, 48



CONGRESSO,
**PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO**

REALIZAÇÃO





Caderno do congresso
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO /
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

19 e 20 de Novembro de 2010
Centro de Convenções da UNICAMP
Campinas/SP

Congresso Paraolímpico Brasileiro

19 e 20 de Novembro de 2010

Promovido por:

Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB

Academia Paraolímpica Brasileira - APB

CONGRESSO,
Faculdade de Educação Física – FEF/UNICAMP
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

REALIZAÇÃO



Mensagem do Presidente do Congresso

Sejam bem vindos ao Congresso Paraolímpico Brasileiro!

Primeiramente agradecemos a todos os congressistas, profissionais, pesquisadores e estudantes com atuação no esporte, pela presença nesse evento científico que marca o início de uma fase acadêmica relacionada ao Esporte Paraolímpico no Brasil. O Congresso é promovido pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro por meio da Academia Paraolímpica Brasileira. A criação dessa Academia pelo atual presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, Sr. Andrew Parsons, é, sem dúvida, um marco significativo para o desenvolvimento do esporte paraolímpico em todas as suas vertentes e esse evento é uma das ações para que isso ocorra. Esse Congresso tem como objetivos: propiciar oportunidade para a reflexão sobre o desporto paraolímpico como um fenômeno da atualidade; valorizar a pesquisa e assegurar espaço de divulgação da produção científica na área do desporto paraolímpico; contemplar a inovação metodológica no desporto paraolímpico valorizando sua aplicação na sociedade; mediar à aproximação entre instituições de ensino superior comprometidas com a produção científica e órgãos dirigentes do desporto paraolímpico. Cabe lembrar que o objetivo maior é o de atualizar e abrir novas perspectivas de ação para os profissionais que atuam com os nossos atletas. Os temas escolhidos pela Comissão Científica: treinamento, classificação, avaliação e formação profissional serão expostos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de renome na área, e certamente trarão informações atualizadas e pertinentes. Os assuntos dizem respeito diretamente às ações necessárias para o desenvolvimento

do esporte. Três universidades são parceiras nesse evento científico: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG, e essas parcerias foram fundamentais para a realização do evento. Expressamos nossos agradecimentos a todos que diretamente contribuíram para a realização desse evento, à direção da Faculdade de Educação Física da Unicamp, na figura do Sr. Diretor prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo por disponibilizar as instalações da Faculdade e os funcionários que deram suporte administrativo ao evento, e particularmente aos profs. Drs. José Irineu Gorla, Ciro Winckler de Oliveira Filho e Patrícia Silvestre de Freitas da comissão organizadora do Congresso. Para nós é uma honra presidir esse primeiro Congresso, não só pela sua magnitude, pelo marco que representa para o Esporte Paraolímpico e para a Educação Física no Brasil, mas, sobretudo pela seriedade com que o Comitê Paraolímpico Brasileiro atua e tem atuado desde sua criação.

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Bom Congresso a todos!



Professor Doutor Edison Duarte
Presidente do congresso

ORGANIZAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Ciro Winckler de Oliveira Filho – UNIFESP/Santos

Patrícia Silvestre de Freitas– UFU

Andrew Parsons - Presidente de Honra do Congresso - Presidente CPB

Edison Duarte - Presidente do Congresso - FEF/UNICAMP

COMISSÃO ORGANIZADORA

Academia Paraolímpica – CPB

Faculdade de Educação Física – FEF/UNICAMP/SP

Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG

UNIFESP/SP

COMISSÃO CIENTÍFICA

Presidente - José Júlio Gavião de Almeida - FEF/UNICAMP

Edison Duarte - FEF/UNICAMP

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

Ciro Winckler de Oliveira Filho – UNIFESP/Santos

Marco Túlio de Mello – UNIFESP/

Patrícia Silvestre de Freitas – UFU/MG

COMISSÃO EXECUTIVA

Ademir De Marco

Anselmo de Athayde Costa e Silva

Beeroth de Souza
Blandine de Oliveira Cassins
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto
Emerson Teodorico Lopes
Fabio Bertapelli
Jaqueline Martins Patatas
Leonardo Trevisan Costa
Luís Filipe Mendonça Figueira
Luis Gustavo de Souza Pena
Luiz Gustavo Fabrício dos Santos
Maria Elisabeth Malagodi
Marília Magno
Natacha Manchado Pereira
Newton Homem de Mello Prado
Rafael Botelho Gouveia
Rafael Garcia Xavier da Silva
Ricardo Seixas Barbosa Maia
Selvino Frigo
Sinval dos Santos Carmo

CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Programação

.: 19/Nov – Centro de Convenções da UNICAMP

08h00 – **Inscrições e entrega de material** – Hall

08h30 – **Cerimônia de Abertura** – Auditórios 1 e 3

Fernando Ferreira Costa - Reitor da UNICAMP

Orlando Silva - Ministro de Esportes

Andrew Parsons - Presidente do CPB

Paulo Ferreira de Araújo - Diretor da FEF/UNICAMP

Edison Duarte – Presidente do Congresso – FEF/UNICAMP

Pedro Paulo Abreu Funari – Centro de Estudos Avançados/UNICAMP

09h00 – **Esporte Paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas** –
Palestra – Auditórios 1 e 3

Andrew Parsons – Presidente do CPB

Coordenação: Paulo César Montagner – FEF/UNICAMP

09h30 – **Classificação Funcional** - *Mesa Redonda* - Auditórios 1 e 3

Patrícia Freitas – UFU – CPB

Peter Van de Vliet - DM – IPC

Helder Costa Filho DV – CPB

Coordenação: *Ciro Winckler/UNIFESP/Santos*

11h30 – **Sessão de Pôster** - *Ginásio FEF*

Coordenação: *Comissão Científica*

12h30 – **Intervalo para almoço**

14h00 – **Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico** -
Mesa Redonda - Auditórios 1 e 3

Michael Cary – IPC Academy/Inglaterra

José Júlio Gavião – FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

Coordenação: *Edison Duarte – FEF/UNICAMP*

16h15 - **Coffee Break** - Hall

16h30 - **Palestras:**

1 - Treinamento em Esporte Paraolímpico - Auditório 1

Marco Cardinale - Itália

Coordenação: *Patrícia Silvestre de Freitas*

2 - Palestra: Formação de Novos Atletas - Auditório 3

Colin Higgs – Canadá

Coordenação: Roberto Vital

.: 20/Nov – FEF/UNICAMP

9h00 às 12h00 – **Minicursos:**

1 - Esgrima – Salão de Dança FEF

Válber Nazareth – Academia da Força Aérea – AFA/CPB

2 - Vôlei sentado – Quadra de tênis FEF

Ronaldo Gonçalves de Oliveira – ABVP

Amauri Ribeiro – ABVP

3 - Rúgbi - Ginásio FEF

Mateus Betanho Campana – FEF/UNICAMP

Luís Felipe C. C. de Campos – FEF/UNICAMP

Eduardo Mayr – ABRC

Carlos Sigmaringa - ABRC

4 - Remo – Sala 5 FEF

José Paulo Sabadini de Lima - Confederação Brasileira de Remo

12h00 – **Almoço**

14h00 – **Avaliação em Esporte Paraolímpico** - Mesa Redonda (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Benedito Sergio Denadai – UNESP/Rio Claro

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Marco Túlio Mello - CEPE/UNIFESP

Coordenação: Alberto Martins da Costa – UFU/MG

17h00 - **Coffee Break** - Hall

17h30 – **Encerramento** - (Centro de convenções - Auditórios 1 e 3)

Andrew Parsons - Presidente CPB

José Júlio Gavião de Almeida – FEF/UNICAMP

Cursos Pré-Congresso

	17/Nov (FEF) Curso 1 (Sala 5)	18/Nov (Centro de convenções)	
		Curso 2 (Auditório 1)	Curso 3 (Auditório 3)
09h00 - 12h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha
14h00 - 18h00	Processo de Formação de Jovens Atletas Colin Higgs - Canadá	Princípios do Treinamento Marco Cardinale - Itália	Princípios da Classificação Funcional Peter Van de Viliet - Alemanha

Resumos das Palestras

Esporte Paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas

Andrew Parsons – Presidente do CPB

O desenvolvimento do esporte Paraolímpico no Brasil, frente aos seus desafios e ações, atuais e a serem enfrentados, resumir-se-á nesta fala, em quatro pontos essenciais. O desenvolvimento do esporte paraolímpico desde seu surgimento após a II Guerra Mundial até os Jogos Paraolímpicos Pequim 2008 e as novas perspectivas para o Brasil com a realização dos Jogos Paraolímpicos Rio 2016. Como um movimento que surgiu da reabilitação de soldados lesionados de guerra, que começaram a utilizar o esporte após adquirirem seqüelas permanentes em combate, se transformou num fenômeno global, em que seu momento máximo, os Jogos Paraolímpicos, são atualmente um dos maiores eventos multi-desportivos do planeta, com cerca de 4000 atletas de mais de 140 países, com mais de 3 bilhões de telespectadores em audiência acumulada. Como o alto-rendimento dos atletas paraolímpicos influência e muda a percepção da sociedade em relação às pessoas com deficiência promovendo transformações significativas na sociedade. O potencial esportivo, social e de negócios dos Jogos Paraolímpicos Rio 2016 e o desafio do Comitê Paraolímpico Brasileiro de posicionar-se diante deste cenário de oportunidades.

Treinamento em Esporte Paraolímpico

Marco Cardinale - British Olympic Association/Reino Unido

O Treinamento Paradesportivo é a prática de exercícios físicos de forma sistematizada capaz de gerar adaptações em níveis metabólicos, fisiológicos e psicológicos cuja finalidade principal, é de obter o triunfo competitivo, além de contribuir para a formação, integração e reconhecimento do papel social da pessoa com deficiência. No entanto, torna-se necessário, cada vez mais, o fundamento teórico a ser adquirido por treinadores, provenientes das investigações científicas em diversas temáticas relacionadas com a ciência do esporte (GOMES, 2009).

Formação de Novos Atletas

Colin Higgs

International Council for Sport Science and Physical Education – Canadá

A busca por excelência nos diversos aspectos relacionado ao rendimento esportivo, corresponde a preocupação das delegações e clubes em obter resultados expressivos em eventos esportivos. No entanto, torna-se necessário, cada vez mais, a formação de novos atletas, visto que, esses resultados expressivos são superados a todo instante. Contudo, a formação de novos atletas compreende ao trabalho psicológico, assim como, adiantamento e maximização das capacidades e habilidades motoras e coordenativas previamente adquiridas na infância e na adolescência através de processos de seleção e treinamentos intensivos.

Resumos das Mesas Redondas

Classificação Funcional

Patrícia Silvestre de Freitas – UFU/MG

Peter Van de Viliet – DM – IPC

Helder Costa Filho DV – CPB

A Classificação Funcional no Brasil tem sido realizada desde 1990, sempre ligada as entidades divididas por deficiência no Brasil. Em função das mudanças na organização geral do esporte paraolímpico no mundo e da crescente melhora seja em níveis técnicos ou de participação, os países filiados ao IPC sentiram a necessidade de se adequar novas idéias e profissionalismo do paradesporto. Nesse sentido o Brasil vem paulatinamente procurando se adequar a nova filosofia da classificação funcional possibilitando uma melhora do paradesporto no país. Uma dessas ações foi a implantação do circuito caixa de atletismo e natação desde 2005, que por meio das etapas regionais e nacionais que possibilitou além da disseminação do esporte e participação de novos atletas, informações e adequações da classificação funcional nas modalidades. Com a sistematização do circuito nos anos subseqüentes, houve a necessidade crescente de preparar profissionais qualificados de classificação funcional nacional e internacionalmente em todas as modalidades repercutindo positivamente nas campanhas realizadas pelo CPB com as equipes regionais, nacionais em mundiais, *PARAPANAMERICANOS* e jogos *PARAOLÍMPICOS*.

Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico

Michael Cary - IPC Academy/Inglaterra

José Júlio Gavião - FEF/UNICAMP

Alberto Martins da Costa – UFU/MG

O desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro nas últimas décadas sem sombra de dúvidas é inquestionável. Nos últimos três ciclos paraolímpicos o Brasil saiu de uma 24ª posição no ranking mundial para ocupar a 9ª posição nas últimas paraolimpíadas de Pequim, isso coloca o esporte paraolímpico brasileiro, decisivamente como uma das maiores potências do mundo, consolidando de forma concreta o movimento no nosso país e ao mesmo tempo deflagrando um momento de profundas transformações na busca de um projeto maior e mais auspicioso onde conceitos, estratégias técnicas e políticas terão que ser adotadas para consolidar sua posição de potência esportiva paraolímpica no cenário internacional. A preparação de recursos humanos para atuar no esporte paraolímpico com competência e conhecimento científico se torna, atualmente, um dos nossos principais desafios, pois mesmo com toda a crescente evolução demonstrada pelo esporte paraolímpico brasileiro ainda carecemos de uma maior e melhor democratização das experiências adquiridas pelos poucos técnicos, dirigentes e profissionais desta área, a expandindo para todo o território nacional as experiências e conhecimentos acumulados ao longo dessa trajetória. Assim, se torna imperioso e urgente a realização de projetos de formação de novos técnicos, dirigentes, profissionais de saúde e pessoal de apoio para suportar e dar continuidade ao desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro.

Avaliação em Esporte Paraolímpico

Benedito Sergio Denadai – UNESP/RC

José Irineu Gorla - FEF/UNICAMP

Marco Túlio de Mello - CEPE/UNIFESP

O Esporte Paraolímpico é um fenômeno que com o passar dos anos tem atraído o interesse da comunidade em geral, tanto da mídia quanto de pesquisadores no intuito de promover avanços nos sistemas de treinamento. A avaliação cumpre o papel de promover base para o planejamento dos treinamentos, bem como para monitorar a efetividade deste. Com isso o objetivo desta mesa redonda é apresentar os conceitos atuais de avaliação aplicada ao esporte paraolímpico bem como apresentar os resultados das avaliações realizadas com os atletas paraolímpicos brasileiros. Serão apresentados fundamentos de avaliação fisiológica como, por exemplo, avaliação cardiorrespiratória com analisador de gases e, análise de lactato. Também serão apresentados os conceitos de avaliações antropométricas e motoras aplicadas ao esporte paraolímpico. Por fim será possível uma análise dos resultados das avaliações nos últimos ciclos-paraolímpicos e sua relação com os resultados obtidos.

Resumos dos Mini-Cursos

Esgrima em Cadeira de Rodas

Válber Nazareth – Academia da Força Aérea/CPB

A esgrima em cadeira de rodas foi adaptada por Ludwig Guttmann, em 1953, para a prática pelas pessoas com deficiência física usuárias de cadeira de rodas (CPB, 2010). A diferença para a esgrima olímpica é que os atletas têm suas cadeiras fixadas no solo. Caso um dos esgrimistas se mexa, o combate é interrompido. Os equipamentos obrigatórios da modalidade são: máscara, jaqueta e luvas protetoras. Nos duelos de florete, a arma mais leve, há uma proteção para as rodas da cadeira. Nas disputas de espada, uma cobertura metálica é utilizada para proteger as pernas e as rodas da cadeira. As competições se dividem em categorias de acordo com a arma: florete, espada e sabre. Em nível paraolímpico, a modalidade é uma das mais tradicionais. Homens e mulheres duelam desde a primeira Paraolimpíada em Roma (1960). Desde então as regras têm se desenvolvido de acordo com os avanços em técnicas de fixação das cadeiras no chão. O objetivo do mini-curso é divulgar a modalidade de forma a estimular a sua prática no Brasil. O conteúdo será ministrado com uma estrutura teórico-prática contendo os aspectos históricos, as regras básicas e os fundamentos técnico-táticos da modalidade.

Vôlei Sentado

Ronaldo Gonçalves de Oliveira – ABVP⁴
Amauri Ribeiro – ABVP

O Voleibol Sentado surgiu em 1956, na Holanda, a partir da combinação do Atletismo e do Sitzball (esporte alemão que não tem a rede, praticado por pessoas com limitação e que jogavam sentadas). Logo se percebeu que o Sitzball era muito passivo; estavam sendo procuradas então, outras formas de jogo que dessem maior mobilidade. Em 1956, o Comitê de Esportes da Holanda introduziu um novo jogo chamado de Vôlei Sentado. No Brasil o voleibol sentado foi introduzido no final de 2002, em um torneio realizado com 3 equipes, na cidade de Mogi das Cruzes-SP. As regras do voleibol sentado são praticamente iguais ao do voleibol convencional, sendo que uma das diferenças é o fato do jogador poder bloquear o saque. São elegíveis para a modalidade atletas com amputação (acima de articulações), os Lês Autres (pólio, lesão medular, má formação, etc.) e os atletas com Deficiência Mínima (problemas nos joelhos, tornozelos e semelhantes), sendo que neste caso, somente um atleta pode estar em quadra. Para jogar o voleibol sentado, o deslocamento no chão é tão importante, quanto os fundamentos técnicos, pois propicia agilidade e rapidez para execução das jogadas, pois o jogo é extremamente veloz.

⁴ Associação Brasileira de Vôlei Paraolímpico

Rúgbi em cadeira de rodas

Luís Felipe C. C. de Campos – FEF/UNICAMP

Mateus Betanho Campana – FEF/UNICAMP

Eduardo Mayr – ABRC⁵

Carlos Sigmaringa - ABRC

O esporte surgiu no Canadá, em 1977. Apesar de ser uma modalidade relativamente nova, sua expansão tem sido rápida internacionalmente. Em 1996, nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, o rúgbi em cadeira de rodas estreou na maior competição paraolímpica mundial. Nesta ocasião, apenas os homens entraram em quadra. Já em Sydney (2000), as equipes eram formadas por homens e mulheres (CPB, 2010). O rúgbi é bastante similar ao futebol americano e ao basquetebol. O jogo consiste em uma disputa entre dois times com 4 jogadores em quadra e mais quatro reservas numa quadra com as mesmas dimensões da quadra de basquetebol. Ao fundo da quadra dois cones demarcam a zona de pontuação (separados por oito metros). O objetivo do jogo é atravessar a zona de gol com a posse da bola e, assim a equipe marca um ponto. Ao final de quatro quartos de oito minutos cronometrados a equipe com a maior soma de pontos vence a partida. As cadeiras de rodas deste esporte são especialmente adaptadas para resistir ao constante contato pois são permitidos choques entre as cadeiras tanto no ataque quanto na defesa. Neste minicurso serão abordadas as regras, os fundamentos técnicos e táticos de modo a apresentar o conhecimento básico para início da prática.

⁵ Associação Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas

Remo Paraolímpico

José Paulo Sabadini de Lima – CBR⁶

O Remo entrou no programa dos jogos paraolímpicos no ano de 2005 e sua primeira paraolimpíada foi em 2008 em Pequim – China (CPB, 2010). Praticado desde os anos 1980', hoje o remo é dividido em quatro categorias de competição: *Single Skiff Masculino*, *Single Skiff Feminino*, *Doublé Skiff Misto* e *Quatro Com Misto*. Cada uma delas pode ser composta por atletas com diferentes tipos de deficiências que são classificados de acordo com a capacidade funcional empregada: A – Grupamento funcional utilizado: braço; TA – Grupamento funcional utilizado: tronco e braço; LTA – Grupamento funcional utilizado: perna, tronco e braço. O objetivo do minicurso é apresentar os conceitos básicos de regulamentação e fundamentos da modalidade de modo a incentivar a sua prática no Brasil com vistas aos jogos do Rio-2016. A estrutura do curso será teórica com apresentação de imagens ilustrativas da modalidade.

⁶ Confederação Brasileira de Remo

Relação dos trabalhos apresentados

Área temática: Treinamento em Esporte Paraolímpico

Nº	Título/Autores
1.	ASSOCIAÇÕES FUNCIONAIS AO DESEMPENHO EM DOIS NADADORES PARAOLÍMPICOS SUBMETIDOS A UM PROGRAMA DE TREINAMENTO PERIODIZADO: UM ESTUDO DE CASO. <i>Cristiano S. CERQUEIRA, Erick F. Q. CONDE, Leandro M. SILVEIRA, Bruno R. R. OLIVEIRA, Tony M. SANTOS.</i>
2.	CARACTERÍSTICAS MORFOFUNCIONAIS DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS DE LEVANTAMENTO SUPINO COM DIFERENTES NÍVEIS DE QUALIFICAÇÃO. <i>Paulo Dantas, Larissa D. Vale, João B. Amorim, Vera I. Brüch, Hênio F. Miranda, Roberto Vital,</i>
3.	CARACTERIZAÇÃO DO ATLETA MASCULINO DE VOLEIBOL PARAOLÍMPICO. <i>Anne Carolline Veríssimo dos SANTOS, Marcelo de Castro HAIACHI</i>
4.	CARACTERIZAÇÃO DO BASQUETE SOBRE RODAS. <i>Paulo Roberto Brancatti, Bruno César Rotoly, Daniel Ribeiro da Silva, Guilherme Luis Santana Luchesi, Mayla Ferrari, Camila Mattos, João Paulo Casteleti.</i>
5.	DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DA PROVA DE 100 METROS RASOS DOS VELOCISTAS OLÍMPICOS E OS PARAOLÍMPICOS CEGOS NAS OLIMPÍADAS E PARAOLIMPÍADAS DE SYDNEY (2000), ATENAS (2004) E BEIJING (2008). <i>Alexandre Evangelista do CARMO, Luiz Cláudio Locatelli VENTURA, Luis Antonio dos SANTOS</i>
6.	DESENVOLVIMENTO DO TALENTO PARAOLÍMPICO NO TÊNIS DE MESA. <i>Caio Ferraz CRUZ, Miriele MARCELO, Marcelo MASSA</i>
7.	EFEITO DO EXERCÍCIO AGUDO SOBRE O LACTATO EM PACIENTE COM TRAUMATISMO CRÂNIO-ENCEFÁLICO. <i>SANTOLIA, P.; DE MELLO, MT; MODOLO, V., ANTUNES, HK., RZEZAK, P.</i>
8.	ESPORTES PARAOLÍMPICOS: DA REABILITAÇÃO À SUPERAÇÃO. <i>Mey A. van MUNSTER, Aline BASSO, Aline SÁ, Elizabeth C. BIANCONI, Fernanda G. QUIDIM, Glauco U. ANELLI, Melina RADAELLI, Patrícia ROSSI, Patrícia S. OLIVEIRA</i>
9.	ESTADO EMOCIONAL PRÉ-COMPETITIVO: COMPARAÇÃO ENTRE ATLETAS E GUIAS. <i>Verena J. PEDRINELLI, Simone S. GOMES, Gerson dos S. LEITE, Rodrigo D D'ALONSO, Luiz F. T. POLITO, Ciro W. de OLIVEIRA FILHO, Maria Regina F. BRANDÃO</i>
10.	IDENTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES DOS JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS DURANTE O JOGO E SUA RELAÇÃO COM A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL. <i>Jeniffer L. CAMPOS, Karine J. SARRO, Ricardo M. L. de BARROS</i>
11.	INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO FÍSICO SOBRE O SONO DE UM PACIENTE COM TRAUMATISMO CRÂNIO ENCEFÁLICO. <i>MODOLO V., MELLO MT., SANTOLIA P., ANTUNES HK., RZEZAK P.</i>
12.	LESÕES ESPORTIVAS EM ATLETAS PRATICANTES DE FUTEBOL DE 5 (FUTEBOL DE CEGOS). <i>Marília Passos Magno e Silva, Natacha Manchado Pereira, Anselmo Athayde Costa e Silva, Luis Felipe C.C. de Campos, Leonardo Trevisan, Jacqueline Martins Patatas, José Irineu Gorla, Edison Duarte.</i>

13.	O DESPORTO ADAPTADO NA CIDADE DE MACEIÓ/AL. <i>Flávio A. P. de MELO, Neiza de L. F. FUMES</i>
14.	O ESPORTE PARAOLÍMPICO PARA ALÉM DO "OURO": UMA ABORDAGEM BIOÉTICA SOBRE A PRÁTICA DAS MODALIDADES BOCHA E RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS. <i>Márcia S. CAMPEÃO, Fermim R. SCHRAMM</i>
15.	O EXERCÍCIO FÍSICO REDUZ A MASSA ADIPOSITIVA E A CONCENTRAÇÃO DE LEPTINA EM LESIONADOS MEDULARES. <i>Flavia A. FIGUEIREDO, Flavia F. BEZERRA, Magna C. F. PASSOS, Egberto G. de MOURA, Josely C. KOURY.</i>
16.	ORIENTAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E MOTORA. <i>Márcia GREGUOL</i>
17.	QUALIDADE DE VIDA DOS ATLETAS QUE PARTICIPARAM DOS JOGOS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS (JIMI) NA MODALIDADE PARAOLÍMPICA DE ATLETISMO. <i>Rogério José Maria BORGES, Lia Carla Gordon LEME, Antonio José GRANDE, Guanis de Barros VILELA JUNIOR, Rute Estanislava TOLOCKA.</i>
18.	TENDÊNCIAS COMPETITIVAS DE ATLETAS PRATICANTES DE MODALIDADES PARADESPORTIVAS., <i>Márcia GREGUOL</i>
19.	BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS NO SUL DO BRASIL: BARREIRAS E FACILITADORES. <i>Laura Garcia Jung, Alexandre Carriconde Marques, Mário Renato de Azevedo Júnior.</i>

Área temática: Formação de Recursos Humanos para o Esporte Paraolímpico

Nº	Título/Autores
20.	DO PÁTIO AO PÓDIUM: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA DEFICIENTES VISUAIS NO AMBITO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. <i>Antonio Fernandes Santos do NASCIMENTO, Filipe Lopes BARBOZA, Vanessa Rocha Zardini NAKAJIMA.</i>
21.	ESTRATÉGIAS DE ENSINO E INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O TÊNIS DE MESA ADAPTADO. <i>Ingrid SALES, Mariana S. P. GOMES</i>
22.	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA PARA A ATUAÇÃO NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA. <i>Elaine C. SOUTO.</i>
23.	O CENTRO DE REABILITAÇÃO COMO IMPORTANTE CELEIRO DE POTENCIAIS ATLETAS PARAOLÍMPICOS: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA DE 2005 ATÉ 2009. <i>Daniel JOPPERT, Renata T. LESSA, Thiago NUNES, Victor Hugo BASTOS, Marco ORSINI.</i>
24.	PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: OPORTUNIDADE PARA A PRÁTICA DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS. <i>Alexandre Carriconde MARQUES, Angélica Xavier KALINOSKI, Laura Garcia JUNG.</i>
25.	PROPOSTA DE INSERÇÃO DOS RECURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E DOS ESPORTES PARAOLÍMPICOS EM CONTEÚDOS CURRICULARES DAS DIFERENTES DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. <i>Débora L. G. CIARLA, Márcia S. CAMPEÃO</i>
26.	RESULTADOS DA INTERVENÇÃO DE EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS. <i>Alexandro Q. S. PEREIRA.</i>

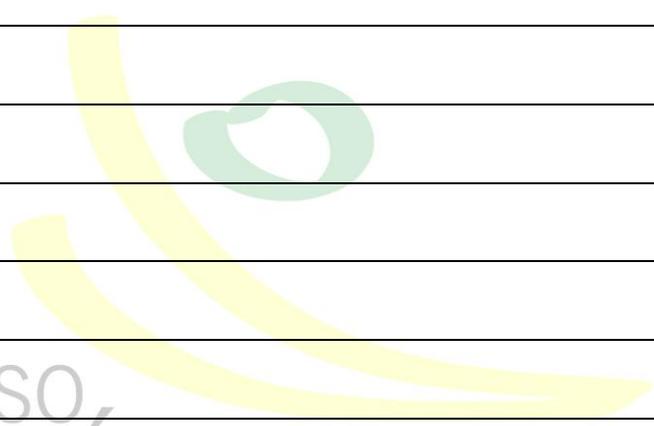
Área temática: Avaliação em Esporte Paraolímpico

Nº	Título/Autores
27.	ANÁLISE DA INCIDÊNCIA DEMOGRÁFICA DE PATOLOGIAS NA NATAÇÃO PARAOLÍMPICA. <i>Thiago NUNES, Ana Carolina MAIA, Adriana C. DIETRICH, Alexandre GARRAFA, Emilene ROSA, Jacqueline D. PENAFORT, Guillermo S. GRITSCH, Heloísa S. P. BARBOSA, Natacha T. AZEVEDO</i>
28.	ANÁLISE DAS PARTICIPAÇÕES DA NATAÇÃO BRASILEIRA EM JOGOS PARAOLÍMPICOS. <i>Gustavo Maciel ABRANTES, Luiz Duarte de Ulhôa ROCHA JÚNIOR.</i>
29.	ANÁLISE DE FREQUÊNCIA DE LESÕES EM ATLETAS DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS. <i>Márcia Cristina Fernanes, Marcelo Borner de Araújo, Marcos Fernandes Teixeira, Gildson guedes Moura Josué, Roberto Vital, Hesogy Gley Pereira da Silva</i>
30.	ANÁLISE DO PERFIL EDUCACIONAL E ESPORTIVO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA VISUAL, PARTICIPANTE DA MODALIDADE GOALBALL NAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES BRASILEIRAS. <i>Otávio Luis P.C. FURTADO, José Júlio Gavião de ALMEIDA.</i>
31.	ANÁLISE DOS EFEITOS DAS DIFERENTES CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE AGILIDADE FÍSICA. <i>Rodrigo A. BARROS, Walkiria G. Moraes, Ciro Winckler. de OLIVEIRA FILHO.</i>
32.	APLICABILIDADE DAS EQUAÇÕES DE PREDIÇÃO DE GORDURA CORPORAL PARA ATLETAS COM LESÃO MEDULAR. <i>José I. GORLA, Natacha M. PEREIRA, Anselmo de A. COSTA e SILVA, Celso D. RAMOS, Allan O. SANTOS, Raquel N. CABRERA, Décio R. CALEGARI, Luis F. C. C. CAMPOS</i>
33.	AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ANTROPOMETRIA E PERCENTUAL DE GORDURA EM LESADOS MEDULARES. <i>Anselmo de A. COSTA e SILVA, Natacha M. PEREIRA, Celso D. RAMOS, Allan O. SANTOS, Raquel N. CABRERA, Luis F. C. C. CAMPOS, Décio R. CALEGARI, José I. GORLA.</i>
34.	AVALIAÇÃO INDIRETA DA CAPACIDADE CARDIORRESPIRATÓRIA DE ATLETAS COM LESÃO MEDULAR. <i>Lucinar Jupir Forner FLORES, Luis Felipe Castelli Correia de CAMPOS, Rafael Botelho GOUVEIA, Luis Gustavo de Souza PENA, Mariane BORGES, Fernando Rosch de FARIAS, Natacha Manchado PEREIRA, Anselmo de Athayde COSTA e SILVA, Décio Roberto CALEGARI e José Irineu GORLA</i>
35.	AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DE JOELHO EM ATLETAS PARAOLÍMPICOS: MODALIDADE ATLETISMO. <i>Andressa SILVA, Ciro WINCKLER, Ronnie PETERSON, Roberto ITIRO, Roberto VITAL, Gerson LEITE, Ivan TAIAR, Sergio TUFIK, Marco Túlio DE MELLO.</i>
36.	AVALIAÇÃO SENSORIOMOTORA DE JOGADORES DO FUTEBOL COM PARALISIA CEREBRAL <i>Erick CONDE, Cristiano CERQUEIRA, Rodrigo MESQUITA, Leandro M. da SILVEIRA</i>
37.	CARACTERIZACIÓN DE LA FRECUENCIA CARDÍACA Y LACTATEMIA EN ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS. <i>Válber NAZARETH, Xavier IGLESIAS, Anselmo de A. COSTA e SILVA, Edison DUARTE, Jacqueline M. PATATAS, Luis Gustavo Teixeira Fabrício dos SANTOS, Luis Gustavo de Souza PENA, José Irineu GORLA</i>
38.	COMPARAÇÃO ENTRE TESTE DIRETO E INDIRETO PARA DETERMINAÇÃO DO LIMIAR EM NADADOR PARADESPORTIVO. <i>João A Borges, Rodrigo F. Magosso,</i>

39.	CORRELAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E DESEMPENHO MOTOR EM ATLETAS TETRAPLÉGICOS PRATICANTES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS. <i>Luís Gustavo S. PENA, Luis Felipe C. C. CAMPOS, Anselmo de A. COSTA E SILVA, Rafael B. GOUVEIA, Luiz Gustavo F. dos SANTOS, Marília P. MAGNO E SILVA, Lucinar J. F. FLORES, Jose I. GORLA</i>
40.	DESEMPENHO EM TAREFA VIRTUAL DE ATLETAS DEFICIENTES PRATICANTES DE TÊNIS DE MESA. <i>Carlos Bandeira de Mello MONTEIRO, Mariana MOURA, Miriele Alvarenga MARCELO, Raquel Agnes Bello GRAÇA, Bruno da Silva dos SANTOS, Joana Paula de BARROS, Jaqueline Freitas de Oliveira NEIVA.</i>
41.	DESEMPENHO MOTOR DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA PARAOLÍMPICA DE 2010. <i>Edison DUARTE, Valber L. NAZARETH, Xavier IGLESIAS, Anselmo de A. COSTA e SILVA, Luiz G. T. F. do SANTOS, Luis G. de S. PENA, Jacqueline M. PATATAS, José I. GORLA</i>
42.	DISPOSITIVO PARA DETECÇÃO DE INFRAÇÕES NA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS VIA REDE MICROPROCESSADA DE SENSORES. <i>Lucas CAVALHEIRO, Alexandre MOTA, Lia MOTA, Edison DUARTE, Válber NAZARETH</i>
43.	EFEITO DE DIFERENTES CARACTERÍSTICAS DE CADEIRAS DE RODAS ESPORTIVAS NUM TESTE DE RESISTÊNCIA FÍSICA. <i>Walkiria G. Moraes, Rodrigo A. Barros e Ciro W. Oliveira Filho.</i>
44.	METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE EMOÇÕES VIVENCIADAS DURANTE COMPETIÇÕES ESPORTIVAS PARAOLÍMPICAS. <i>Rute E TOLOCKA, Maria do Carmo Rossler FREITAS, Rogério José Maria BORGES, Ademir DE MARCO, Paulo Roberto Gardel KURKA</i>
45.	PERFIL ANTROPOMÉTRICO DOS ESGRIMISTAS PARTICIPANTES DO TERCEIRO CAMPEONATO BRASILEIRO DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS. <i>Natacha M. PEREIRA, Edison DUARTE, Xavier IGLESIAS, Valber L. NAZARETH, Anselmo de A. COSTA e SILVA, Luiz G. T. F. do SANTOS, Jacqueline M. PATATAS, José I. GORLA.</i>
46.	RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ISOCINÉTICA DA COLUNA EM ATLETAS DE BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS: Um Estudo Piloto. <i>Sileno SANTOS, Regina C. da SILVA, Júlia M. D. GREVE, Ângela Tavares PAES</i>
47.	TEMPO DE REAÇÃO NA SAÍDA DO BLOCO: UM ESTUDO DE CASO COM NADADORES PARAOLÍMPICOS. <i>Leandro M. SILVEIRA, Cristiano S. CERQUEIRA, Erick CONDE</i>
48.	VALORACIÓN DIRECTA DEL CONSUMO DE OXÍGENO EN ESGRIMA EN SILLA DE RUEDAS. <i>Xavier IGLESIAS, Válber NAZARETH, Anselmo de A. COSTA e SILVA, Edison DUARTE, Jacqueline M. PATATAS, Luis Gustavo Teixeira Fabrício dos SANTOS, Natacha Manchado PEREIRA, José I. GORLA,</i>
49.	VARIAÇÃO DA PERFORMANCE DE NADADORES PARAOLÍMPICOS BRASILEIROS NO PERÍODO 2000 A 2008. <i>Luiz M. R. LUZ, Caroline C. VENDITE, Carolina D.C. TAKAHASHI, Rafael ARAUJO .</i>
50.	ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR ENTRE VELOCIDADE MÉDIA DE DESLOCAMENTO DO JOGADOR DURANTE UMA PARTIDA E CAPACIDADE VITAL FORÇADA DE JOGADORES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS. <i>Juliana Viana PARIS, Juliana Landolfi MAIA, Marlene A. MORENO, Karine Jacon SARRO, Ricardo Machado Leite de BARROS</i>
51.	RELAÇÃO ENTRE MARCADORES FISIOLÓGICO, BIOQUÍMICO E PSICOLÓGICO DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS E GUIAS 24 HORAS, UM ESTUDO PILOTO. <i>Gerson dos Santos LEITE, Ciro Winckler de Oliveira FILHO, Andressa SILVA, Ronnie PETERSON, Roberto ITIRO, Roberto VITAL, Marco Túlio de MELLO, Maria Regina Ferreira BRANDÃO, Rogério Brandão WICHI</i>

Área temática: Classificação Funcional em Esporte Paraolímpico

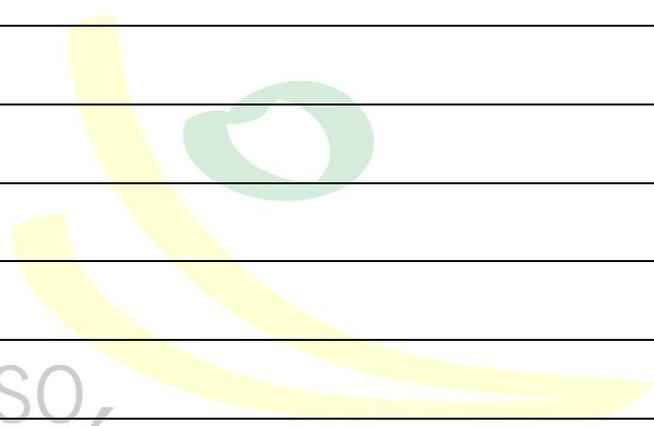
Localização	Título/Autores
52.	ANÁLISE DOS CÓDIGOS COM MAIOR COMPROMETIMENTO NAS CATEGORIAS DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF) DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS. <i>Danyelle F. S. BENATTI; Lara N. PEIXOTO; Fernanda C. MESSALI; Ana Claudia S. FORTALEZA; Eliane F. CHAGAS</i>
53.	ANÁLISE QUANTITATIVA DE ATLETAS INELEGÍVEIS E INCLASSIFICÁVEIS DAS PARAOLÍMPIADAS ESCOLARES CLASSIFICADOS EM 2009 E 2010. <i>Guillermo Sanchis GRITSCH, Heloísa Stangier P. BARBOSA</i>
54.	AVALIAÇÃO DOS ATLETAS PRATICANTES DE BASQUETE SOBRE RODAS UTILIZANDO A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE (CIF). <i>Lara N. PEIXOTO¹; Fernanda C. MESSALI; Danyelle F. S. BENATTI¹; Ana Claudia S. FORTALEZA; Eliane F. CHAGAS</i>
55.	CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE NO DOMÍNIO DE ATIVIDADES E PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS DO "TORNEIO REGIONAL DE SÃO PAULO BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS" <i>Fernanda C. MESSALI, Danyelle F. S. BENATTI, Lara N. PEIXOTO, Ana Claudia S. FORTALEZA, Eliane F. CHAGAS,</i>
56.	LEVANTAMENTO DOS TIPOS DE DEFICIÊNCIA E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO ATLETISMO NO BRASIL. <i>João Paulo C. SOUZA, Patrícia S. FREITAS, Rita C. MONTELLI.</i>
57.	MAPEAMENTO DA CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE GOALBALL: UM ESTUDO DO MUNDIAL DE SHEFFIELD 2010. <i>Alessandro TOSIM, José Julio Gavião DE ALMEIDA</i>
58.	PARTICIPAÇÃO DE NADADORES DE CLASSIFICAÇÃO BAIXA NOS JOGOS ESCOLARES PARAOLÍMPICOS 2009/2010 E NOS JOGOS AQUÁTICOS DO CEARÁ 2010. <i>Raissa Forte Pires CUNHA, Camila Amaral Martins NUNES, Heloisa Strangier Pires BARBOSA.</i>
59.	RELAÇÃO ENTRE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E SPRINT DE 20 M DE JOGADORES DE BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS. <i>Mauro A. Guerra Junior, Vinicius M Nunes, Bernardo M. F. Pereira, Martoni M. Sampaio, Karine J. Sarro</i>



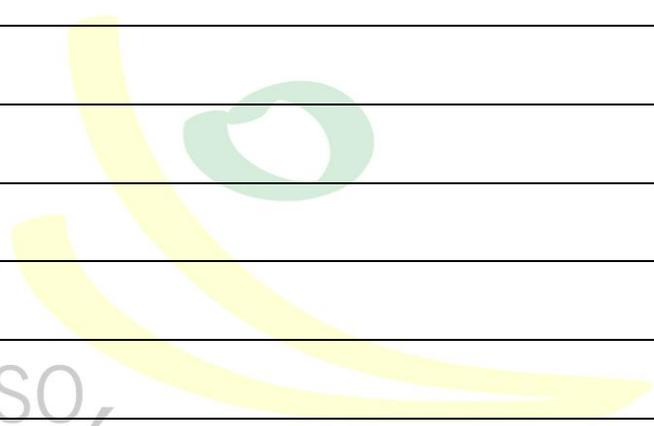
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



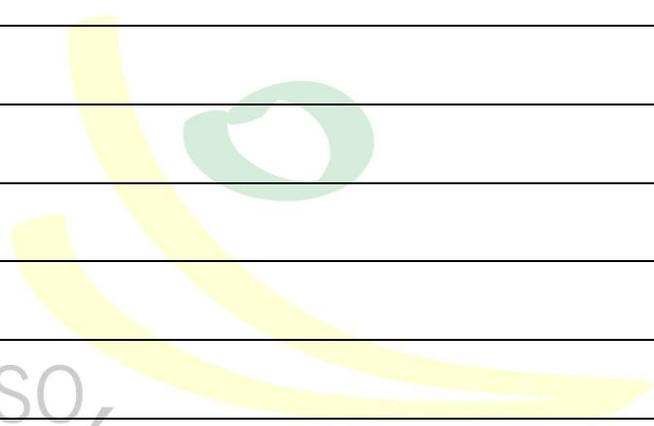
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



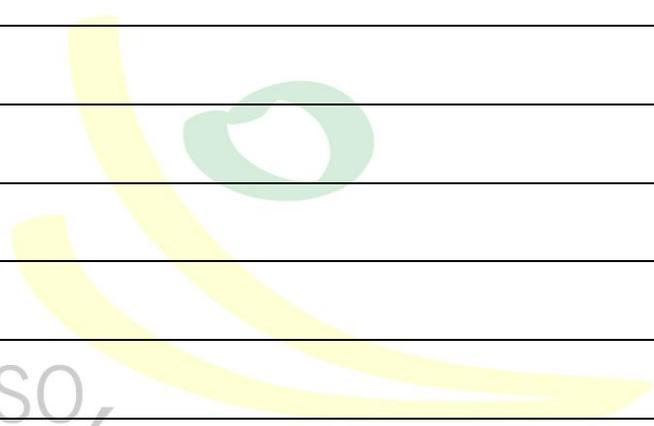
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



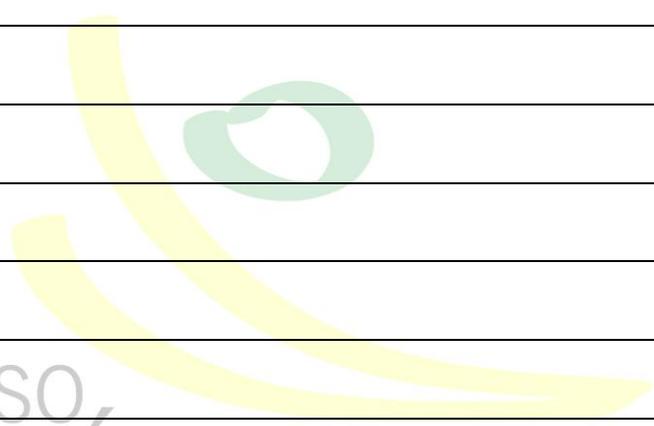
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



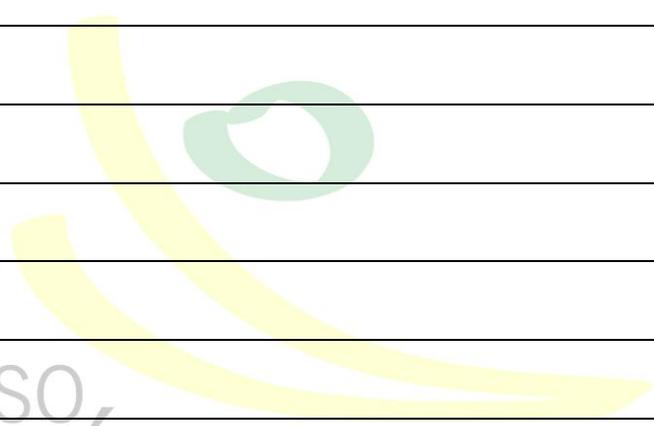
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



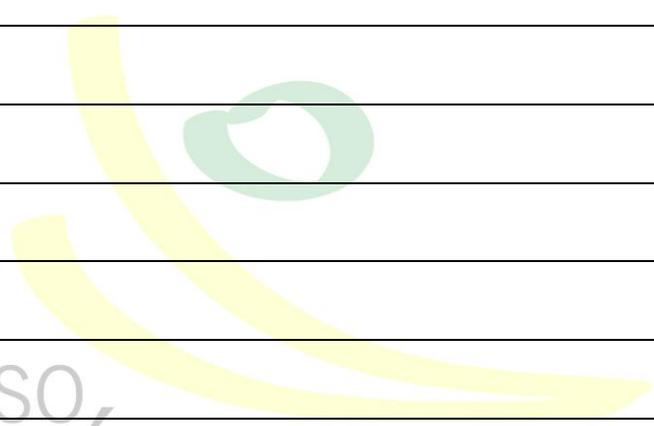
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



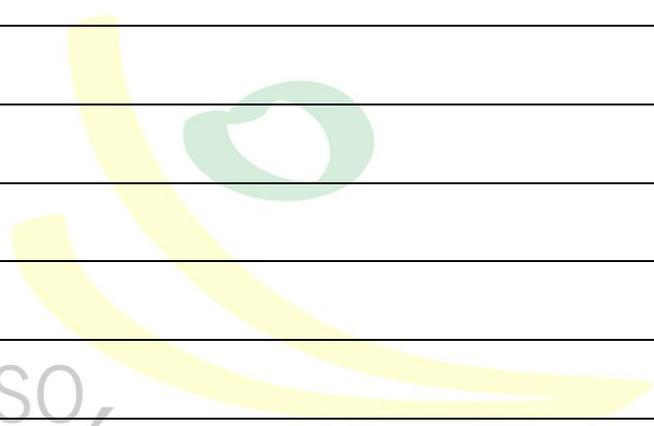
CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

Contatos e informações

Telefones úteis

<i>Aeroporto de Viracopos</i>	<i>Hospital das Clínicas - Unicamp</i>	<i>Rodovia das Colinas</i>
<i>(INFRAERO)</i>	<i>Complexo e pronto socorro</i>	<i>highway - Colinas</i>
Viracopos Airport (INFRAERO)	Clinicals Hospital - Unicamp	 0800-703-5080
 3725-5000	Complex and emergency room	
	 3521-2121/3521-8773	
<i>Corpo de Bombeiros</i>	<i>Hospital Mario Gatti - Pronto</i>	
Fire department	<i>Socorro Municipal</i>	
	Hospital Mario Gatti - emergency room	
 193	 3772-5700	
<i>Polícia Federal</i>	<i>Polícia Rodoviária</i>	
Federal Police	Road Police	
 2245-2200/3345-2257	 3257-1499/3257-1455	
<i>Emergências (SAMU)</i>	<i>Rodoviária</i>	
Emergency	Bus station	
 192	 3731-2930	
<i>Centro Médico</i>	<i>Renovias</i>	
Medical Center	(Autoban - highway help)	
 3287 - 5800	 0800-559-696	

REALIZAÇÃO



Anais do



CONGRESSO
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO

19 e 20 de Novembro de 2010
Centro de Convenções da UNICAMP
Campinas/SP



ANAIS DO I CONGRESSO PARAOLÍMPICO BRASILEIRO

ORGANIZADORES

José Inneu Goria
Ciro Winkler de Oliveira Filho
Patrícia Silvestre de Freitas

PRODUÇÃO E SUPERVISÃO

Anselmo de Athayde Costa e Silva

REVISÃO

Edison Duarte
José João Gavilão de Almeida

CAPA

Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB

O CONTEÚDO DOS RESUMOS PUBLICADOS É DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS
AUTORES

ISSN – 978-85-99688-14-4

FICHA CATALOGRÁFICA

C76a

Congresso Paralímpico Brasileiro; (1.: Campinas, SP).
Anais do I Congresso Paralímpico Brasileiro / organizadores José
Inneu Goria, Ciro Winkler de Oliveira Filho, Patrícia Silvestre de
Freitas. – Campinas, SP: FE7/UNICAMP, 2010.
iii p.

Produção: Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB, Academia Paralímpica
Brasileira - APB, Faculdade de Educação Física - FE7/UNICAMP, Universidade
Federal de São Paulo - UNIFESP, Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

ISSN: 978-85-99688-14-4

1. Esporte paralímpico. 2. Avaliação. 3. Treinamento. 4.
Classificação funcional. 5. Esporte Paralímpico-Congressos. I. Goria,
José Inneu. II. Oliveira Filho, Ciro Winkler de. III. Freitas, Patrícia
Silvestre de. IV. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO



CONGRESSO,
PARAOLÍMPICO
BRASILEIRO